

**Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa  
Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas**



**Regeneração Urbana do Porto  
A Rua Galeria de Paris e o Quarteirão das Carmelitas (bairro cultural?)**

**2012/2013**

*Joana Rêgo de Mesquita*

Professor Orientador: Doutora Laura Castro

Para a minha irmã

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de endereçar o meu profundo e sincero agradecimento à minha orientadora, Dra. Laura Castro, pelo imensurável apoio, incentivo, orientação, dedicação, disponibilidade e motivação constantes sem os quais não teria sido possível iniciar e dar continuidade a este trabalho.

Seguidamente, o meu agradecimento à Universidade Católica Portuguesa do Porto pela visão e o pioneirismo em sistematizar os estudos relativos às Indústrias Criativas que me permitiram frequentar este mestrado em Gestão de Indústrias Criativas.

A todos os meus entrevistados: Manuela Costa, da loja A Vida Portuguesa, João Teixeira, do Plano B, Rui Miguel Silva, do Armazém do Chá...

Um agradecimento especial ao Arq<sup>o</sup> Virgínio Moutinho e o Prof. Doutor José A. Rio Fernandes pela disponibilidade de colaboração e disponibilização de material imprescindível para este estudo.

Ao meu pai, pela orientação no ingresso neste mestrado, pela inspiração na escolha do tema e pelas longas conversas que tantas vezes me conduziram a novas pistas. À minha mãe, pelo apoio incondicional. Aos dois pela paciência e tempo.

Não menos importante, ao Pedro Rio-Tinto pelo apoio, compreensão, incentivo, paciência e companheirismo durante todo o período de elaboração deste trabalho e mais além.

A todos os que de uma ou outra forma me apoiaram e ajudaram neste processo.

## **RESUMO**

Esta dissertação pretende reflectir sobre o papel dos espaços promotores de actividades culturais e/ou criativas encarados como elemento com dupla função de espelhar e potenciar a regeneração urbana.

Este trabalho propõe-se analisar o papel desempenhado pelos espaços que apresentam actividades culturais e/ou criativas na reocupação e dinamização de áreas desvitalizadas da cidade do Porto. Procurar-se-á entender em que medida esta tipologia de espaços apresenta maior eficácia nesse domínio do que os espaços comerciais convencionais.

Para tal, o trabalho abordará a regeneração urbana e problemáticas que lhe estão associadas, e situará o conceito de espaço de actividade cultural e/ou criativa relativamente a outras dinâmicas urbanas, concentrando-se num estudo de caso.

O estudo de caso incide sobre a Rua da Galeria de Paris e o Quarteirão das Carmelitas pela revitalização urbana que se evidencia desde 2006, por parte de iniciativa privada, num espaço que há décadas se encontrava deprimido e que nunca tinha encontrado o seu papel na vivência do centro do Porto para onde foi projectado no início do séc. XX.

**Palavras-chave: indústrias criativas, cultural/criativo, regeneração urbana, quarteirão cultural, comércio criativo, Porto.**

## ÍNDICE

Lista de Figuras .....	vii
Lista de Tabelas.....	viii
1. Introdução.....	1
2. Aspectos Metodológicos e Conceptuais .....	5
2.1 Metodologia .....	5
2.2 Conceitos Relevantes .....	8
3. Enquadramento: Reabilitação Urbana na Cidade do Porto - Estratégias e Instrumentos .....	12
4. Estudo de Caso: A Rua da Galeria de Paris e o Quarteirão das Carmelitas ...	21
4.1 A memória histórica.....	21
4.2 A Rua: factos e números .....	31
4.3 Levantamento e caracterização dos espaços comerciais de impacto cultural e criativo .....	39
4.4 Auscultação dos agentes .....	45
4.5 Discussão de resultados .....	59
4.5.1 Reabilitação - um primeiro passo .....	60
4.5.2 Revitalização - o seu a seu dono .....	62
4.5.3 Regeneração - um processo delicado.....	66
5. Considerações finais.....	68
Fontes e Bibliografia .....	71
APÊNDICES .....	77
1. Entrevistas .....	78
1.1 Guião orientador de entrevista .....	78
1.2 Entrevista – Armazém do Chá .....	80

1.3 Entrevista – Plano B.....	90
1.4 Entrevista – Galerias Paris .....	99
1.5 Entrevista – Livraria Lello .....	105
1.6 Entrevista – La Bohème .....	112
1.7 Entrevista – Miew .....	115
1.8 Entrevista – Casa do Livro.....	121
1.9 Entrevista – Café au Lait.....	130
1.10 Entrevista – A Vida Portuguesa.....	135

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Perfis das fachadas da Rua da Galeria de Paris.....	25
Figura 2- Aditamento a projecto de obras de modificação em edifício da Rua da Galeria de Paris .....	26
Figura 3- Parecer sobre obras de remodelação e ampliação em edifício da Rua da Galeria de Paris .....	27
Figura 4- Mapa do Quarteirão das Carmelitas onde se situa a Rua da Galeria de Paris .....	31
Figura 5- Identificação dos edifícios sobre o levantamento das fachadas do lado Poente da Rua da Galeria de Paris .....	35
Figura 6- Identificação dos edifícios sobre o levantamento das fachadas do lado Nascente da Rua da Galeria de Paris.....	36
Figura 7- Localização do Quarteirão das Carmelitas no mapa de rede do metro do Porto.....	38

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação afectiva .....	46
Tabela 2- Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação cultural e estética diferenciadora.....	47
Tabela 3- Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação económica.....	48
Tabela 4- Factores presentes na escolha do local para negócio: <i>Background</i> cultural dos agentes .....	49
Tabela 5- Factores presentes na escolha do local para negócio: Aspectos infraestruturais.....	50
Tabela 6- Factores de não atractividade na zona considerada: Dificuldades de licenciamento.....	50
Tabela 7- Factores de não atractividade na zona considerada: Desresponsabilização na actuação comercial .....	51
Tabela 8- Factores de não atractividade na zona considerada: Concorrência desleal.....	52
Tabela 9- Factores de não atractividade na zona considerada: Segurança .....	54
Tabela 10- Aspectos relevantes do modelo de negócio: Cooperação.....	54
Tabela 11- Aspectos relevantes do modelo de negócio: Programação cultural.....	56
Tabela 12- Aspectos relevantes do modelo de negócio: Estímulo da economia local.....	57

Tabela 13- Aspectos relevantes do modelo de negócio: Proximidade de local de trabalho/ habitação.....	58
---	----

## 1. Introdução

Os eventos culturais e a existência dos espaços necessários à sua manifestação são, tradicionalmente na história das cidades, um indicador do nível de desenvolvimento das urbes, por um lado, e, por outro, um instrumento desse desenvolvimento, reflexo e agente da situação existente.

Diversa documentação identificada aborda estas ideias isoladamente e a sua co-relação. A tipologia da documentação é vasta e abarca artigos de revistas científicas, dissertações de mestrado, de enfoque académico, investigação aplicada ou não, bem como dados provenientes de estudos e relatórios, de enfoque institucional, oriundos dos mais variados autores e entidades.

Estes trabalhos procedem ao recenseamento, análise e avaliação da importância das actividades culturais na economia portuguesa, análise e avaliação de políticas regionais e das cidades, propostas de políticas para a competitividade das cidades e de estratégias para a criatividade, como acontece, nomeadamente com estudos de caso comparativos e com a análise dos públicos da cultura.

Relativamente à cidade do Porto e região norte de Portugal, encontram-se diversos artigos de análise das estratégias e discursos políticos e estudos de caso de *clusters* emergentes.

O que se infere da maior parte da documentação encontrada é que o tema da competitividade das cidades não é só uma questão importante e urgente – e que depende da capacidade de regeneração das mesmas – mas, acima de tudo e entendida no seu sentido mais lato, esta regeneração não acontece unicamente pela via da reabilitação do património edificado senão pelo conjunto de acções culturais, sociais e económicas que dinamizam o centro das urbes e as comunidades existentes e a atrair.

Neste contexto, as actividades culturais e criativas aparecem como um elemento de relevo no que concerne à atracção de públicos e dinamização da economia cultural.

Este estudo pretende assim reflectir sobre o papel dos espaços promotores de actividades culturais e/ou criativas, quer enquanto elemento susceptível de permitir uma avaliação dos processos de regeneração urbana, quer enquanto elemento potenciador desses mesmos processos.

A actual preocupação em devolver a vida ao centro desvitalizado, desabitado e desocupado das cidades, o constante apelo à fixação de talento e criatividade nas mesmas com o intuito de criar um valor acrescido, torna o assunto pertinente.

A ideia surgiu da constatação da existência de actividades culturais e criativas em locais da cidade do Porto recentemente resgatados (desde 2006, aproximadamente) a uma situação de inércia e de abandono, como a Rua da Galeria de Paris e o quarteirão envolvente, tanto por iniciativa singular de donos de espaços nocturnos de lazer aí instalados, quer por associações culturais e de comerciantes, ambas beneficiando com a atracção de novos públicos e contínua ocupação nos seus espaços de actuação.

De não menos importância serão os motivos pessoais que levam à elaboração deste estudo – a ligação académica e profissional à área cultural e criativa e o profundo interesse pelas questões relacionadas com o pensar as cidades convergem num tema que importa à agenda tão actual da competitividade das cidades.

Face a um tema tão amplo como o da análise do papel dos espaços de actividades culturais e/ou criativas na regeneração urbana, a cidade do Porto e o referido quarteirão permitiram, portanto, enquadrar o âmbito do presente trabalho e garantir-lhe os contornos que o tornassem exequível nos limites académicos e nos limites temporais que lhe são inerentes. A necessidade de objectivar o mais possível levou ainda a cingir este trabalho a um estudo de caso, à análise clara e concisa de uma realidade palpável que nos permitisse chegar a algum tipo de conclusão consequente e proveitosa.

Assim sendo optou-se, primeiramente, por limitar o espaço físico de estudo. Escolheu-se a Rua da Galeria de Paris e o Quarteirão das Carmelitas pelo (relativamente) recente interesse que tem despertado em torno das suas dinâmicas de consumo, tanto nocturnas como diurnas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Neste ponto é importante referir que já numa fase final do trabalho, que manteve sempre um processo de investigação contínua, foi encontrada no Repositório Aberto da Universidade do Porto um trabalho de dissertação de mestrado, também elaborado em 2012, cujo objecto de estudo e interesse de análise em tudo são semelhantes ao trabalho que desenvolvemos. Contudo, convém clarificar que embora semelhantes na sua base, diferem em objectivos. O trabalho encontrado, extremamente completo na sua análise quantitativa, pretende explorar os conflitos e sinergias provocados por uma economia nocturna e seus agentes com vista à (re)formulação de políticas urbanas de gestão das cidades. Já esta dissertação propõe-se analisar o papel qualitativo de uma economia nocturna mais preocupada com a dinamização cultural e o modo como esta pode promover, quase por si só, uma regeneração profunda no tecido urbano-social fomentando também a vivência diurna daquele espaço e, quiçá, a sua reabilitação. Assim, a informação mais tecnicista encontrada naquela dissertação constituiu uma mais-valia de análise para este trabalho embora não se esgote em si. Todavia, o exemplo não é único e só vem reforçar o interesse que esta zona da cidade e as recentes dinâmicas constatadas têm num panorama de investigação.

Em seguida restringiu-se o campo das actividades culturais e criativas que interessava estudar. Se inicialmente nos ocorrera o tratamento das actividades culturais de carácter efémero, como espectáculos teatrais de carreira curta, o desenrolar da investigação levou-nos a contemplar outras actividades por não se terem identificado dados suficientes para sustentar apenas a abordagem daquele tópic.

Optou-se, portanto, por abordar a actividade associada a gabinetes de *design* e arquitectura, sedes de associações ou cooperativas culturais, exposições e concertos, feiras de artesanato tradicional e/ou contemporâneo, festivais, locais de lazer nocturno localizados na área em questão, que permitissem entender até que ponto é vital a sua existência para o desenvolvimento e a consolidação de uma vivência urbana. Abordar locais comerciais que não seguem apenas uma lógica de prestação de serviço e/ou venda de produto convencional, veiculando preocupações iminentemente culturais ou criativas permitiria perceber uma dinâmica urbana ainda mais relevante. Foi a constatação da presença destes negócios que nos motivou e é a reflexão sobre o seu impacto que dá corpo a este trabalho.

Formalmente o documento divide-se em três partes estruturantes.

A primeira parte – correspondente ao capítulo 3 – que se segue à Introdução e a um capítulo reservado à Metodologia, consiste num enquadramento teórico e conceptual onde se avançam os conceitos relevantes associados ao tema proposto. Aqui se procede ainda a um enquadramento do estudo de caso, através da análise dos instrumentos e estratégias utilizados na reabilitação do centro histórico da cidade do Porto ao longo dos últimos anos e se expõem e examinam as diferentes tipologias de actividades culturais e criativas.

A segunda parte – que corresponderá ao capítulo 4 – apresenta o estudo de caso, mediante uma caracterização histórica e uma caracterização socio-cultural. Aqui tem lugar uma análise mais profunda da definição das actividades culturais e das actividades criativas, do seu enquadramento nas indústrias criativas e da importância destas últimas (e conseqüentemente das primeiras) para o crescimento e competitividade das cidades.

Uma terceira parte – correspondente ao capítulo 5 – aborda a dinâmica cultural e criativa da Rua e do Quarteirão implicados na pesquisa, expondo todos os dados recolhidos (através de entrevistas, dados estatísticos, experiência presencial, etc.) e procedendo à sua discussão.

O último capítulo deste documento é reservado às considerações finais do estudo.

O processo de investigação foi extremamente enriquecedor especialmente na fase da pesquisa arquivística e histórica.

As principais dificuldades sentidas foram o facto de a temática escolhida fazer confluir em si um elevado número de outras áreas que, se por um lado enriqueceram o trabalho, por outro criaram constrangimentos pela falta de domínio aprofundado que completaria mais o estudo.

Outra dificuldade sentida foi o estabelecimento de contacto com alguns agentes considerados de interesse para entrevista. Não houve resposta por parte de dois dos agentes que mais interessava entrevistar (Cooperativa “Gesto” e “A Transformadora”) em tempo útil, e em outros contactos simplesmente nos foi negado o esclarecimento de informações básicas que nos ajudariam ao mapeamento das actividades dos edifícios por pisos.

## 2. Aspectos Metodológicos e Conceptuais

### 2.1. Metodologia

O processo de investigação deste trabalho obrigou a articular diversos métodos de pesquisa e análise que seguidamente se enumeram, acompanhados de um comentário elucidativo do seu papel no presente trabalho, bem como explicativo das etapas levadas a cabo e dos instrumentos mobilizados.

#### Estudo de Caso

O Estudo de Caso impõe particularidades relevantes que levaram à escolha desta tipologia como a mais adequada ao trabalho de investigação pretendido. A proposta deste trabalho como análise das mudanças socioeconómicas enquanto sintoma da regeneração do quarteirão e rua escolhidos remete-nos para a premissa que Yin (2003:4) refere como sendo a motivação para a escolha deste método:

«O estudo de caso é o método escolhido quando o fenómeno em estudo não é facilmente dissociável do seu contexto».<sup>2</sup>

Todavia,

«Às vezes, a definição deste *projeto* ou *programa* pode ser problemática, como na determinação de quando a atividade começou ou terminou – é exemplo, uma interação complexa entre um fenómeno e seu contexto (temporal)».<sup>3</sup>

Assim, este processo obrigou a uma metodologia de investigação que permitisse a maior abrangência possível de dados a tratar numa área geográfica e de estudo tão concisa como a que se apresenta – Rua da Galeria de Paris e Quarteirão das Carmelitas.

«A inclusão do contexto como a parte maior de um estudo, coloca, todavia, desafios técnicos distintos. Em primeiro lugar, a riqueza do contexto significa que o estudo subsequente irá, provavelmente, ter mais variáveis do que dados concretos. Segundo, [esta] a riqueza significa que o estudo não se pode cingir a um método de recolha de dados único, mas, provavelmente, será necessário usar múltiplas fontes

---

<sup>2</sup> «The case study is the method of choice when the phenomenon under study is not readily distinguishable from its context» (tradução livre).

<sup>3</sup> «Sometimes, the definition of this project or program may be problematic, as in determining when the activity started or ended – an example of a complex interaction between a phenomenon and its (temporal) context» (tradução livre).

de evidência. (...) Além disso, a prioridade é continuar a considerar os estudos de caso como um método que não implica qualquer recolha de dados de forma preferencial» (Yin, 2003:4).<sup>4</sup>

### **Pesquisa Bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica esteve presente ao longo de todo o trabalho, com particular incidência no levantamento do estado da arte. Assume também bastante relevância na consolidação da análise efectuada. Segundo Yin (2003:6),

«(...) o termo "teoria" cobre muito mais do que teorias de causa. Teoria significa desenhar etapas de investigação de acordo com a literatura, políticas ou outro tipo de fonte com alguma relevância. (...) O bom uso da teoria ajudará a delimitar da melhor forma o desenho de uma investigação de case-study; a teoria mostra-se também essencial para generalizar os resultados que daí advenham».<sup>5</sup>

Na pesquisa bibliográfica efectuada, e devido ao ainda recente processo de consolidação enquanto área de estudo, as Indústrias Criativas fazem confluir em si uma série de outras áreas de estudo, já consolidadas, como a História e o Património, a Sociologia, a Geografia, a Arquitectura e o Urbanismo, a Economia e a Gestão das Cidades. Este facto tornou o trabalho de investigação num processo interessante e estimulante, mas ao mesmo tempo demonstrou a fragilidade que pode advir do facto de não dominarmos todas estas áreas confluentes.

### **Pesquisa arquivística**

Desde logo, para além da revisão da literatura indispensável à contextualização histórica e espacial deste estudo, afigurou-se fulcral o aprofundamento da pesquisa histórica e técnica do quarteirão em causa. Para isso, a visita ao Arquivo Histórico da Casa do Infante para consulta de plantas e documentação de edifícios da Rua da Galeria de Paris e a consulta de plantas e alvarás de construção relativos aos edifícios da mesma rua e outras pertencentes ao Quarteirão das Carmelitas no Arquivo Municipal da Câmara Municipal do Porto, constituíram passos importantes.

---

<sup>4</sup> «The inclusion of the context as a major part of a study, however, creates distinctive technical challenges. First, the richness of the context means that the ensuing study will likely have more variables than data points. Second, the richness means that the study cannot rely on a single data collection method but will likely need to use multiple sources of evidence. (...) Furthermore, a continuing priority is to consider case studies as a method not implying any preferred form of data collection» (tradução livre).

<sup>5</sup> «(...) the term "theory" covers more than causal theories. Rather, "theory" means the design of research steps according to some relationship to the literature, policy issues, or other substantive source. (...) good use of theory will help delimit a case study inquiry to its most effective design; theory is also essential for generalizing the subsequent results» (tradução livre).

### **Conversas com especialistas**

Paralelamente, a consulta do Prof. Doutor José A. Rio Fernandes, geógrafo e investigador no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, especialista nas questões históricas e territoriais do Porto, e do Arqtº Virgínio Moutinho, que gentilmente cedeu dados da sua proposta de requalificação da Rua da Galeria de Paris (desenhos técnicos (alçados, plantas, cortes) da rua e opções de cobertura da mesma) foram fundamentais para o enriquecimento e conclusões deste trabalho.

### **Trabalho de campo e auscultação dos agentes no terreno**

Na perspectiva de uma compreensão mais abrangente da realidade a analisar optou-se, também, pelo método de entrevistas semi-estruturadas (Collins, 2010:134) e conversas exploratórias com os agentes identificados como os mais preponderantes na revitalização da área em estudo. O surgimento de tópicos que não constavam das questões estruturadas no guião-tipo das entrevistas levaram a que, muitas vezes, estas tivessem um carácter mais livre que se justificou pela pertinência de alguns dados obtidos. Na escolha dos agentes a entrevistar foi consciente e propositada a preferência pelos espaços comerciais ali sediados (aqueles que nos pareciam ter o papel mais activo no fenómeno em estudo) prescindindo entidades com a Câmara Municipal do Porto e a Sociedade de Reabilitação Urbana Porto Vivo. A sua percepção da realidade era um factor de auscultação importante para este trabalho.

A observação pessoal e a visita repetida aos locais de interesse constituíram também passos importantes na investigação. A observação pessoal foi um dos passos seguidos por se considerar que a informação obtida através da auscultação dos agentes no terreno carecia de uma confirmação factual dos acontecimentos. O objectivo foi observar os comportamentos reais dos utilizadores (Collins, 2010:132) do espaço urbano delimitado por este trabalho e a apropriação que faziam do mesmo.

Diz Yin (2003:6), que

«[n]o caso de estudo exploratório (...) o trabalho de campo e a recolha de dados são feitos antes da definição final das questões do estudo e suas hipóteses. A pesquisa pode seguir caminhos intuitivos, muitas vezes percebidos por outros [tipos de metodologia de investigação] como descuidados.

Todavia, o objectivo pode, justificadamente, ser a descoberta da “teoria” por observação directa de um fenómeno na sua forma mais pura». <sup>6</sup>

## 2.2 Conceitos relevantes

Neste ponto são expostos os principais conceitos subjacentes a esta dissertação. A ambiguidade de alguns deles e a necessidade de objectividade no tratamento de dados a analisar exige uma definição rigorosa desse fundamento conceptual.

### Regeneração Urbana

«Por regeneração ou revitalização urbana entende-se uma operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, orientada por objectivos estratégicos de desenvolvimento urbano, em que as acções de natureza material são concebidas de forma integrada e activamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social e económica». <sup>7</sup>

Na presente dissertação, o entendimento do conceito de regeneração urbana pautar-se-á pela definição registada por se considerar ser a mais adequada ao objecto de estudo. Em contraponto, o conceito legal de reabilitação urbana <sup>8</sup> cinge-se unicamente a uma perspectiva de requalificação do património edificado e espaço público envolvente omitindo algo que aqui se considera fundamental na forma de pensar a cidade que é uma perspectiva estratégica de desenvolvimento tendo em conta a dinamização e capacitação do tecido social e económico <sup>9</sup>.

### Bairros ou Quarteirões Culturais

---

<sup>6</sup> «The exploratory case study (...) fieldwork and data collection are undertaken prior to the final definition of study questions and hypotheses. Research may follow intuitive paths, often perceived by others as sloppy. However the goal may justifiably be to discover theory by directly observing a social phenomenon in its raw form» (tradução livre).

<sup>7</sup> Definição retirada da *Proposta de projecto de decreto regulamentar que estabelece conceitos técnicos a utilizar nos instrumentos de gestão territorial*, trabalho realizado em 2008 no âmbito da revisão periódica do *Vocabulário de Termos e conceitos do Ordenamento do Território* [em linha: <http://www.dgotdu.pt/vot/PropostaProjDecRegConceitos.pdf>, consultado a 22/10/2012]. A definição, todavia, não consta do diploma efectivamente publicado em 2009.

<sup>8</sup> O Decreto Regulamentar n.º 9/2009 que fixa os conceitos técnicos nos domínios do ordenamento do território e do urbanismo a utilizar pelos instrumentos de gestão territorial atesta que «por reabilitação urbana entende-se uma forma de intervenção integrada sobre o tecido urbano existente, em que o património urbanístico e imobiliário é mantido, no todo ou em parte substancial, e modernizado através da realização de obras de remodelação ou beneficiação dos sistemas de infra-estruturas urbanas, dos equipamentos e dos espaços urbanos ou verdes de utilização colectiva e de obras de construção, reconstrução, ampliação, alteração, conservação ou demolição dos edifícios».

<sup>9</sup> Esta perspectiva é focada nas notas complementares à definição de regeneração urbana explanada na proposta supracitada na nota de rodapé n.º 1.

A tendência de concentração e aglomeração de determinadas actividades em certas zonas das cidades é algo que não constitui novidade<sup>10</sup> se nos lembrarmos dos nomes que algumas ruas mantêm em jeito de homenagem aos profissionais que lá sediaram o seu mister, como é o caso da Rua dos Caldeireiros<sup>11</sup>, o Muro dos Bacalhoeiros, a Rua dos Azinheiros ou a Rua da Bainharia no Porto. O mesmo acontece naquilo a que agora denominamos de “quarteirões culturais”. O conceito actual terá surgido no início dos anos nos 80 nos EUA (Castro, 2012:12; Florida, 2002) e em meados da mesma década ter-se-á começado a explorar a ideia de desenvolvimento urbano através da cultura. O conceito de “quarteirão cultural”, então introduzido nas políticas urbanas britânicas<sup>12</sup>, na esperança de revitalizar cidades industriais que se encontravam em declínio desde os finais dos anos 70, chega a ser caso de sucesso<sup>13</sup> e por isso disseminado por toda a Grã-Bretanha (Castro, 2012:12). Actualmente os “quarteirões culturais” aparecem um pouco por todo o mundo, de forma mais ou menos espontânea, associada a iniciativas avulsas e de carácter privado, com mais ou menos visão estratégica, associadas à promoção de políticas de incentivo, mas sempre como fenómeno de interesse.

Para melhor entendimento do conceito tomaremos como própria para o presente trabalho, a definição apresentada por Roodhouse (2006:69):

«Um quarteirão cultural é uma área geográfica de uma grande cidade que actua como foco para actividades culturais e artísticas através da presença de um grupo de edifícios dedicados ao acolhimento de determinado tipo dessas actividades, espaços criados para esse propósito ou adaptados para criar um sentido de identidade, propiciando um ambiente facilitador e encorajador do fornecimento de serviços e actividades culturais e artísticas».<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Este género de aglomeração por sector de actividade é algo tipicamente medieval.

<sup>11</sup> Também conhecida como Rua da Ferraria de Cima. Qualquer uma das designações «*vem de ali terem estado arruados ferreiros e caldeireiros*» [em linha: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponomia/412>, consultado a 31/11/2012].

<sup>12</sup> «Os primeiros exemplos foram o Quarteirão de Indústrias Culturais de Sheffield (1989), o *Temple Bar* de Dublin (1991) (...) e o Quarteirão do Norte de Manchester (1993)», in Castro (2012:12).

<sup>13</sup> O *Temple Bar* de Dublin (1991) é ainda hoje apontado como um caso de sucesso de regeneração urbana. A decadência urbana de que se sofria no séc. XX, com os seus imensos edifícios devolutos, transformou-se em oportunidade de regeneração quando nos anos 80 as baixas rendas atraíram pequenas lojas, artistas e galerias. O projecto de construção de um terminal de autocarros que estaria previsto para aquela zona foi cancelado e em 1991 o governo irlandês cria uma empresa sem fins lucrativos designada *Temple Bar Properties* para promover a regeneração da área como bairro cultural de Dublin [em linha: <http://www.tenontours.com/travel-tips/history-of-temple-bar-in-dublin-ireland/>, consultado a 31/11/2012].

<sup>14</sup> «*A cultural quarter is a geographical area of a large town or city which acts as a focus for cultural and artistic activities through the presence of a group of buildings devoted to housing a range of such activities, and purpose designed or adapted spaces to create a sense of identity, providing an environment to facilitate and encourage the provision of cultural and artistic services and activities*» (tradução livre).

## **- Comércio Criativo**

Do que foi possível auferir não existe, até à data, o presente conceito academicamente teorizado. Contudo, durante a investigação levada a cabo surgiu a necessidade de destrição de um tipo de comércio que podemos categorizar como “convencional” daquele a que, no presente estudo, passaremos a denominar de “comércio criativo”.

Comércio tem como definição «troca de valores, permuta», «actividade económica que se interpõe entre a produção e o consumo»<sup>15</sup>e «actividade económica que consiste na troca de bens ou serviços, tipicamente por dinheiro»<sup>16</sup>. Temos este como “convencional” por na transacção do produto ou serviço imputar aos mesmos apenas o custo da sua produção e comercialização. No que cremos como “comércio criativo” o valor final do produto ou serviço tem também como base o seu custo de produção mas ao custo de comercialização é imputado o valor acrescentado pela circunstância em que é comercializado. Em termos práticos, no “comércio convencional” o produto ou serviço vale o que vale (custo produção/comercialização) enquanto no “comércio criativo” a forma original de tornar o produto/serviço atractivo para além do seu interesse específico acrescenta-lhe valor. O uso da criatividade como matéria-prima e a envolvente do produto/serviço (decoreção alusiva a determinada época, por exemplo, ter como missão a passagem de um testemunho cultural<sup>17</sup>) são factores que criam uma mais-valia na transacção do produto ou serviço.

Assim, entenderemos ao longo deste trabalho como “comércio criativo” todo o espaço ou actividade comercial que na transacção de produtos e/ou serviços tenha como dimensão essencial a criatividade e/ou a passagem de testemunho cultural.

## **Indústrias Criativas**

A definição de Indústrias Criativas assume relevância, neste ponto do trabalho, não só por ser a linha geratriz do mestrado que motivou esta dissertação mas também pela natureza dos negócios abordados durante o estudo – que envolvem actividades culturais

---

<sup>15</sup> [em linha: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/com%C3%A9rcio>, consultado a 12/02/2013].

<sup>16</sup> [em linha: [http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain\\_3/definition/12114.html](http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain_3/definition/12114.html), consultado a 12/02/2013].

<sup>17</sup> Temos como exemplo a loja *A Vida Portuguesa* na Rua das Galerias de Paris que no seu Manifesto defende que os seus produtos «relembra o quotidiano de uma época e revelam a alma de um país» [em linha: <http://www.avidaportuguesa.com/template.php?lng=pt&sec=1>, consultado a 13/01/2013].

e criativas – que os pode inserir nos sectores ou subsectores de actividade ou simplesmente actuar num campo que lhes é tangencial.

O Estudo Augusto Mateus estabelece a divisão do sector cultural e criativo em três sectores-âncora – as Actividades Culturais Nucleares, as Indústrias Culturais e as Actividades Criativas – composto por treze sectores que se interpenetram parcialmente – Artes Performativas, Artes Visuais e Criação Literária, Património Histórico e Cultural, Cinema e Vídeo, Edição, Música, Rádio e Televisão, *Software* Educativo e de Lazer, Arquitectura, Design, Publicidade, Serviços de *Software* e Componentes Criativas em Outras Actividades.

«A abordagem metodológica deste estudo propõe que sejam incluídas no Sector Cultural e Criativo quer as actividades que integram a cadeia de valor de cada um dos doze subsectores identificados, quer as componentes criativas de outras actividades que usam elementos de diferenciação com conteúdo cultural, quer as actividades associadas à produção, comércio por grosso e retalho de bens de equipamento indispensáveis ao consumo de bens culturais» (Estudo Augusto Mateus, 2010)<sup>18</sup>.

Os agentes identificados como de relevância para este estudo de caso constituem negócios que na sua maioria não são eminentemente culturais e/ou criativos mas que para a sua promoção aproveitam este tipo de realizações secundárias. Este facto torna pertinente quer este breve esclarecimento da definição do sector cultural e criativo, quer o estudo do papel destes agentes para a regeneração urbana – tão importante para a competitividade das cidades.

A abordagem política das indústrias criativas tem vindo a ser feita mediante políticas tendentes à sua promoção em ambiente urbano, pelo que o tema das indústrias criativas está intrinsecamente ligado à reabilitação urbana desde que entrou no discurso político britânico em finais da década de noventa no âmbito de reavaliações e redefinições da relação do governo com a cultura (Estudo Augusto Mateus, 2010).

---

<sup>18</sup> [em linha: <http://www.mincultura.gov.pt/SiteCollectionDocuments/Imprensa/SCC.pdf>, consultado a 08/09/2012].

### **3. Enquadramento: Reabilitação Urbana na Cidade do Porto – Estratégias e Instrumentos**

A desindustrialização, a terciarização, a desocupação funcional, a suburbanização, ditaram o envelhecimento e quase morte de numerosos centros urbanos. A busca por melhores condições habitacionais, a menor custo e na proximidade do local de trabalho, fez com os centros das grandes cidades, como o Porto, fossem desabitados e esquecidos dando lugar a espaços urbanos quase “maquetizados” em que a vida urbana é um eufemismo. É na década de 60/70 que surge um abrandamento do crescimento natural na região sendo que no período de duas décadas (1981-2001) o Porto perde mais de 60.000 habitantes. Essa perda progressiva da população habitante, segundo a estimativa projectada pelo INE, mantém a sua tendência de perda na ordem dos 35.000 residentes entre 2001 e 2006 (Dias, 2009:73). As indústrias localizadas nos subúrbios criam em sua volta pequenas cidades que cativam pessoas e serviços que se descentralizam e despovoam o coração das urbes. Segundo os censos de 1991 é precisamente no interior da cidade, nas freguesias do denominado centro histórico, que se agudiza a repulsão populacional. A estrutura das cidades contemporâneas sofre uma transformação – é agora um deserto habitacional onde os poucos habitantes constituem uma população envelhecida e com fraco poder económico. O património edificado vê-se subaproveitado e as potencialidades de uma cidade cheia de história são reduzidas a um fenómeno turístico.

Perante este facto e numa realidade de intensificação da competição interurbana, fruto de um contexto de grande instabilidade e forte concorrência como é o do capitalismo flexível, urge às cidades encontrar novas estratégias de valorização económica, social e simbólica, que tenham em vista a reafirmação enquanto pólos de extracção de valor (Queirós, 2007:2).

É neste seguimento e numa lógica de atracção de investimentos que surgem diversos programas institucionais no sentido de promover a reabilitação e regeneração urbanas das cidades.

Podemos referir, com alguma certeza, que o CRUARB – Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo, foi uma das primeiras, se não mesmo a primeira entidade responsável pela recuperação e reabilitação do Centro Histórico do

Porto (1974-2003)<sup>19</sup>. Fundado nos princípios da “Carta de Veneza”<sup>20</sup>, que entendia os centros históricos com um valor patrimonial global (valores históricos, arquitectónicos, estéticos, de realidade social e cultural), o CRUARB esteve, primeiramente, sob a dependência do poder central, passando, só em 1982 para a tutela do município do Porto. A classificação do Centro Histórico do Porto como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1991 deve-se à actividade desta entidade. Apesar da unanimidade em torno da validade do trabalho desenvolvido pela CRUARB houve erros que nunca lhe foram perdoados levando mesmo à sua extinção em 2003<sup>21</sup>. O longo período de reconstrução e reabilitação num baixo número de edifícios degradados, a mobilização dos inquilinos, que se assume como o maior entrave à reabilitação por parte dos proprietários privados (CRUARB, 2000:138), para outras zonas da cidade (como o Bairro do Aleixo) e posterior realojamento nas casas restauradas de apenas uma pequena parte dos mesmos e os investimentos avultados sem retorno foram as questões levantadas que conduziram ao fim deste projecto. É, aliás, referido no livro de comemoração dos 25 anos do CRUARB que a extensão da dimensão da área de operação

«(...) associada às dificuldades económicas do país e do município nos anos 80, teve como consequência uma quebra significativa do impacto e do resultado da actividade do CRUARB naquela década. Perdeu-se operacionalidade e credibilidade externa, tendo-se mesmo instalado uma imagem negativa, associada a alguns desvios arquitectónicos e a um isolamento da autarquia face ao movimento de recuperação que então se expande no país, sob a égide dos GTL (gabinetes técnicos locais)» (CRUARB, 2000:134).

Cerca de um ano depois da extinção do CRUARB, com o Decreto-Lei nº104/2004, são instituídas directrizes nacionais de intervenção municipal e regional. Atendendo ao elevado estado de

«degradação das condições de habitabilidade, de salubridade, de estética e de segurança de significativas áreas urbanas do País», em especial, das «zonas urbanas históricas, cujas conservação, recuperação e readaptação constituem um verdadeiro imperativo nacional»<sup>22</sup>,

---

<sup>19</sup> Em 2000 a intervenção abrangia já 120 hectares, 17 000 habitantes e mais de 3 000 edifícios, e a recuperação de 500 de habitações e milhares de espaços comerciais (CRUARB, 2000:156).

<sup>20</sup> [em linha: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartaDeVeneza.pdf>, consultado a 03/11/2012].

<sup>21</sup> A grande necessidade de meios financeiros que a mecânica utilizada na Ribeira-Barredo consumia (comprar, realojar, projectar, recuperar, gerir) (CRUARB, 2000:148) terá colidido com as políticas do novo executivo local eleito em 2001.

<sup>22</sup> Decreto-Lei nº 104/2004 de 7 de Maio. *Diário da República n° 107 – I Série A*.

é criado um regime jurídico excepcional onde é definido que a reabilitação das mesmas passa a ser da responsabilidade dos municípios.<sup>23</sup>

É neste diploma que surge a primeira referência às Sociedades de Reabilitação Urbana (SRU). O papel destas sociedades é em primeiro lugar, reabilitar áreas urbanas classificadas como zonas históricas em plano municipal de ordenamento do território centrando-se, sobretudo, na requalificação do parque habitacional tendo em vista o repovoamento dos centros urbanos. Em segundo lugar, desenvolver e promover áreas de negócio como complemento à função habitacional e como factor de atracção de novos habitantes e de mais investimentos. Em terceiro lugar, revitalizar o espaço público, melhorando as acessibilidades, infra-estruturas e mobiliário urbano. Em quarto lugar, dinamizar o turismo, cultura e lazer (Pinho, [s.d.]:1).

Na realidade portuense, assiste-se à formação da Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A.<sup>24</sup>.

Não nos esquecendo do contexto de competição interurbana, estes diplomas e programas operativos de reabilitação e revitalização dos centros urbanos, surgem como um caminho indiscutivelmente primeiro a seguir.

No entanto, há que atentar ao estreitamento de visão que pode daqui advir.

Como refere Pinho ([s.d.]), conforme Silva (2007), em termos legais entende-se por reabilitação urbana:

«[o] processo de transformação do solo urbanizado, compreendendo a execução de obras de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação de edifícios, tal como definidas no regime jurídico da urbanização e da edificação, com o objectivo de melhorar as suas condições de uso, conservando o seu carácter fundamental, bem como o conjunto de operações urbanísticas e de loteamento e obras de urbanização que visem a recuperação de zonas históricas e de áreas críticas de recuperação e reconversão urbanística».

---

<sup>23</sup> Este mesmo regime declara os seguintes princípios: «1º - A responsabilidade da reabilitação urbana cabe aos municípios; 2º - Os municípios podem constituir sociedades de reabilitação urbana para as quais transferem poderes de autoridade e polícia administrativa; 3º - Todo o procedimento de reabilitação urbana deve ser controlado pelos poderes públicos; 4º - Os direitos e obrigações dos proprietários e arrendatários devem ser ponderados; 5º - Os promotores privados devem ser economicamente incentivados; 6º - O processo deve ser célere».

<sup>24</sup> Ao abrigo do diploma supracitado, a Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A. detém os seguintes poderes: «Licenciamento e admissão de comunicação prévia de operações urbanísticas e autorização de utilização; inspecções e vistorias; adopção de medidas de tutela da legalidade urbanística; cobrança de taxas; recepção das cedências ou compensações devidas; imposição da obrigação de reabilitar e obras coercivas; empreitada única; demolição de edifícios; direito de preferência; arrendamento forçado; servidões; expropriação; venda forçada; reestruturação da propriedade.» [em linha: [http://www.portovivosru.pt/sub\\_menu\\_1\\_1.php](http://www.portovivosru.pt/sub_menu_1_1.php), consultado a 10/12/2012].

Todavia, e num sentido mais lato, e mais uma vez recorrendo ao supracitado,

«a reabilitação urbana consiste numa política urbana que procura a requalificação da cidade existente, desenvolvendo estratégias de intervenção múltiplas, que dão origem a um conjunto de acções coerentes e de forma programada, destinadas a potenciar os valores socioeconómicos, ambientais e funcionais de determinadas áreas urbanas, com a finalidade de elevar a qualidade de vida das populações residentes, melhorando as condições físicas do seu parque edificado, os níveis de habitabilidade e de dotação em equipamentos comunitários, infra-estruturas, instalações e espaços de uso público» (Pinho, [s.d.]:2, cit. Silva, 2007).

Ora, se estas propostas constituem um caminho não são com certeza o final em si.

Como refere Queirós (2007:5),

«a tónica dos discursos é crescentemente direccionada para a necessidade de rentabilização dos traços distintivos e de aposta nos factores de diferenciação dos contextos urbanos. A imagem da cidade ocupa, por isso, cada vez mais, o centro das preocupações políticas. A crença na transmutação do capital simbólico em capital económico tornou-se um pilar fundamental das estratégias urbanas, compelindo os responsáveis políticos a intervir no sentido do reforço da atractividade das suas cidades enquanto centros de cultura, turismo e consumo».

O que se pretende explicar é que a mera gestão do planeamento urbano já não é uma possibilidade a equacionar nos processos de reabilitação. Há que ir mais longe e pensar mais adiante. Queirós (2007:5), conforme Harvey (1989), fala numa passagem de “gestão” para o “empreendedorismo” em matéria de política urbana. Não chega reabilitar os edifícios degradados e limpar as ruas. Como refere o Arq. Rui Ramos Loza:

«Se a reabilitação urbana não for viabilizada como um movimento sustentável de produção de espaços atractivos, capazes de competir com a restante oferta urbana, então não haverá reabilitação, e poderemos, desde já dizer adeus aos centros das nossas cidades. De facto, o que está em causa é a procura do equilíbrio entre a salvaguarda do interesse público com o património e os valores tangíveis e intangíveis da cidade, e a defesa do interesse do investidor, do proprietário ou do morador, que só regressará se puder transformar a cidade que temos numa cidade melhor»<sup>25</sup>.

A Política de Cidades POLIS XXI (2007-2013) refere e define como ambição a resposta a estes desafios crescentemente complexos que se colocam às cidades, a superação das debilidades do sistema urbano nacional e transformação das cidades em motores efectivos do desenvolvimento das regiões e do País.

«Trata-se do reconhecimento de que um modelo de desenvolvimento cada vez mais dependente do conhecimento e da inovação pressupõe uma sólida base urbana e exige às cidades uma elevada

---

<sup>25</sup> in *O Papel das SRU na Revitalização das Cidades Portuguesas* [em linha: <http://www.portovivosru.pt/pdfs/papeldassru.pdf>, consultado a 20/01/2013].

qualificação das suas funções e uma forte capacidade de fixação e atracção de pessoas criativas e de actividades inovadoras»<sup>26</sup>.

É esta estratégia que aparentemente é seguida pela cidade do Porto e pela Porto Vivo. O objectivo: o centro do Porto surgir como «o factor de diferenciação capaz de possibilitar a (re)afirmação nacional e internacional» da cidade (Queirós, 2007:6).

A cultura parece constituir, assim, um papel central nas estratégias políticas de desenvolvimento urbano.

Queirós (2007:6), conforme David Pratley (1994), demonstra o possível motivo de tal facto ao enumerar as manifestações dos impactos económicos da cultura em contexto urbano:

«1. Sob a forma de receitas directas: venda de objectos culturais, venda de bilhetes para espectáculos, etc.;

2. Sob a forma de receitas indirectas: gastos em hotéis, restaurantes, transportes, etc., tanto da parte dos produtores como da parte dos consumidores de actividades culturais;

3. No mercado de trabalho, através da criação directa e indirecta de novos empregos;

4. Na atracção de investimento, através da transformação da imagem e do perfil cultural da cidade;

5. Na promoção e legitimação de operações de reestruturação física dos espaços urbanos;

6. Na reconfiguração dos ambientes urbanos: reabilitação urbana dos centros históricos, conservação do património edificado, desenvolvimento de usos alternativos para edifícios devolutos, projectos artísticos no espaço público;

7. No desenvolvimento do turismo cultural e de todas as actividades a ele associadas».

É este conjunto de impactos económicos que convence e enriquece as novas políticas urbanas. O fenómeno não parte só dos produtores culturais mas é também defendido e promovido pelos agentes políticos.

De meados dos anos 80 a esta parte assiste-se a uma aposta na criação/recuperação de bibliotecas (Centeno, 2010:115)<sup>27</sup> e museus, a uma preocupação na elaboração de agendas culturais completas e ecléticas que satisfaçam os vários públicos, à

---

<sup>26</sup> in *Portugal Política de Cidades Polis XXI, 2007-2013*, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, Gabinete do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades [em linha: <http://www.dgotdu.pt/pc/documentos/POLISXXI-apresentacao.pdf>, consultado a 21/01/2013].

<sup>27</sup> Em 1986, Teresa Patrício Gouveia, então Secretária de Estado da Cultura, tendo como Ministro da Educação e Cultura João de Deus Pinheiro (Governo Constitucional de Aníbal Cavaco Silva – 1985/1987), lança a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas [em linha: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/5078/1/mariajoacenteno.pdf>, consultado a 04/04/2013].

multiplicação de feiras, festivais e acções de animação de rua, etc., e ao crescimento em número dos espaços de lazer (muitos deles com um cariz cultural muito forte). Paralelamente há uma crescente preocupação na valorização do património histórico, cultural e identitário.<sup>28</sup>

Na cidade do Porto a realidade não é diferente e o fenómeno tem até suscitado interesse a nível nacional.

São exemplos disso a recuperação da Casa do Infante (1958-1960) e posterior transformação em Arquivo Histórico Municipal do Porto e museu (1980), a requalificação e ampliação da Casa-Museu Guerra Junqueiro (1994-1997)<sup>29</sup>, a compra e restauro da Quinta da Bonjónia pela Câmara Municipal do Porto (1995)<sup>30</sup>, a inauguração do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves (1999), a remodelação e expansão do Museu Soares dos Reis (1992-2001)<sup>31</sup>, a requalificação do edifício da antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto (2000-2001) que desde 1997 alberga o Centro Português de Fotografia, a inauguração simultânea da Biblioteca Municipal Almeida Garrett e Galeria do Palácio (no âmbito da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura), a criação do Museu do Vinho do Porto (inaugurado em 2004), a criação da Casa da Música (pensada para assinalar as comemorações da Capital Europeia da Cultura em 2001 mas só inaugurada em 2005), a abertura da Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues (2009), a criação do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

---

<sup>28</sup> Esta preocupação faz-se notar em várias áreas nomeadamente na arquitectura. O edificado passa a ser visto como algo a preservar por constituir um testemunho cultural importante. É prova disso a *Carta Europeia do Património Arquitectónico* de 26 de Setembro de 1975, que o Conselho da Europa adoptou e à qual Portugal aderiu, e que proclama os seguintes princípios: «1º O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído (...); 2º A encarnação do passado no património arquitectónico constitui um ambiente indispensável ao equilíbrio e ao desabrochar do homem (...); 3º O património arquitectónico é um capital espiritual, e cultural, económico e social de valor insubstituível (...); 4º A estrutura dos conjuntos históricos favorece o equilíbrio harmonioso das sociedades (...); 5º O património arquitectónico tem um valor educativo determinante (...); 6º Este património está em perigo (...); 7º A conservação integrada afasta as ameaças (...); 8º A conservação integrada requer o emprego de meios jurídicos, administrativos, financeiros e técnicos (...); 9º A participação de todos é indispensável ao sucesso da conservação integrada (...); 10º O património arquitectónico é um bem comum do nosso continente» [em linha:

<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf>, consultado a 07/02/2013].

<sup>29</sup> Projecto do Arqtº Alcino Soutinho.

<sup>30</sup> Hoje sede das Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto e Fundação para o Desenvolvimento Social do Vale de Campanhã.

<sup>31</sup> Autoria do Arqtº Fernando Távora.

(2009)<sup>32</sup>, reabilitação do Mercado Ferreira Borges (2009-2010) e instalação no seu interior do Hard Club<sup>33</sup>, as obras de renovação e modernização actualmente em curso no espaço edificado da Cooperativa Árvore<sup>34</sup>, entre outros exemplos.

Esta preocupação na preservação do património cultural e identitário tem também transparecido nas mais recentes notícias. São exemplo disso a classificação do Cinema Batalha<sup>35</sup> e do Coliseu do Porto<sup>36</sup> como Monumentos de Interesse Público<sup>37</sup> pelo seu carácter matricial, o génio do respectivo criador, o seu valor estético e técnico intrínseco, a sua concepção arquitectónica e urbanística e o que neles se reflecte do ponto de vista da memória colectiva<sup>38</sup>, entre outros<sup>39</sup>. Também a Faculdade de Belas Artes<sup>40</sup>, espera-se, terá direito à mesma classificação<sup>41</sup> e juntar-se-á aos seis conjuntos

---

<sup>32</sup> O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos é um projecto da Fundação da Juventude que «*tem como objectivo máximo apoiar a inserção dos Jovens Criadores na vida activa, proporcionando meios e estratégias de suporte ao desenvolvimento dos seus projectos, apoiando a sua formação, criação, produção, promoção e divulgação, através da transferência de externalidades positivas do sector artístico, criativo e cultural para outros sectores da actividade nacional e internacional. Tem ainda como meta participar na construção de um cluster natural das artes e das indústrias culturais, potenciando a sua capacidade de atracção de públicos, profissionais criativos e de turismo*». Para servir este fim o Palácio das Artes está equipado com ateliês/espacos de residências artísticas, salas multimédia, salas para formação e workshops, salas multidisciplinares e polivalentes, restaurante, bar, loja, laboratórios criativos e galeria de artes visuais e plásticas [em linha: <http://www.fjuventude.pt/equipamentos-15-palacio-das-artes-fabrica-de-talentos>, consultado a 25/01/2013].

<sup>33</sup> «*O projecto do Hard Club - Centro de Animação Cultural, a instalar no Mercado Ferreira Borges foi, entre os 171 concorrentes, o vencedor do Prémio Nacional de Indústrias Criativas. O prémio é o reconhecimento da criatividade, originalidade e importância deste projecto para a reabilitação da Baixa e Centro Histórico do Porto*» [em linha: <http://www.portovivosru.pt/verNoticia.php?noticia=366>, consultado a 25/01/2013].

<sup>34</sup> Projecto aprovado e co-financiado pelo ON.2 – O Novo Norte (Programa Operacional Regional do Norte).

<sup>35</sup> Projecto do Arq<sup>o</sup> Artur Andrade datado de 1944, inaugurado em 1947.

<sup>36</sup> Projecto do Arq<sup>o</sup> Cassiano Branco inaugurado em 1941.

<sup>37</sup> [em linha: <http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/5317/estacao-do-cais-do-sodre-e-cinema-batalha-novos-monumentos-de-interesse-pu>; <http://publico.pt/local/noticia/coliseu-do-porto-classificado-como-monumento-de-interesse-publico-1569928>, consultado a 27/01/2013]

<sup>38</sup> Critérios constantes do artigo 17º da Lei nº107/2001, D.R. nº209, Série I-A, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural [em linha: <http://dre.pt/pdf1sdip/2001/09/209A00/58085829.pdf>, consultado a 06/02/2013].

<sup>39</sup> «*a) O carácter matricial do bem; b) O génio do respectivo criador; c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso; d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos; e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem; f) A concepção arquitectónica, urbanística e paisagística; g) A extensão do bem e o que nela se reflecte do ponto de vista da memória colectiva; h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica; i) As circunstâncias susceptíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem*».

<sup>40</sup> Fundada em 1836 como "Academia de Belas Artes" a instituição ocupa «um antigo palacete do século XIX em cujos jardins se construíram, nos anos 1950, edifícios de interesse arquitectónico, especialmente concebidos para o ensino das disciplinas tradicionais das Belas-Artes» [em linha: [http://sigarra.up.pt/fbaup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1182](http://sigarra.up.pt/fbaup/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182), consultado a 25/01/2013].

<sup>41</sup> [em linha: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=596976&tm=4&layout=121&visual=49>, consultado a 27/01/2013].

arquitectónicos e arqueológicos<sup>42</sup> que em 2012 obtiveram a classificação patrimonial<sup>43</sup> (outras 13 propostas foram feitas pela Direcção-Geral do Património Cultural à Secretaria de Estado da Cultura<sup>44</sup>).

A cultura assume-se definitivamente como uma forma de pensar e fazer a cidade. Veja-se o caso da Rua Miguel Bombarda. A história já conhecida da ocupação desta rua por galeristas na década de 90 e as recentes dinâmicas de promoção da rua e seus espaços culturais, comerciais, etc., podem revelar-se um bom exemplo do que se pretende demonstrar. A iniciativa privada que despoletou este fenómeno abre assim uma «nova oportunidade de participação no jogo da competição interurbana» (Queirós, 2007:8).

São estas iniciativas que fazem muitas vezes da regeneração algo quase “imprevisível”. A título de exemplo, Francisco Queiroz<sup>45</sup> dizia acerca do Quarteirão das Carmelitas:

«Para quê passeios tão largos, numa rua que não funciona como eixo pedonal? Se havia no Porto ruas talhadas para privilegiar o estacionamento, essa era uma delas. Desperdiçou-se tal facto».

Hoje verifica-se que foi uma opinião precipitada. Depois da reabilitação física há que dar tempo para que a verdadeira regeneração, social, e até mental, aconteça.

A realidade portuense no que respeita ao dinamismo cultural tem particular interesse. A cultura de iniciativa pública que teve o seu apogeu talvez em 2001 com o Porto - Capital Europeia da Cultura, muda de mãos e passa a ser essencialmente de iniciativa privada. As associações culturais multiplicam-se e nunca houve tantos espaços de lazer como hoje<sup>46</sup>. Se este fenómeno em 2007 já constituía uma curiosidade

---

<sup>42</sup> São eles o Teatro Nacional de S. João (que passou a ser Monumento Nacional), o Cinema Batalha, o Coliseu do Porto, a Judiaria do Porto, o Palacete do Visconde de Vilar de Allen e o Conjunto de interesse público formado pelos edifícios da Rua Álvares Cabral situados entre a Rua de Cedofeita e a Praça da República (cujo processo de avaliação durou 28 anos).

<sup>43</sup> [em linha: <http://www.ionline.pt/portugal/porto-mais-seis-monumentos-13-propostas-classificacao-2012>, consultado a 27/01/2013].

<sup>44</sup> A título de exemplo: Ponte da Arrábida, Igreja e Cemitério da Lapa, Casa e Quinta da Bonjónia, Casa Manoel de Oliveira.

<sup>45</sup> [em linha: <http://www.queirozportela.com/artigos.htm>, consultado a 01/04/2012].

<sup>46</sup> A título de exemplo podemos referir espaços como o *Passos Manuel* (bar/sala de espectáculos/pista de dança), *Maus Hábitos* (restaurante/bar/galeria/sala de espectáculos/espço de formação cultural) e *Pitch* (bar/club) na Rua de Passos Manuel; o Café Vitória (bar/restaurante) e Café Lusitano (café/bar/restaurante/espectáculos) na Rua de José Falcão; na Praça Carlos Alberto o Moustache Coffee House (café/bar); o *Plano B* (café/bar/loja/sala de espectáculos/exposições/conferências), *Rendez Vous* (bar/Electro Rock Club), *CLUBE 3 C* (restaurante/bar) e *Porto Tónico* (bar/pista de dança) na Rua Cândido dos Reis; o Tendinha dos Clérigos (bar/club) na Rua Conde de Vizela; a Champanheria da Baixa (restaurante/bar) no Largo Mompilher; na Rua da Conceição o Café Candelabro (café/bar/livraria); na Avenida da Boavista o Casinha Boutique Café (restaurante/café/bar/lounge/boutique de produtos portugueses); o Hot Five Jazz Club (bar/música ao vivo) no Largo do Actor Dias; entre muitos outros que têm surgido desde 2005, aproximadamente, em toda a cidade.

a ser estudada e analisada, na actual conjuntura económica ganha um novo interesse. Os *Hostels*<sup>47</sup> e as *Guest Houses*<sup>48</sup> vão surgindo cada vez mais e com cada vez mais qualidade (alguns constam da lista dos melhores do mundo<sup>49</sup> e são vencedores de carimbos de excelência de portais de turismo<sup>50</sup>). O *boom* de turistas de todo o mundo que as rotas aéreas de baixo custo trouxeram à cidade do Porto<sup>51</sup> foi um dos factores que promoveu o aumento da oferta. O Aeroporto Francisco Sá Carneiro (2º melhor aeroporto europeu em 2010) tem registado nos últimos dois anos o maior crescimento de tráfego na Europa, na ordem dos 6 milhões de passageiros em 2011<sup>52</sup>. O Porto é, agora, destino de diversão, cultura e lazer tendo sido eleito como o 4º destino turístico mais apetecível de 2012<sup>53</sup>, “Melhor Destino Europeu 2012”<sup>54</sup> e recomendado como cidade a visitar em 2013<sup>55</sup>. O seu centro histórico tem ganho um novo “colorido” e o seu cosmopolitismo tem sido reforçado.

Perante este panorama mais pertinente se torna perceber até que ponto os fenómenos culturais têm um papel real e significativo na revitalização da área central da cidade.

---

<sup>47</sup> Para um tipo de *target* diferente dos típicos hotéis, os *Hostels* cativam um público mais jovem com o seu estilo de alojamento informal e preços mais baratos. Alguns exemplos no Porto: *Dixo's Oporto Hostel*, *Oporto Excentric*, *Wine Hostel*, *Rivoli Cinema Hostel*, *Magnólia Hostel*, *Oporto Poets Hostel*, *Porto Spot Hostel*, *Andarilho Hostel*, *Oporto Invictus Hostel*, *Oporto Sky Hostel*, *Porto Downtown Hostel*.

<sup>48</sup> O conceito de *Guest House*, só muito recentemente chegado a Portugal, baseia-se numa filosofia diferente de receber hóspedes: em casa. O espaço acolhedor e o tratamento diferenciado e personalizado são alguns dos factores que atraem um público-alvo que procura uma alternativa aos hotéis. Alguns exemplos: 556 Cedofeita *Guest-House*, 6ONLY *Guest House*, *Porto Riad*, *Guest House Douro*, *Cale Guest House*, 444 *Porto GuestHouse*, *Boavista Guest House*, *Almada Guest House*, *The White Box House*, *Casa dos Guindais*.

<sup>49</sup> *Hoscars* 2012 – prémios atribuídos aos melhores *hostels* do mundo por votação no portal *Hostelworld*.

<sup>50</sup> Anualmente o portal *Tripadvisor* certifica com o seu carimbo de excelência os melhores hotéis de acordo com as votações dos viajantes, como é o caso do 6ONLY *Guest House*.

<sup>51</sup> A companhia aérea de baixo custo *Ryanair* opera no Porto desde 2009. O Porto foi escolhido como a 33ª base da companhia, a 1ª da mesma em Portugal.

<sup>52</sup> [em linha: <http://www.ionline.pt/dinheiro/trafego-no-aeroporto-porto-podera-aumentar-1-2-este-ano>, consultado a 28/02/2013].

<sup>53</sup> Cotação dada pelo *Lonely Planet*, um dos mais conceituados guias de viagens.

<sup>54</sup> Distinção da *European Consumers Choice* [em linha: <http://expresso.sapo.pt/porto-escolhido-como-melhor-destino-europeu-2012=f714973>, consultado a 28/02/2013]

<sup>55</sup> Recomendação feita pelo *New York Times* que destaca os novos hotéis e restaurantes e os preços baixos [em linha: [http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content\\_id=2989319](http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=2989319), consultado a 28/02/2013].

## 4. Estudo de Caso: A Rua da Galeria de Paris e o Quarteirão das Carmelitas

### 4.1. A memória histórica

O chamado quarteirão das Carmelitas, na cidade do Porto, situado na freguesia da Vitória, data de 1903 e integra toda a área compreendida entre a Praça Guilherme Gomes Fernandes e as ruas de Santa Teresa, Fábrica, Conde de Vizela e Carmelitas. A toponímia do quarteirão, bem como das próprias Rua das Carmelitas e Rua de Santa Teresa, foi herdada dos extintos igreja e convento de S. José e de Santa Teresa das Carmelitas Descalças. Foi no ano de 1704 que o bispo D. Frei José de Santa Maria de Saldanha fundou o desaparecido convento no Campo então chamado de Via-Sacra, ou do Calvário Velho, e onde à data existia apenas uma ermida.<sup>56</sup>

«Da sua história desde a fundação até 1833, em que se extinguiu, pouco ou nada se sabe. Expulsas as religiosas, que eram miguelistas, quando o duque de Bragança, D. Pedro, entrou na cidade, a casa ficou abandonada, serviu de escritório, cavalariças e oficinas da Mala Posta, de Escola Normal, posto de polícia, estação telegráfica e direcção das Obras Públicas. Foi depois arrematada pela Câmara, que destinava o local a um mercado, e entretanto foi servindo para um colégio, escola pública e armazéns de cereais. Na cerca estavam umas albergarias onde se recolhiam cavalgaduras e, do lado sul, um barracão para espectáculos».<sup>57</sup>

A desocupação de mosteiros e conventos após a extinção das ordens religiosas decretada pelo liberalismo do pós-guerra civil de 1832-34<sup>58</sup> teve de facto importância na reorganização urbanística da cidade - a construção da Estação de S. Bento sobre o demolido Convento de S. Bento de Avé Maria e a do Palácio da Bolsa no lugar do incendiado Convento de S. Francisco (Fernandes, 1993:345), são alguns dos exemplos de como o abandono de espaços deste género pelas comunidades que neles habitavam abriu lugar a uma reconversão que trilhava os passos da modernidade.

---

<sup>56</sup> «A instâncias do geral do Carmo, Frei Pedro de Jesus, D. Pedro II, por alvará de 26 de Abril de 1701, dera licença para esta fundação, permitindo à Câmara a doação dos terrenos, que esta deferiu em 19 de Julho de 1702, ampliando a doação em 22 de Dezembro seguinte a baldios que havia junto da estrada, Rua das Carmelitas» [em linha: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponimia/969>, consultado a 23/11/2012].

<sup>57</sup> [em linha: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponimia/969>, consultado a 23/11/2012].

<sup>58</sup> «Em 1834, no âmbito da "Reforma geral eclesiástica" empreendida pelo Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837), pelo Decreto de 30 de Maio, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas, sujeitas aos respectivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo» [em linha: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=1497467>, consultado a 09/02/2013].

Estas alterações urbanísticas iriam demorar o seu tempo a concretizar-se e o aspecto de toda a zona hoje denominada como quarteirão das Carmelitas não sofreria grandes modificações até ao início do século XX. De entre os vários fins que a ocupação do devoluto Convento S. José e de Santa Teresa das Carmelitas Descalças teve há um que carece de alguma atenção por parte deste estudo. Em 1865, um francês de seu nome Paul Barnabot terá mandado instalar um barracão no terreno junto ao edifício do antigo convento para aí surpreender os portuenses com um espectáculo de feras.

«A vocação dessa construção improvisada manteve-se, com novas exhibições de animais exóticos, por iniciativa de Marcelo Servini e outro italiano, passando em seguida a servir de suporte a espectáculos diversos, ainda antes do incêndio de 1872, nele se tendo exibido, entre outros, o prestidigitador espanhol Manuel Sanchez Lara e o circo dos Irmãos Dallot.

Construído novo barracão (por iniciativa de Ferreira Nunes), foi o mesmo ocupado até 1875 para a exhibição de peças de teatro, ocupação que se prolongou – e reafirmou – depois da remodelação do imóvel, altura a partir da qual passou a ser identificado como Teatro de Variedades, no qual se deram um número elevado de representações. Até que, já na década de 90, face à crescente concorrência e à desadequação das instalações, foi dado o fim às exhibições», (Fernandes, 1993:345).

Se a ocupação do edifício e terreno envolvente do antigo convento não provocaria mudanças drásticas a nível físico até ao início do séc. XX, a toponímia, contudo, veria várias alterações como é o caso da própria Rua das Carmelitas que teve vários nomes (Rua do Anjo, Nova do Anjo e de Jesus do Anjo), embora o seu actual nome, assim como o da Rua de Santa Teresa, constem já da “planta redonda” de Balck<sup>59</sup>.

«A planta redonda de Balck (1813) mostra-nos, nas traseiras da casa conventual, uma artéria inominada entre a Rua da Fábrica e o Largo do Correio e mais a nascente a rua então designada do Correio-Mor, actual Rua do Conde de Vizela. A Travessa das Carmelitas, que figura na planta de Costa Lima (1839), seria, cremos, a actual Rua de Cândido dos Reis, antes Rua da Rainha D. Amélia, antes Largo do Correio-Mor, dado situar-se aí o palacete dos Correio-Mores, onde os correios tinham a sua sede».<sup>60</sup>

Outro dado curioso sobre as várias actividades que tiveram lugar no que outrora fora o perímetro do convento, fazendo a ponte ao que hoje acontece nesse mesmo espaço ou na sua envolvente mais próxima, é a existência de um mercado de artigos usados (Fernandes, 1993:346):

---

<sup>59</sup> «(...) a vulgarmente conhecida por “planta redonda”, tem sido atribuída a George Balck, assistente do quartel-mestre general do Exército britânico, que a dedicou a Nicolau Trant, governador das Armas do Partido do Porto. Editada em 1813 em Londres, e depois em Lisboa já com correcções, desconhece-se, no entanto, se os levantamentos que lhe deram origem são efectivamente da responsabilidade desse oficial inglês» [em linha: [http://ww3.fl.ul.pt/mapoteca/catalogo\\_civitates.pdf](http://ww3.fl.ul.pt/mapoteca/catalogo_civitates.pdf), consultado a 17/01/2013].

<sup>60</sup> [em linha: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponimia/969>, consultado a 17/01/2013].

«No interior da velha cerca conventual sobrava ainda espaço para a instalação de um mercado de características muito peculiares, onde se comercializava uma enorme variedade de artigos usados. Migrados do terreno livre existente junto à Porta do Sol por meados do séc. XIX, os vendedores da antiga Feira da Ladra vieram construir um mercado conhecido pelos “Ferros Velhos”, designação pela qual veio a ser identificado o local e a artéria (existente sensivelmente no local onde hoje está a Rua Cândido dos Reis) onde se podia encontrar à venda diariamente, se bem que fosse mais concorrido às terças-feiras e sábados (...).»

A lista do tipo de artigos vendidos nesse mercado era variadíssima e incluía

«(...) tudo quanto a mais caprichosa fantasia pudesse inventar e apetecer: roupas de homem e de mulher, livros, fechaduras, tachos, calçado, bacias, grades, colchões, espelhos, tapetes, cortinas, pregos, ferros de brunir, lavatórios, cadeiras, armários, louças, chapéus, espadins, candeias, tabuleiros, vidraças, portas, caixas, baús, mesas, pistolas, bacamartes, vestuários completos do séc. XVIII, chapéus armados, retratos, paisagens, sobrecasacas e capotes do tempo da revolução de 20 e dos patriotas da Junta(...).»

Em meados de 1903/1904, por proposta de José António Forbes de Magalhães, as barracas dos “Ferros Velhos”, os poucos prédios que circundavam o velho convento e o que ainda sobrava deste foram demolidos com o intuito de aí fazer nascer o “Bairro das Carmelitas” (Fernandes, 1993:346). Este projecto viria a introduzir

«novas formas edificatórias de nova matriz tipológica e representa a modernidade eclética e monumental que apesar de chegar com algum atraso, veicula com alguma força os modelos *Beaux-Arts* com que o último quartel do século havia preenchido a maior parte das cidades europeias» (Arqtº Virgínio Moutinho).

Fez parte do plano urbanístico a abertura de uma nova artéria que ajudaria a tornar aquela uma zona plenamente integrada na área central da cidade que se queria “moderna”, condizente com uma segunda cidade do país consideravelmente aumentada demográfica e economicamente (Fernandes, 1993:345).

«(...) é proposta a abertura de uma nova Rua, em terreno exclusivamente municipal. (...) A Rua transversal, de nascente a poente, desejar-se-á galeria coberta, à imagem de Paris, Milão... e em Galeria de Paris se tornará na nomeação, em 1905, em homenagem à França que bem recebera o senhor rei D. Carlos» (Cardoso, 1997:289).

A Rua da Galeria de Paris nasceria, assim, com o intuito de aproximar a cidade das grandes urbes europeias onde *ruas-galeria* se distinguiam dos restantes espaços comerciais com lojas e *boutiques* de luxo e onde as grandes coberturas envidraçadas se enchiam de *glamour* com o brilho das luzes.

«A Galeria de Paris exige, a norte, várias expropriações sobre a Rua de Santa Teresa e Praça de Santa Teresa e os lotes, que com ela se relacionam, obrigam os projectos a submeterem-se

escrupulosamente à aprovação da Câmara, com as fachadas indicadas no corte transversal da galeria, respeitando a sua altura e as linhas gerais do entablamento, reservando à Câmara a solução das consolas de suporte e mais peças necessárias ao estabelecimento da cobertura, de ferro e vidro» (Cardoso, 1997:291).

Este facto é confirmado pela existência de uma cércea semelhante ao longo da rua em ambas as fachadas (ver figura 1). O cuidado com a métrica dos edifícios é um aspecto várias vezes referido como de suma importância nos processos de vários edifícios da rua, consultados no arquivo geral da Câmara Municipal do Porto (ver figuras 2 e 3).

Inexplicavelmente, a cobertura envidraçada nunca chegou a ser construída, desconhecendo-se a razão.

Em 1999, a Câmara Municipal do Porto terá aberto concurso público para a requalificação da rua e sua possível cobertura para, assim, a incluir na sequência monumental Clérigos/Carmelitas (provavelmente a pensar já na Porto 2001- Capital Europeia da Cultura), mas embora se tenha requalificado a rua propriamente dita e seu mobiliário urbano a construção da cobertura nunca chegou a cumprir-se.

Em 2008 a já quase mitológica cobertura foi novamente alvo de concurso por parte da DÉDALO<sup>61</sup>, que desafiava jovens estudantes de arquitectura a apresentar as suas propostas – o prémio seria a publicação das mesmas no primeiro número desta revista.

No estudo prévio para a cobertura da Galeria de Paris constante na proposta de requalificação elaborada pelo Arqtº Virgínio Moutinho, à data do concurso público então aberto pela Câmara Municipal do Porto, a constatação da

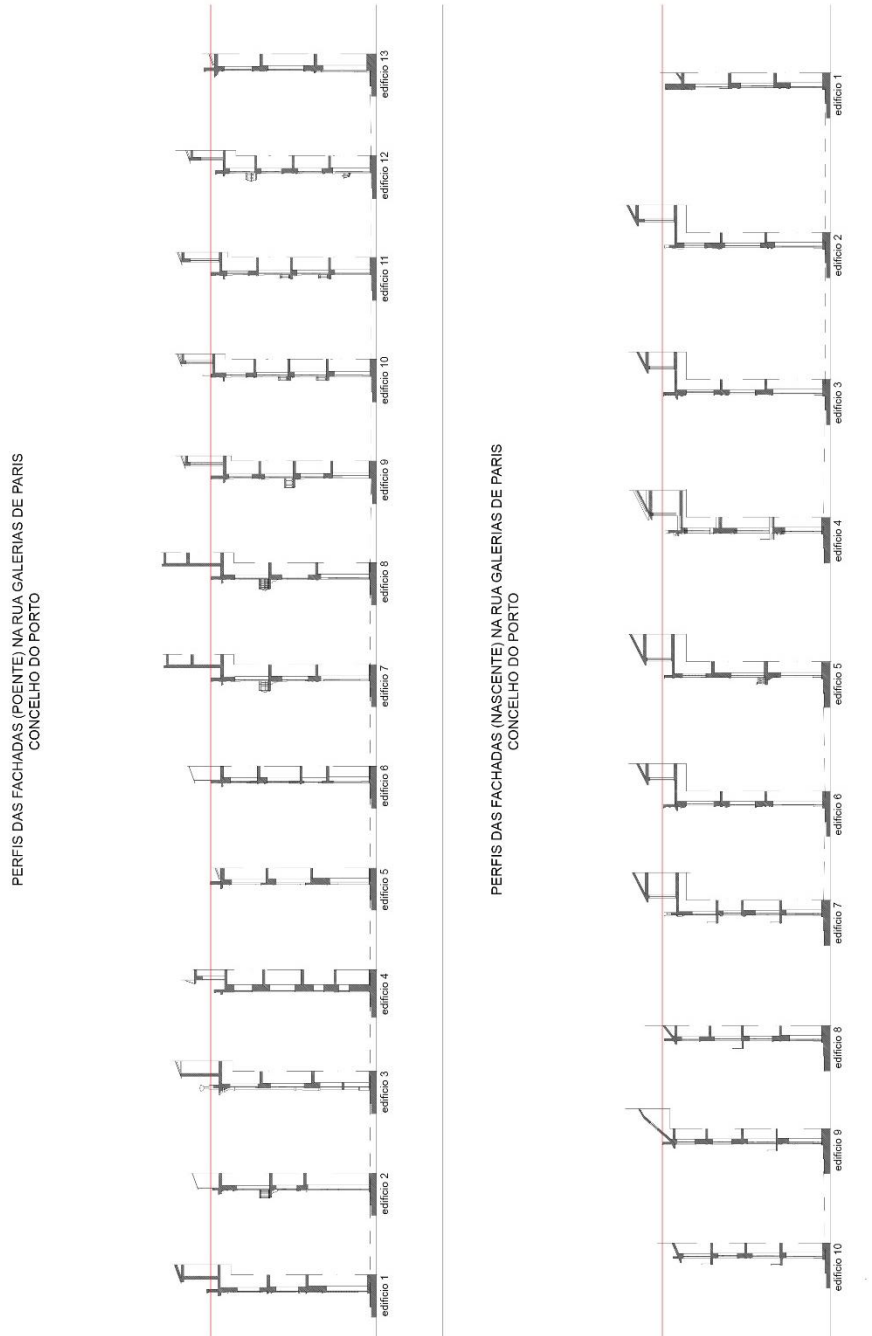
«existência, nas edificações e nas unidades comerciais que nelas se integram, de um sistema de dupla fachada, sugeria uma possibilidade de potenciação de uma dupla relação urbana, permitindo o estabelecimento de uma rede de ligações transversais, pondo em evidência uma unidade mais ampla, constituída por três quarteirões interligados».

Esse reforço das ligações transversais entre as ruas Galeria de Paris, Cândido dos Reis e Conde de Vizela através de espaços comerciais que propiciassem o uso das duas frentes de forma natural, como seja a actividade de cafetaria ou restauração, por

---

<sup>61</sup> «A revista *Dédalo* é uma publicação criada por um grupo de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto – FAUP – afirmando-se como um espaço de intervenção e crítica, com base no incentivo à discussão sobre arquitectura e aos temas actuais que a disciplina levanta, nunca esquecendo também que a arquitectura não é uma manifestação isolada das outras artes ou ciências sociais», [em linha: <http://revistadedalo.com>, consultado a 29/04/2013].

exemplo, e assim vincasse as ligações físicas entre as ruas daquele quarteirão, foi argumento insistente da proposta de requalificação apresentada pelo arquitecto.



**Figura 1 – Perfis das fachadas da Rua da Galeria de Paris evidenciando o alinhamento das cérceas**

Fonte: Arq. Virgínio Moutinho (reprodução autorizada pelo autor)

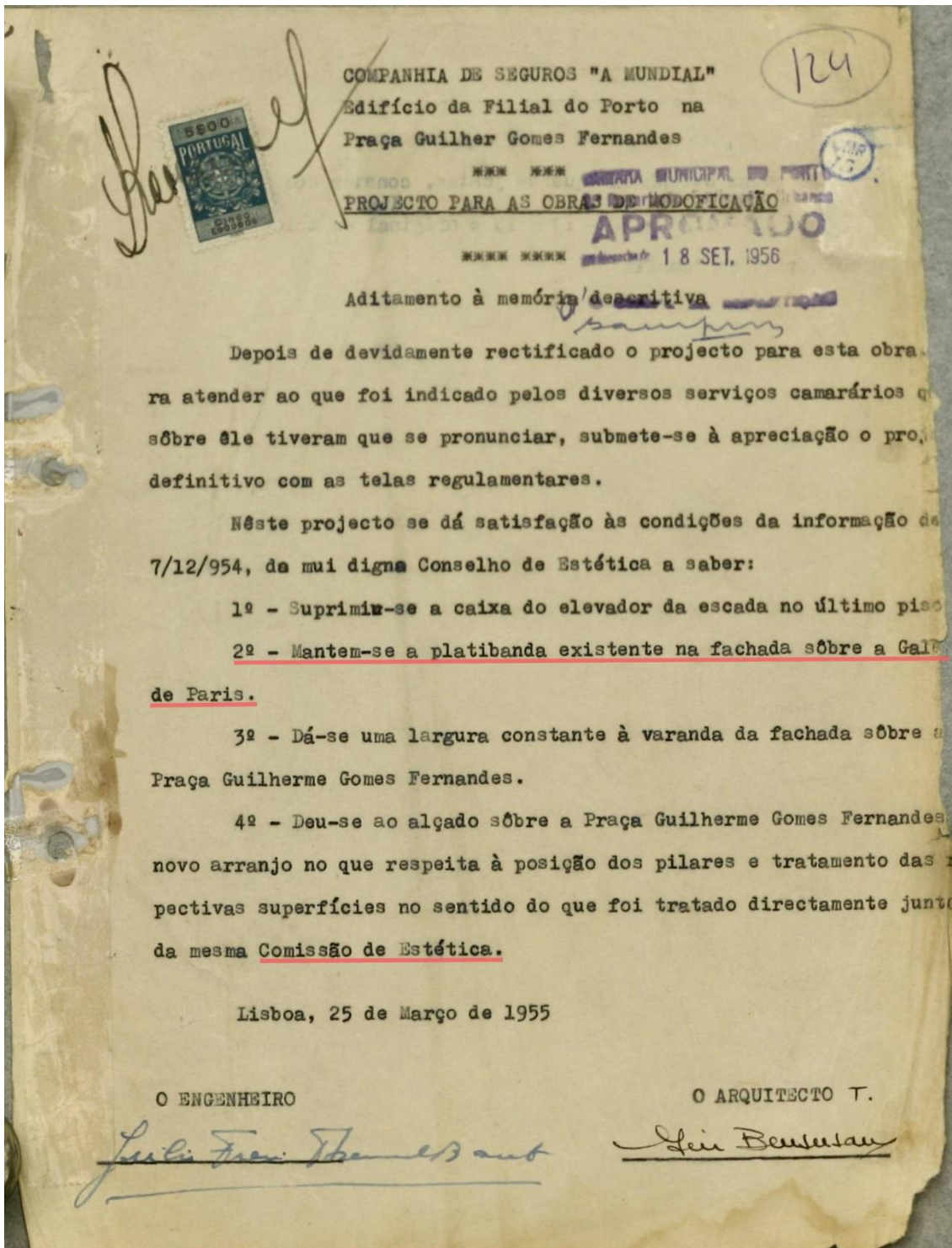


Figura 2 – Aditamento a projecto de obras de modificação em edifício da Rua da Galeria de Paris

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto



MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA  
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

478

-MP  
AG

Com. M. C.  
12.12.51

Procº 6F/119

ASSUNTO - Obras de remodelação e ampliação da Companhia de Seguros Mundial-Confiança E.P., no prédio sito na Galeria de Paris, nº 49 -  
- Praça Guilherme Gomes Fernandes, nº 10, no Porto

Guilherme Gomes Fernandes  
9.12.51  
PARECER

PARECER

O edifício da Companhia de Seguros "A Mundial", tal como hoje se encontra, representa já, no entender desta Assessoria Técnica, uma ocupação maciça do lote urbano onde se situa, correspondendo neste momento a um índice de ocupação da ordem dos 5,9 líquidos e 4,3 brutos (incluindo a área de influência nos arruamentos envolventes).

Nestes termos, será sempre discutível o significativo aumento de área coberta que se propõe, com o qual aliás a C.M.P. parece estar de acordo.

É evidente a preocupação de índole económica que está subjacente à proposta e assim também se entende que se tentem aumentar e articular devidamente as várias áreas funcionais dos serviços aí instalados.

No entanto, já não é efectivamente pacífico, em matéria da área de protecção em jogo, o aumento significativo da cércea do corpo central, que virá a representar qualquer coisa como 120 novos metros quadrados de obstrução de vistas numa panorâmica e silhueta urbana que interessa de sobremaneira defender, face à presenta e proximidade da Torre dos Clérigos.

Dado o tipo de problema em questão, entende esta Assessoria Técnica que não é possível ao I.P.P.C. definir qualquer posição sobre o pro-

Figura 3 – Parecer sobre obras de remodelação e ampliação em edifício da Rua da Galeria de Paris

Fonte: Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto

«A natureza do uso do edificado, a semelhança da forma e dimensão das ruas que o compõem conferem ao “bairro” uma unidade própria que dificilmente encontra paralelo na cidade».

Mais,

«a singularidade das arquitecturas, a centralidade das ruas, a sua estabilidade de cota, a sua boa exposição solar, a extensão dos canais visuais que materializam, são razões que tornam incompreensível a inactividade ou a decadência deste sector urbano, e o seu alheamento do processo de requalificação do centro da cidade, razões de peso para que se encontrem formas de intervenção capazes de inverter este quadro» (Moutinho, [s.d.]).

De facto todo este quarteirão foi durante anos esquecido pelos próprios portuenses não sendo considerado mais que uma zona de armazéns devolutos na qual apenas a extinta Galeria Nasoni tentava quebrar o estigma. Paralelamente, ali ao lado, a Praça de Lisboa, triângulo compreendido pela Rua das Carmelitas, Rua São Filipe de Nery e Rua do Doutor Ferreira da Silva, vulgarmente conhecido como Mercado do Anjo, carece também de atenção por ser um exemplo paradigmático de abandono e desajuste urbanístico ao longo dos anos mais recentes.

Este espaço, tão intimamente ligado ao quarteirão que nos serve de caso de estudo, tem uma não menos interessante história que começa com uma lenda que lhe deu o nome pelo qual é conhecido ainda hoje. Conta a lenda que, em Novembro de 1153, D. Afonso Henriques, na companhia da rainha D. Mafalda, terá passado pelo olival que aí existia (então fora das muralhas da cidade), na sua viagem de Coimbra para Guimarães, quando o cavalo em que a rainha seguia caiu num barranco. Temendo pela saúde da rainha, D Afonso Henriques terá invocado a protecção de S. Miguel o Anjo, de quem era devoto, e após constatar que nada de mal acontecera à rainha mandou erguer naquele mesmo sítio uma capela em honra do protector. Séculos mais tarde, em 1672, D. Helena Pereira, uma senhora portuense natural da freguesia da Vitória, aquando da sua viuvez, mandou construir o um recolhimento para albergar viúvas nobres sem bens e órfãos, ao qual deu o nome de Recolhimento de S. Miguel do Anjo<sup>62</sup>, em memória da capela que ali existia. Esta instituição acabaria por ser abandonada à semelhança de vários conventos pela cidade, ficando o terreno na posse da Câmara.

---

<sup>62</sup> Também conhecido como Recolhimento da Rainha Santa do Anjo do Porto, por Recolhimento da Rainha Santa Isabel, Recolhimento do Anjo, e Recolhimento da Rainha Santa, Recolhimento Santa Isabel ou do Anjo do Porto.

«A ideia da construção do Mercado começou a ser acarinhada em 1834, logo a seguir à vitória do Liberalismo. Com efeito, em Fevereiro desse ano, a Câmara do Porto aprovou em sessão da Vereação a planta do novo mercado. Mas o projecto só viria a ter concretização cinco anos depois».

Foi a 9 de Julho de 1839 que o Mercado do Anjo seria inaugurado para comemorar a entrada do Exército de D. Pedro no Porto que tinha acontecido seis anos antes.

«A construção do Mercado do Anjo aparece na sequência do considerável aumento da população que se começou a registar no Porto logo nos começos do século XIX. A cidade que se caracterizara pelo seu cariz fortemente comercial estava a transformar-se, por esse tempo, também, num importante pólo industrial»<sup>63</sup>.

O Mercado do Anjo serviu, assim, para albergar as vendedeiras de frutas e hortaliças de vários pontos da cidade (a título de exemplo as que vendiam no mercado da Praça de S. Bento, actual Praça de Almeida Garrett, e do Correio, hoje Rua Conde de Vizela), as padeiras da feira do pão (que tradicionalmente faziam as suas vendas na então chamada Praça do Pão, hoje Praça Guilherme Gomes Fernandes), as vendedeiras de flores que tinham o seu mercado ao cimo da Rua dos Clérigos, as peixeiras do Mercado do Peixe que se localizava onde agora está o Palácio da Justiça e muitos outros vendedores e vendedeiras de variadíssimos mercados que se situavam um pouco por toda a cidade. Durante mais de um século este terá sido um dos locais mais movimentados da cidade mas desapareceu em 1952 quando todos os vendedores foram transferidos para o, então recente, Mercado do Bom Sucesso.

Depois da intensa vida comercial que este espaço terá usufruído durante tanto tempo viu-se transformado em parque de estacionamento, feira, parque de estacionamento novamente e posteriormente em centro/galeria comercial. Sensivelmente ao mesmo tempo um parque de estacionamento subterrâneo surgiu enquanto no piso superior o centro comercial encheu-se de *boutiques* e lojas especializadas, como uma loja de fotografia ou uma loja e oficina de molduras muito conhecidas da época. Mas em pouco tempo as lojas que ali existiam foram desaparecendo e o espaço degradado pelo abandono e vandalismo, que afastou muita gente que por ali costumava passar com medo de assaltos ou agressões, levou ao esquecimento daquele local e na sua transformação (virtual) em buraco negro da cidade.

---

<sup>63</sup> [em linha: [http://www.jn.pt/VivaMais/Interior.aspx?content\\_id=1552580](http://www.jn.pt/VivaMais/Interior.aspx?content_id=1552580), consultado a 17/02/2013].

Este facto, juntamente com as condicionantes próprias do quarteirão adjacente, tornou toda aquela zona da cidade, durante alguns anos, uma zona desinteressante, sem vida, apenas para quem precisava de a transpor em direcção à Avenida dos Aliados ou no sentido inverso.

«(...) este espaço, caracterizado pela arquitectura cuidada dos seus imóveis (onde se incluem alguns exemplares assinados por Marques da Silva e notáveis exemplos de arte nova), permanece contudo, desde então, marcado por uma pouco intensa ocupação retalhista, que faz com que exista uma certa descontinuidade comercial entre a Praça da Liberdade e a Praça de Carlos Alberto, (...)» (Fernandes, 1993:346).

A descontinuidade constatada não era só comercial mas também vivencial, aliás, os dois factores estão intimamente ligados não sendo possível sem um a existência e/ou tentativa de permanência do outro.

Na Praça de Lisboa ficou o parque de estacionamento subterrâneo, que ainda existe e continua activo, e um novo espaço comercial surgiu (inaugurado em 2012), designado como “Passeio dos Clérigos”, que timidamente se começa a preencher com um café self-service (à semelhança dos muitos “Starbucks” que existem pelo mundo mas que só marcam a sua presença em Portugal na capital), o restaurante “Shis” (espaço-âncora deste espaço comercial) que ocupa quase dois mil metros quadrados e mais um pequeno quiosque de cafetaria. Os restantes espaços comerciais (dez ao todo) serão bastante pequenos, quase estruturas efémeras, segundo o Arqtº Pedro Balonas, que permitirão o aparecimento de “*Pop Up Stores*”<sup>64</sup> e dinamizarão o espaço de uma forma diferente da do usual comércio envolvente. Um dado curioso sobre o espaço é a sua cobertura reproduzir um olival – o mesmo que noutros tempos existira ali mesmo. A passagem que corta a galeria comercial (inicialmente pensada para ser coberta) ligando a Torre dos Clérigos e a “Livraria Lello” – dois ícones da cidade mais visitados do Porto – abre uma espécie de nova rua sem nome que parece favorecer a vivência do espaço e a mobilização pedonal em toda aquela zona<sup>65</sup>.

Outras duas ruas cuja memória histórica merece atenção pelo seu pleno enquadramento no Quarteirão das Carmelitas e pela relevância de alguns dos seus

---

<sup>64</sup> Tendo como base o verbo “*to pop up*”, que em português significa aparecer súbita e inesperadamente, as Pop Up Stores são lojas temporárias que abrem em lugares mais ou menos estratégicos e têm um tempo de vida muito curto. Tendencialmente são abertas por quem quer testar a receptividade das suas ideias, produtos ou serviços, e constatar se no mercado estas resultam como uma forma de negócio.

<sup>65</sup> [em linha: <http://www.publico.pt/local/noticia/praca-de-lisboa-rasgada-por-rua-entre-clerigos-e-livraria-lello-1529479>, consultado a 13/02/2013].

espaços comerciais para este estudo são a Rua de Cândido dos Reis e a Rua do Conde de Vizela, paralelas à Rua da Galeria de Paris. A primeira (anteriormente Rua de D. Amélia) herda o nome de Carlos Cândido dos Reis (1852-1910), vice-almirante e revolucionário do 5 de Outubro para o qual foi um dos conspiradores mais activos. Quanto à segunda (outrora Rua do Correio), o seu nome provém do título ganho, por decreto do Rei D. Carlos, por parte de um grande industrial, Diogo José Cabral (1864-1923) de seu nome, que mandou construir o grande edifício-quarteirão desenhado por Marques da Silva e que possui frentes para a rua homónima, a Rua de Cândido dos Reis e a Rua das Carmelitas.

#### 4.2. A Rua: factos e números

A Rua da Galeria de Paris tem cerca de 125,5 metros de comprimento e uma largura média de 9 metros, dos quais cerca de 3 metros são faixa de rodagem e os restantes se repartem por dois passeios e baías de estacionamento. Do lado Nascente da rua, o passeio apresenta um perfil médio, contínuo, de 2 metros, enquanto do lado Poente a largura máxima de circulação pedonal, de 4 metros, é, em trechos, intercalada por 13 lugares de estacionamento automóvel. A faixa de rodagem possui apenas um sentido de trânsito (Sul-Norte) que estabelece a ligação rodoviária entre a Rua das Carmelitas e a Rua de Santa Teresa e sequente Rua da Fábrica.

Neste ponto introduzimos um mapeamento da via, no sentido de identificar rigorosamente o objecto de estudo que nos ocupa.



**Figura 4 – Mapa do quarteirão das Carmelitas onde se situa a Rua da Galeria de Paris**

Fonte: MipWeb Portal de Informação Geográfica

O lado Poente da rua é definido por 13 edifícios, dos quais 3 estão totalmente devolutos e 10 se encontram maioritariamente ocupados. Do que se pôde verificar, este lado da rua tem, ao nível do rés-do-chão, 3 espaços de comércio convencional, 2 espaços de restauração (que também têm serviço de bar à noite) e 3 espaços de lazer nocturno. Destes 8 espaços, apenas 7 têm frente activa para a rua e 1 funciona como montra de exposição do respectivo estabelecimento, cuja entrada principal se faz pela Rua das Carmelitas.

Para melhor compreensão da ocupação dos edifícios, e tendo como orientação o sentido Sul-Norte, consideraremos como *edifício 1* o edifício-gaveto da Rua das Carmelitas, e assim progressivamente até ao *edifício 13*, que será o edifício de gaveto com a Rua da Fábrica (ver figura 5).

O *edifício 1* do lado Poente da Rua das Galerias de Paris é unicamente ocupado pelos armazéns “Marques Soares” (vestuário), cuja entrada principal se faz pela Rua das Carmelitas. Ao nível do rés-do-chão, a frente virada para a rua do nosso interesse é ocupada pela montra de exposição da loja. O 1º piso é ocupado ainda pela loja e o 2º piso e os dois andares recuados superiores são usados como zona de armazenamento da mesma.

O *edifício 2* pertence ainda à loja “Marques Soares”. Aqui, porém, o rés-do-chão tem frente activa para a Rua das Galerias de Paris e corresponde à “Óptica Marques Soares”. À semelhança do “edifício 1”, o 1º piso é ocupado pela loja e os restantes (2º piso e 3º piso recuado) servem de armazém.

O *edifício 3* (rés-do-chão, 1º e 2º andares e 3º andar recuado) está, pelo que se pôde averiguar, completamente abandonado.

À semelhança do anterior, o *edifício 4* (r/c, 1º, 2º e 3º pisos e 4º piso recuado), onde até há cinco anos atrás estava instalado o Hospital Privado dos Clérigos, com entrada pela Praça de Guilherme Gomes Fernandes, está, actualmente, devoluto.

O *edifício 5* da Rua das Galerias de Paris é ocupado, ao nível do rés-do-chão, pelo restaurante “Taberna” e os 1º e 2º andares serão apartamentos para alugar a turistas.

O *edifício 6* é ocupado pelo “Alma” (bar) no r/c; no 1º andar está instalado o gabinete da empresa Miew (media and technology); no 2º andar existe um gabinete de arquitectura e o 3º andar e 4º andar recuado são de habitação.

O *edifício 7* (r/c, 1º e 2º e dois andares recuados) está, ao que tudo indica, vazio.

O *edifício 8* tem, no seu rés-do-chão, o bar “Casa do Livro” e os restantes andares (1º, 2º e 2 andares recuados), pelo que se pôde averiguar, são ocupados por escritórios de advogados e um cabeleireiro.

No *edifício 9*, o r/c é ocupado pela “Itáipu” (pastelaria); o 2º andar é habitação e o 1º e 3º andares e os dois andares recuados estão, ao que se apurou, devolutos.

O *edifício 10* tem o rés-do-chão ocupado com o “É Prá Poncha” (bar-discoteca). Quanto aos restantes andares (1º, 2º, 3º e 4º andar recuado), embora pertencentes ao mesmo proprietário, não se conseguiu apurar o tipo de ocupação.

O *edifício 11* (composto por r/c, 1º, 2º, 3º e 4º piso recuado) está, ao que tudo indica, vazio.

No *edifício 12*, onde há bem pouco tempo estava aberta uma loja de decoração no r/c, abrirá brevemente, no mesmo piso, uma loja de instalações eléctricas; o 1º andar será armazém e o 2º e 3º andares e o 4º andar recuado são ocupados pelo “Porto Downtown Hostel”, com entrada pela Praça de Guilherme Gomes Fernandes.

O *edifício 13* (composto por r/c, 1º e 2º andares) está na sua totalidade devoluto.

O lado Nascente da rua é definido por 10 edifícios, dos quais 2 estão completamente abandonados e 8 se encontram maioritariamente ocupados. Do que se pôde apurar, este lado da rua tem, ao nível do rés-do-chão, 1 espaço de comércio convencional, 3 espaços de restauração (que também têm serviço de bar à noite) e 3 espaços de lazer nocturno. Curiosamente, apenas um edifício não apresenta actividade ao nível do r/c, embora tenha os andares superiores ocupados.

Para melhor compreensão da ocupação dos edifícios, seguiremos o mesmo esquema de orientação acima escolhido; ou seja, consideraremos como *edifício 1* o edifício que faz esquina com a Rua das Carmelitas, e assim progressivamente, até ao *edifício 10*, que será o edifício-gaveto da Rua da Fábrica (ver figura 6).

O *edifício 1* do lado Nascente da Rua das Galerias de Paris é ocupado, no r/c, por uma loja de comércio convencional, e no 1º e 2º andares, pela loja “A Vida Portuguesa” (comércio criativo).

O *edifício 2*, que é um edifício de estilo *arte nova*, construído em 1906, está totalmente devoluto (r/c, 1º andar, 2º andar e 3º andar recuado).

O *edifício 3* é ocupado pelo “La Bohème” (café-tapas-bar) no rés-do-chão, por um *atelier* de alfaiate no 1º andar e por um escritório de advogado no 2º andar.

O *edifício 4* está ocupado, ao nível do r/c, pelo “Café au Lait” (bar); o 1º andar está disponível para arrendamento; o 2º está, aparentemente, vazio e o 3º piso recuado é de habitação.

O *edifício 5* tem o seu r/c e 1º piso ocupados pelo “Galerias Paris” (restaurante-bar) e o 2º piso e 3º piso recuado são ocupados pela “Pensão Cristal” (hotelaria).

O *edifício 6* é ocupado pelo “More Club” (bar-discoteca) no rés-do-chão e pelo “We Love Porto” (organização de eventos) no 1º andar; não se conseguiu averiguar o que ocupa o 2º andar e o 3º andar recuado.

O *edifício 7*, onde, outrora, a famosa “Galeria Nasoni” (galeria de arte) ocupava o rés-do-chão, com a parte de exposição, e o 1º piso como armazém, vê, agora, os mesmos pisos vazios e os 2º e 3º pisos e 4º piso recuado ocupados pelo “Nasoni Guest House” (hotelaria).

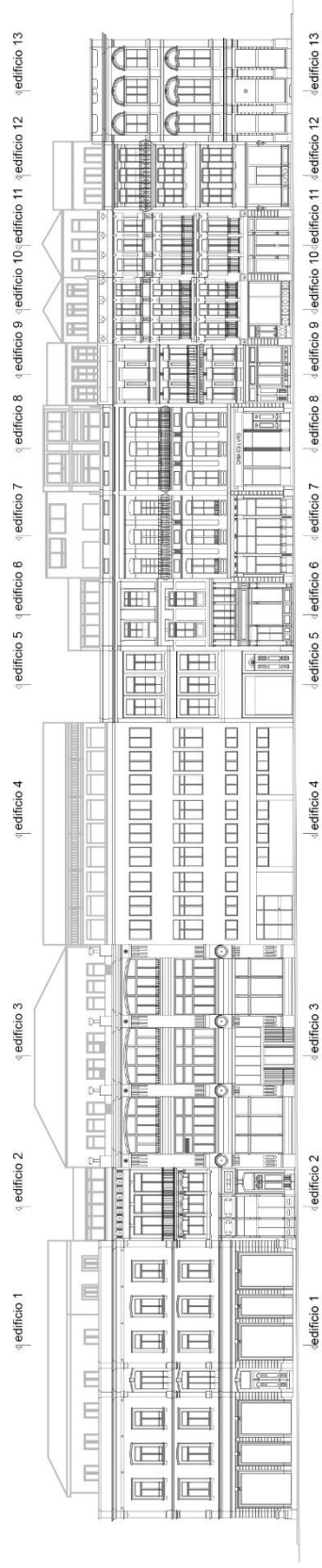
O *edifício 8* alberga o “Café Portinho” (café-restaurante) no seu r/c, há mais de 20 anos, e os 1º, 2º e 3º andares estão, pelo que se pôde apurar, vazios.

No *edifício 9*, o “Era Uma Vez em Paris” (restaurante-bar) ocupa o rés-do-chão. Quanto aos restantes andares (1º, 2º e 3º andares e 4º andar recuado), não se conseguiu apurar a sua ocupação.

O *edifício 10* (composto por r/c, 1º, 2º e 3º andares) está totalmente devoluto.

O que se retira desta análise é que na sua maioria os edifícios são ocupados por espaços de lazer nocturno e escritórios de actividades integradas no sector das indústrias criativas.

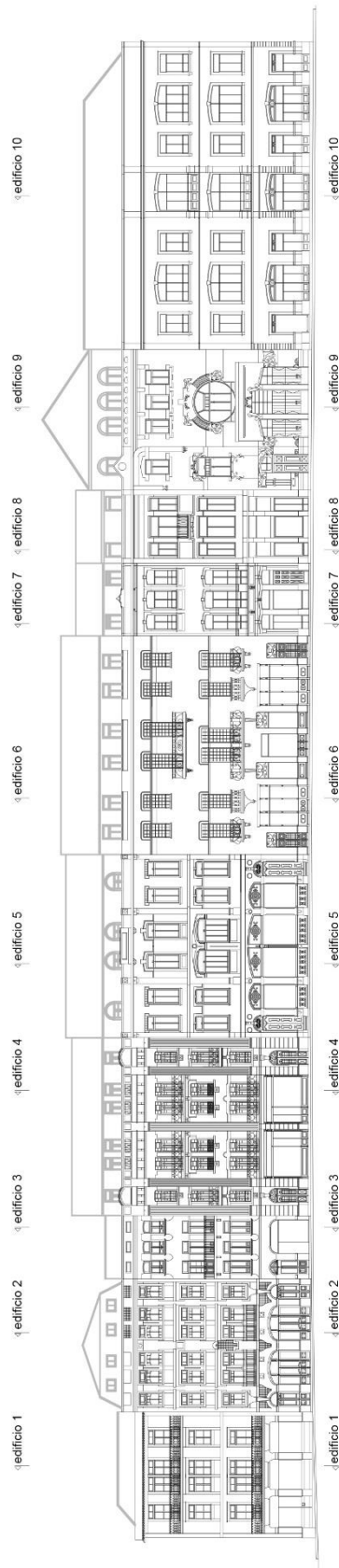
LEVANTAMENTO ARQUITECTÓNICO DAS FACHADAS (POENTE) NA RUA GALERIAS DE PARIS  
CONCELHO DO PORTO



**Figura 5 – Identificação dos edifícios sobre levantamento das fachadas do lado Poente da Rua da Galeria Paris**

Fonte: Arq. Virgínio Moutinho (reprodução autorizada pelo autor)

LEVANTAMENTO ARQUITECTÓNICO DAS FACHADAS (NASCENTE) NA RUA GALERIAS DE PARIS  
CONCELHO DO PORTO



**Figura 6 – Identificação dos edifícios sobre levantamento das fachadas do lado Nascente da Rua da Galeria Paris**

Fonte: Arq. Virgínio Moutinho (reprodução autorizada pelo autor)

Outra questão importante para o conhecimento desta zona é a análise da mobilidade.

No quarteirão das Carmelitas existem ao todo 48 lugares de estacionamento à superfície, sendo que do total apenas 2 são lugares de estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida (um deles privativo e ambos na Rua Cândido dos Reis). A Rua de Santa Teresa e o início da Rua da Fábrica, que se insere no quarteirão, possuem 4 lugares de estacionamento; a Rua das Carmelitas dispõe de 16 lugares; a Rua da Galeria de Paris dispõe de 13 lugares; a Rua de Cândido dos Reis possui 15 lugares (quatro privativos para comércio e um para pessoas com mobilidade reduzida) e a Rua do Conde de Vizela não apresenta nenhum lugar de estacionamento.

Junto ao quarteirão, a Praça de Lisboa dispõe de 900 lugares de estacionamento subterrâneo, que se estendem da mesma até à Praça de Carlos Alberto, passando pela Praça de Gomes Teixeira (conhecida como Praças dos Leões). A Rua de Ceuta tem 24 lugares de estacionamento, dos quais 3 são privativos (um deles é para um morador com mobilidade reduzida e os dois restantes para ambulâncias ao serviço de utentes da “Clínica de Imagiologia Clínica Dr. Campos Costa”). A Rua da Picaria dispõe de 21 lugares, sendo que 5 deles são privativos para o comércio aí sediado. A Rua de São Filipe de Nery tem, aproximadamente, 12 lugares de estacionamento (quatro deles privativos para autocarros de serviço turístico). A Rua de José Falcão possui 12 lugares (sendo um privativo para comércio) e a Praça de Guilherme Gomes Fernandes apresenta 3 lugares disponíveis (um deles privativo para comércio).

Os únicos locais próximos do quarteirão que dispõem de praça de táxis são a Rua dos Clérigos e o Jardim da Cordoaria – nome pelo qual é popularmente conhecido o Campo dos Mártires da Liberdade.

As ruas do quarteirão, bem como as da imediação, são todas de sentido rodoviário único, o que de certa forma condiciona a mobilidade automóvel.

Quanto aos transportes públicos:

As estações do metropolitano de superfície mais próximas são Aliados e Trindade, respectivamente a 300 e 700 metros, aproximadamente, do centro do quarteirão, que estabelecem as ligações Estádio do Dragão – Senhor de Matosinhos (linha A), Estádio do Dragão – Póvoa do Varzim (linha B), Campanhã – ISMAI (linha C), Hospital de S. João – Sto. Ovídio (linha D), Estádio do Dragão – Aeroporto (linha E) e Senhora da Hora – Fânzeres (linha F) (ver figura 7).

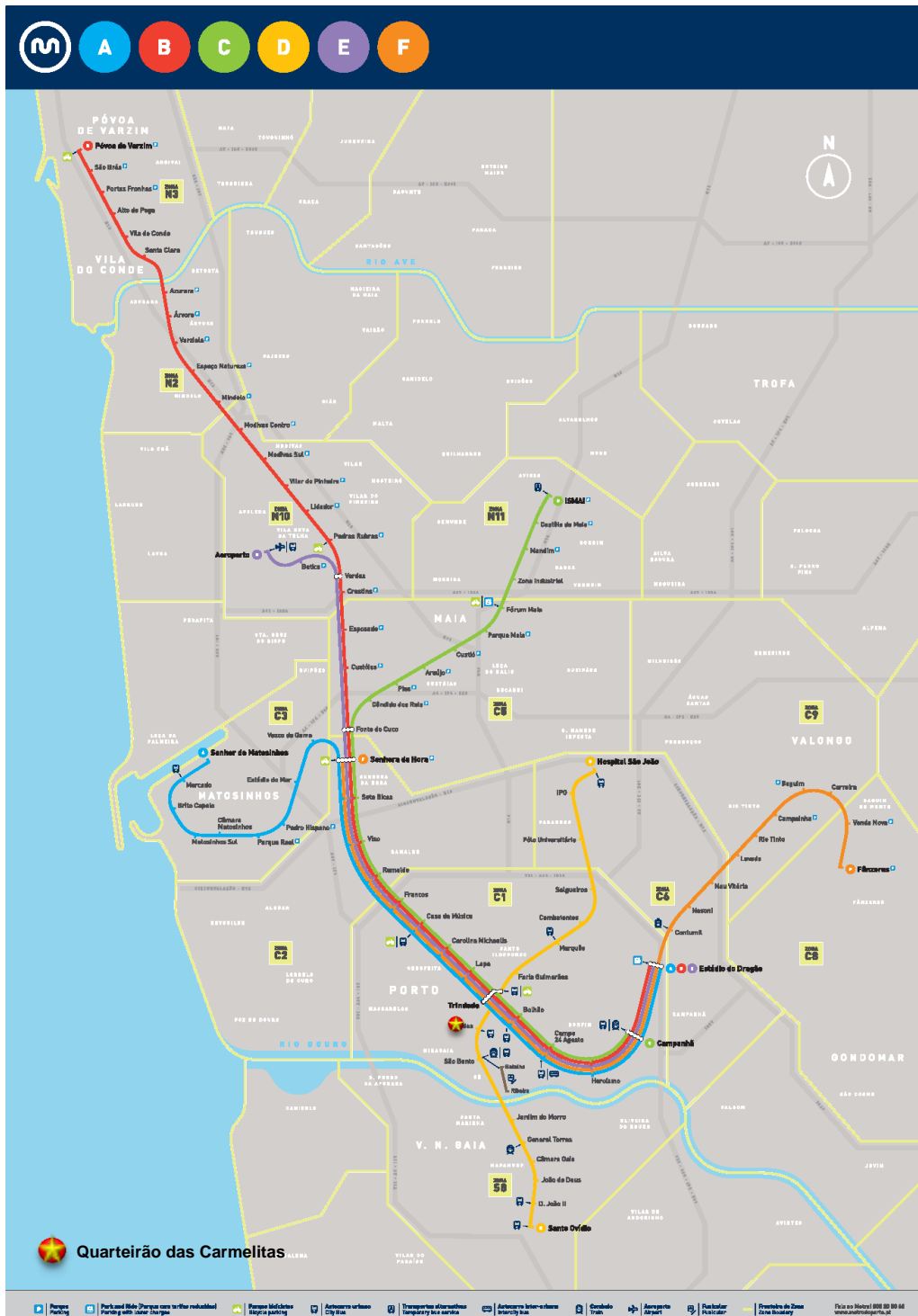


Figura 7 – Localização do Quarteirão das Carmelitas no mapa da rede de metro do Porto

Fonte: [www.metroporto.pt](http://www.metroporto.pt)

As paragens de autocarro que mais proximamente servem o quarteirão são a Guil. G. Fernandes (GGF) e Guilherme Gomes Fernandes (GGF1)<sup>66</sup>, instaladas na praça homónima, e pelas quais passam as seguintes linhas com as seguintes ligações: 22, Circular Carmo – Batalha; 200, Bolhão – Castelo do Queijo; 201, Sá da Bandeira – Viso; 207, Campanhã – Mercado da Foz; 208, Sá da Bandeira – Aldoar (Junta de Freguesia); 300, Circular Hospital de S. João – Aliados; 302, Circular Aliados – Damião de Góis; 304, Trindade – Sta. Luzia; 305, Hospital de S. João – Cordoaria; 501, Sá da Bandeira – Matosinhos (Praia); 703, Sonhos (Ermesinde) – Cordoaria; 12M, Av. dos Aliados – Sto. Ovídio [Rede Madrugada]; 13M, Av. dos Aliados – Matosinhos (Mercado) [Rede Madrugada].

O que se infere desta enumeração de carreiras e estações é que o Quarteirão das Carmelitas está bem abastecido ao nível dos transportes públicos (metro e autocarro), tanto em horário diurno como nocturno. A nossa análise leva-nos a concluir que, durante o período diurno, as ligações com as várias zonas da cidade e as ligações interurbanas estão bem asseguradas. Quanto ao período nocturno, existem dois eixos favorecidos no transporte de passageiros, no que aos autocarros diz respeito. São o eixo norte litoral e o eixo sul, que privilegiam as ligações com Matosinhos e Gaia, respectivamente.

#### **4.3. Levantamento e caracterização dos espaços comerciais de impacto cultural e criativo**

Como foi explanado logo desde as notas introdutórias, o propósito deste trabalho é o de reflectir sobre o papel dos espaços promotores de actividades culturais e/ou criativas, quer enquanto elemento susceptível de permitir a compreensão dos processos de regeneração urbana, quer enquanto elemento potenciador desses mesmos processos. Para esta reflexão, para além da necessidade de reduzir o escopo espacial da investigação, impôs-se também a definição delimitada do tipo de actividades em análise, com vista a um tratamento de informação mais claro e objectivo.

---

<sup>66</sup> Códigos e nomes das paragens de recolha de passageiros dos transportes públicos da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto – STCP [em linha: <http://www.stcp.pt/pt/viajar/paragens/?t=detalhe&paragem=GGF1>, consultado a 16/04/2013].

Se inicialmente nos ocorrera o tratamento das actividades culturais de carácter efémero, como os espectáculos teatrais de carreira curta, o desenrolar da investigação levou-nos a contemplar outras actividades, por não se terem identificado dados suficientes para sustentar apenas a abordagem daquele tópico.

Optou-se, então, por abordar a actividade associada a gabinetes de *design* e arquitectura, sedes de associações ou cooperativas culturais, exposições e concertos, feiras de artesanato tradicional e/ou contemporâneo, festivais, locais de lazer nocturno localizados na área em questão, que permitissem entender até que ponto é vital a sua existência para o desenvolvimento e a consolidação de uma vivência urbana. Abordar locais comerciais que não seguem apenas uma lógica de prestação de serviço e/ou venda de produto convencional, veiculando preocupações iminentemente culturais ou criativas permitiria perceber uma dinâmica urbana ainda mais relevante. Foi a constatação da presença destes negócios que nos motivou; e é a reflexão sobre a sua importância que dá corpo a este trabalho.

De todos os espaços presentes na área delimitada como zona de estudo, foram seleccionados, para auscultação, aqueles que mostraram ter um papel de relevância na sua revitalização. Outros espaços, porém, mesmo fora da área delimitada do estudo de caso, foram considerados, ou por já terem estado sediados naquele quarteirão, ou pela colaboração/cooperação com espaços ali instalados e pelo eixo que estabelecem com a tão falada “movida das Galerias”. Um desses casos é o do “Armazém do Chá”. A característica física do Quarteirão das Carmelitas (em plataforma, como uma espécie de praça) apela à permanência dos seus utilizadores e à apropriação do espaço público como local de “estar”. Paralelamente existe uma mobilização por parte dos utilizadores entre aquele quarteirão e as ruas adjacentes criando uma espécie de roteiro implícito de quem escolhe aquela como sua zona de lazer.

Na Rua da Galeria de Paris foram seleccionados:

- o restaurante-bar “Galerias Paris”, no nº 56, pelo horário de funcionamento alargado, pelo número de pessoas que atrai e pelo envolvimento em iniciativas culturais, como a residência artística “Casa Amarela”, no nº 34 da mesma rua, e as diversas actividades paralelas que têm lugar no andar superior;
- o colectivo artístico “Galeria Nómada”, oriundo de Lisboa, que em 2011 foi pioneira na ocupação da residência artística “Casa Amarela”;

- o bar “Casa do Livro”, no nº 85, que transformou uma antiga e conhecida livraria da baixa do Porto num café-concerto;

- o bar “Café au Lait”, no nº 46, pela programação musical intensa;

- o café-tapas-bar “La Bohème”, no nº 40, por, em contraponto com os outros espaços, ter um serviço exclusivamente de bar;

- a empresa de *media and technology* Miew, no nº 73, 1º andar, por operar numa área de actividade ligada à criação e à criatividade.

Ainda dentro do perímetro do Quarteirão das Carmelitas, na Rua de Cândido dos Reis:

- o café-bar-discoteca “Plano B”, no nº 30, por constar dos primeiros espaços, se não mesmo o primeiro, a se instalarem neste quarteirão;

- o gabinete de *design* “A Transformadora”<sup>67</sup>, no nº 46, por operar numa área de actividade ligada à criação e criatividade.

Na Rua das Carmelitas:

- a “Livraria Lello”, no nº 144, pela sua histórica presença naquele quarteirão e ligação íntima com as actividades culturais.

Na periferia do quarteirão, na Rua de José Falcão:

- o café-bar-discoteca “Armazém do Chá”, no nº 180, por fazer parte da primeira vaga de ocupação daquela área da cidade;

- a Cooperativa “Gesto”<sup>66</sup>, no nº 107, por já ter estado sediada na Rua de Cândido dos Reis e pelo seu trabalho na promoção de actividades culturais e criativas.

Paralelamente, considerou-se importante o estabelecimento de contacto com outras entidades, através de conversas informais e exploratórias, no sentido de aprofundar certas questões abordadas nas entrevistas. Foram contactados o colectivo artístico

---

<sup>67</sup> Não foi possível, em tempo útil, estabelecer contacto com duas das entidades que mais interessavam entrevistar – “A Transformadora” e a Cooperativa “Gesto”. Consequentemente, a nossa amostra apresenta um défice de variedade e a análise apresenta-se incompleta.

“Galeria Nómada” (Lisboa), para explorar assuntos relacionados com a ocupação da “Casa Amarela”, o “Café Portinho” (café-restaurant) e a “Itaípu” (pastelaria), nos números 94 e 91, respectivamente, da Rua da Galeria de Paris, pela sua antiguidade no local.

Os espaços enumerados revelaram incluir na sua forma de actuação actividades de teor cultural e criativo.

Pelo que se pôde averiguar, os espaços de lazer que agregam às suas normais funções a divulgação e promoção de actividades culturais e criativas são meritoriamente responsáveis não só pelo início da ocupação daquela zona da cidade como da revitalização que daí resultou. Foram estes espaços, com a sua oferta diferenciada da restante economia nocturna, que deslocaram um público cansado dos restantes espaços nocturnos, que se situavam em zonas incaracterísticas e distantes do centro da cidade, e que encontraram, assim, a motivação para viver e ocupar uma parte esquecida da “baixa” e fidelizaram outro público, mais específico e já estabelecido naquela área da cidade.

As exposições, os concertos, os festivais de música, as peças de teatro, as instalações, as performances, os lançamentos de livros, as conferências, os espectáculos de dança, passaram a fazer parte de uma realidade nocturna, em espaços que não os convencionais. A vida nocturna deixou de ter uma função meramente lúdica e de sociabilização, por vezes encarada como fútil ou marginal, para passar a ter também uma função educativa e cultural.

As actividades promovidas por estes espaços incluem-se no sector das indústrias criativas<sup>68</sup> considerado como um sector que define um ambiente de abertura, estimulante e atractivo, que potencia um nível maior de qualidade de vida (Landry, 2004; Florida, 2002).

---

<sup>68</sup> O conceito original de “indústrias criativas”, criado pelo Department of Culture, Media and Sports (UK DCMS), engloba um leque de “actividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual”. São elas: Publicidade, Arquitectura, Artes Visuais e Antiguidades, Artesanato e Joalheria, Design, Design de Moda, Cinema, Vídeo e Audiovisual, Software Educacional e de Entretenimento, Música, Artes Performativas, Edição, Software e Serviços de Informática, Televisão e Rádio”. Em Portugal, e segundo o estudo “O Sector Cultural e Criativo em Portugal”, elaborado pela Augusto Mateus & Associados para o (agora inexistente) Ministério da Cultura, áreas como a gastronomia, bem-estar e turismo cultural, que engloba áreas transversais ao sector cultural e criativo nacional, devem ser incluídos no mesmo.

Os exemplos internacionais são muitos. No Reino Unido, grandes cidades industriais como Glasgow, Manchester, Liverpool ou Sheffield assumiram uma aposta nas indústrias criativas, nas actividades culturais e nas artes, como estratégia de regeneração e desenvolvimento das cidades como resposta à estagnação pós-industrial (Correia, [s.d.]).

«O sector da cultura desempenha um papel essencial, dadas as suas numerosas implicações sociais, económicas e políticas. Por conseguinte, a cultura ocupa um lugar fundamental no processo da integração europeia [e mundial]». <sup>69</sup>

Estes espaços, com a sua estratégia cultural, atraem também outros sectores de actividade, ainda que dentro do mesmo “macro” sector das indústrias criativas, consolidando assim uma estrutura aproximada de “bairro cultural”.

Embora a sua actividade seja maioritariamente nocturna, a maior parte dos espaços consultados demonstra também uma forte tendência para actividade diurna e promoção da vivência daquele quarteirão também durante o dia. A realização de feiras de artesanato contemporâneo (também ele uma actividade criativa), os *workshops* de escrita criativa e as aulas de dança são alguns dos exemplos.

«(...) a economia noturna contribuiu [também] para o rejuvenescimento de algumas actividades tradicionais na cidade, e.g. livrarias, isto porque existem pessoas que vêm as montras de noite e voltam de dia para comprar. Portanto, a actividade noturna, em parte, é geradora de circulação para a actividade diurna» (Pinto, 2012:68).

O fenómeno de revitalização está tão patente que algumas empresas fora do escopo criativo e cultural escolhem aquele local para a divulgação dos seus produtos (nova marca de bebidas e alimentos) e localização dos seus eventos promocionais. Exemplos disso são o festival “Optimus D’Bandada”, que desde 2011<sup>70</sup> toma como palco um grande número de bares situados no Quarteirão das Carmelitas e ruas periféricas<sup>71</sup>, aproveitando a dinâmica existente, e a recente acção de promoção de Verão na Casa da Música que fez todos os bares da Rua das Galerias de Paris passarem música clássica enquanto na rua se assistia a uma performance de *breakdance*<sup>72</sup>. Assiste-se também à crescente abertura de novos espaços comerciais de segmento elevado (roupa e *lifestyle*,

---

<sup>69</sup> [em linha: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/culture/129019\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/culture/129019_pt.htm), consultado a 23/01/2012].

<sup>70</sup> [em linha: <http://www.optimus.pt/Main/SobreAOptimus/PressReleases/2011/9/28/3760123>, consultado a 05/03/2013].

<sup>71</sup> Entre os vários espaços constam: “Plano B”, “Café au Lait”, “Casa do Livro”, Varandim Torre dos Clérigos, “Armazém do Chá” e “A Vida Portuguesa”.

<sup>72</sup> Para uma breve visualização do evento consultar o link: <http://vimeo.com/67631014>.

na sua maioria), que poderão remeter para a idealização original daquele quarteirão e, em especial, da Rua das Galerias de Paris.

Outros exemplos há de eventos culturais que fogem à ligação, pelo menos directa, com os espaços de lazer nocturno ali sediados, o que reforça uma tendência, pelo menos embrionária, de um quarteirão cultural. A simultaneidade do 50º aniversário da Sonae (mecenas exclusivo) e do 20º aniversário da Fundação de Serralves (produção do evento) proporcionaram a existência da exposição “Emissores Reunidos”, nas antigas instalações da Radiodifusão Portuguesa<sup>73</sup> (nº 74 da Rua de Cândido dos Reis) e que tinha um horário de funcionamento alargado (15h-23h, aos fins-de-semana, e 15h-20h, durante a semana)<sup>74</sup>. A “Casa Amarela” é também um fenómeno de interesse. Embora este caso esteja ligado à Movenpik S.A., empresa que surgiu da necessidade do bar “Galerias Paris” de criar um “departamento cultural”, a “Casa Amarela” foi, durante a sua existência<sup>75</sup> no nº 34 da Rua das Galerias de Paris, um importante fenómeno cultural “independente”. Funcionou como residência artística e laboratório criativo integrado numa rede internacional de artistas e criativos, primeiramente ocupada pelo colectivo artístico “Galeria Nómada” (Lisboa), e como espaço de exposição dos artistas residentes. A exposição decorria durante dias quatro dias por semana (aos sábados das 10h-24h) e, frequentemente, abrangia a própria rua. O propósito da democratização da arte, da abertura do processo criativo aos visitantes e a atracção de um público extremamente eclético foram factores de sucesso do projecto durante a sua curta existência.

Também estruturas culturais criativas e empresas já estiveram e estão sediadas no quarteirão. A própria Cooperativa “Gesto” já esteve sediada no nº 64 da Rua de Cândido dos Reis tendo mudado as suas instalações para não muito longe – os números 107-111 da Rua de José Falcão. Actualmente o gabinete de *design* “A Transformadora” ocupa o nº 46 da Rua de Cândido dos Reis, a empresa de *media and technology* Miew

---

<sup>73</sup> Hoje dão lugar às instalações da galeria de arte “Tous Tous”.

<sup>74</sup> «O facto da exposição “Emissores Reunidos” se realizar na Baixa do Porto, uma zona da cidade merecedora da maior atenção e onde estão a surgir diversos projectos de revitalização, foi também um dos motivos que fez com que a Sonae apoiasse esta iniciativa inovadora e diferenciadora. (...) “Emissores Reunidos” dará novo uso a um edifício do Porto que foi até há dois anos uma estação de rádio, e que ainda preserva marcas dessa ocupação e pretende estimular a população a visitar a Baixa, uma área com um valioso património histórico construído e uma identidade cultural própria, cada vez mais cosmopolita». (Miguel Rangel, Director de Relações Institucionais, Marca e Comunicação da Sonae) in Comunicado, Maia, 2 de Julho de 2009 [em linha: [http://www.sonae.pt/fotos/gca/7\\_2\\_pt405\\_2009070220pr20\\_20mecenas20exposic3a7c3b5es20serralves.pdf](http://www.sonae.pt/fotos/gca/7_2_pt405_2009070220pr20_20mecenas20exposic3a7c3b5es20serralves.pdf), consultado a 10/11/2012].

<sup>75</sup> O projecto “Casa Amarela” teve a duração de 8 meses.

está sediada no nº 73 da Rua das Galerias de Paris, um gabinete de arquitectura ocupa o 2º andar do mesmo edifício, a galeria de arte “Tous Tous” ocupa o nº 74 da Rua de Cândido dos Reis.

#### **4.4. Auscultação dos Agentes<sup>76</sup>**

A auscultação feita aos agentes acima descritos permitiu estabelecer uma cronologia, ainda que rudimentar, da ocupação do quarteirão em causa e área adjacente. Outra informação semelhante, proveniente de outros estudos que abarcam a mesma área, foi também aproveitada para completar este aspecto.

O primeiro espaço de lazer nocturno a instalar-se na periferia do Quarteirão das Carmelitas foi o “Lusitano”, em 2005 (Pinto, 2012:68). Já o primeiro a instalar-se em pleno núcleo do quarteirão foi, pelo que pudemos constatar, o “Plano B” (2006). Dos espaços contactados (bares, lojas, empresas), pôde elaborar-se a seguinte cronologia:

1995 – Livraria Lello<sup>77</sup>;

2006 – Plano B;

2007 – Casa do Livro, Café au Lait;

2008 – Armazém do Chá, Galerias Paris, La Bohème;

2009 – A Vida Portuguesa;

2013 – Miew.

Avaliando grosseiramente a cronologia, consegue-se constatar que a “Livraria Lello” é, dos entrevistados, o espaço mais antigo sediado naquele quarteirão, sendo que o fenómeno que hoje observamos de (re)ocupação “massiva” só teve início no ano de 2008.

A “Livraria Lello” – considerada uma das mais belas livrarias do mundo<sup>78</sup> – é, paralelamente à Torre dos Clérigos, uma das principais responsáveis pela atracção de

---

<sup>76</sup> Para leitura integral das entrevistas efectuadas consultar os apêndices 1.1 a 1.10.

<sup>77</sup> A Livraria Lello porém já existia naquele espaço desde 1881. A data aqui apresentada é a de reabertura do espaço já reabilitado pela mão dos actuais proprietários.

turistas (quer estrangeiros, quer nacionais) e, a nosso ver, funciona actualmente como um espaço-âncora daquela zona da cidade. A peculiaridade arquitectónica de ambos os edifícios – cada um no seu género e salvaguardadas as óbvias diferenças de valor histórico e patrimonial – contribui para este facto. Também os Armazéns “Marques Soares”, pela sua histórica presença naquele local como negócio de sucesso, assumem uma função de espaço-âncora.

Na motivação da sediação dos seus espaços comerciais, há vários factores que pesaram na escolha do local pelos empresários. Seguidamente apresentamos um conjunto de tabelas que elaborámos de forma a sintetizar aqueles factores, bem como a transcrição de excertos elucidativos das conversas mantidas com os diferentes agentes no terreno. Trata-se de uma sistematização que nos informa acerca das impressões dos diferentes agentes no terreno e dos elementos positivos e negativos associados à localização dos seus negócios naquele lugar.

### **Factores de atractividade na zona considerada**

Alguns dos entrevistados moravam ou moram no centro da cidade, estudaram ou durante muito tempo trabalharam por ali. A consciência do valor histórico, patrimonial e estético do centro histórico do Porto eleva o sentimento de apego à cidade e àquela área em específico, por parte de uns, e cativa na escolha do local de instalação do negócio por parte de outros, que não têm o Porto como sua cidade.

<b>Factores presentes na escolha do local para negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Motivação afectiva</b>	<p>«Sim, foi determinante (...) Eu já morei nas Fontainhas durante dois anos e meio e agora moro na Rua do Bonjardim. (...) nós éramos todos estudantes aqui na “baixa”, tínhamos <i>ateliers</i> aqui na baixa...na Rua das Flores, Rua da Picaria, no Largo dos Lóios (...) nós gostávamos, e gostamos, desta zona da cidade, da baixa, do centro histórico, só que, isto para sair à noite, não havia assim grande coisa.» (Plano B)</p> <p>«Se quiséssemos abrir num <i>shopping</i> qualquer, teria sido fácil e</p>

<sup>78</sup> [em linha: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/lonely-planet-classifica-a-lello-como-a-terceira-mais-bela-livraria-do-mundo-1466651>, consultado a 08/05/2013].

rápido. Mas procurávamos uma loja central, antiga, com móveis de origem e muito bonita. A loja do Porto abriu depois de uma longa pesquisa.» (A Vida Portuguesa)

«Aqui porque era uma zona no centro do Porto, com algum carisma, com fachadas a condizer com o tipo de ideia e conceito que nós tínhamos...podia ter sido na rua de baixo mas teria sempre que ser aqui nesta parte central.» (Casa do Livro)

**Tabela 1 - Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação afectiva**

A “noite” da Ribeira era, até então, a que tinha maior expressão fora do circuito normal das “discotecas” que se aglomeravam na Zona Industrial do Porto. O facto de sofrer um forte declínio, pela mesma altura, foi também um factor de peso. Consegue sentir-se a necessidade destes espaços de se demarcarem da restante oferta nocturna existente noutros pontos da cidade e de focarem a sua procura no centro histórico, assumindo que este, por si só, é um espaço que atrai um tipo de população diferente, mais ligada aos valores imateriais e de fruição estética intimamente ligados a toda uma forma mais cultural de entender a vida e a cidade.

<b>Factores presentes na escolha do local para negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Motivação cultural e estética diferenciadora</b>	<p>«Na altura não havia este movimento. Sabíamos da capacidade do nosso tipo de trabalho, não nos queríamos misturar com outras zonas nocturnas como zonas industriais e coisas assim... Quisemos fazer no centro da cidade um espaço que conseguíssemos levar às pessoas, que não estivéssemos a depender das pessoas que passam na rua, mas sim para elas irem propositadamente aos eventos que nós criámos.» (Armazém do Chá)</p> <p>«Penso que para a zona industrial não íamos fazer nada. (...) A Ribeira já tinha morrido, havia a Zona Industrial, só...havia aqui o “Piolho” mas na altura era até à duas da manhã e era café (...) E nós achámos que precisava aqui de qualquer coisa e...decidimos fazer aqui, fazer isto, um espaço que tivesse outros, multidisciplinar...» (Plano B)</p> <p>«A única vantagem que eu vejo é a questão do edifício, realmente ficámos apaixonados pelo edifício e achámos que este era o nosso sítio...» (Armazém do Chá)</p>

«Na altura, era uma renda acessível, era...Estar no centro histórico tem sempre vantagens, não é? Tem bastantes visitas de pessoas de fora da cidade...acho que essa é uma grande vantagem...» (Plano B)

**Tabela 2 - Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação cultural e estética diferenciadora**

O facto de aquela zona da cidade ter estado abandonada durante tanto tempo também proporcionou facilidades económicas. A maior parte dos estabelecimentos visitados durante o trabalho de campo foram pensados pelos seus proprietários como espaços multidisciplinares e que, por isso mesmo, exigiam uma disponibilidade de espaço físico bastante superior à normalmente encontrada em estabelecimentos semelhantes mas sem esse carácter multidisciplinar. Essa necessidade implicaria grandes encargos noutras zonas da cidade. A escolha deste quarteirão e artérias periféricas apresentou uma vantagem na capacidade de comportar o arrendamento de espaços tão amplos – como zona esquecida, estava desvalorizada no mercado imobiliário e isso traduziu-se em rendas baixas, que só começaram a ver o seu valor aumentado com a crescente valorização que o fenómeno de revitalização trouxe consigo. Outra vantagem da altura era a quase inexistência de moradores e a ausência da necessidade de despende quantias avultadas em isolamentos acústicos.

<b>Factores presentes na escolha do local para negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Motivação económica</b>	<p>«E escolhemos esta rua porque andámos durante um ano à procura de um sítio que conseguisse receber os nossos propósitos, (...) que estivesse um bocado abandonada para que também as rendas fossem baratas...que tivesse transportes perto (...) mas a grande preocupação foi, sobretudo, uma zona que não tivesse moradores, para não causar grande transtorno, porque já sabemos como são estas coisas...» (Plano B)</p> <p>«Pelos vistos, estou a aperceber-me hoje em dia que é bom o negócio que fizemos. Depois de nós abirmos, tudo inflacionou aqui à volta.» (Armazém do Chá)</p>

**Tabela 3 - Factores presentes na escolha do local para negócio: Motivação económica**

O intuito da multidisciplinaridade dos espaços de lazer tem profunda ligação com o *background* dos entrevistados desta área de negócio. A maior parte provinha de áreas de formação e profissionais intimamente ligadas às artes (arquitectura, artes plásticas, música) e tinha já experiência em negócios da “noite”.

<b>Factores presentes na escolha do local para negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b><i>Background</i> cultural dos agentes</b>	<p>«(...) nós dávamos concertos e depois chegou a uma altura em que não havia no Porto nenhum sítio para dar concertos e decidimos fazer um espaço (...) polivalente, que desse para receber bandas, para ter <i>dj's</i>...e que tivesse diferentes estilos de música (...) artes plásticas e arquitectura.» (Plano B)</p> <p>«Toda a vida trabalhei neste tipo de espaços e depois, durante bastantes anos, cerca de 8 anos, tive uma empresa mais o meu sócio e outro sócio, empresa essa que ainda continua, que é uma empresa de eventos e tivemos a necessidade de ter o domínio todo do nosso lado e não andar a alugar as casas para fazer os eventos, ter bilhetes muito altos, então, se tivéssemos todos do nosso lado conseguiríamos reduzir os bilhetes, o valor dos bilhetes e conseguir oferecer mais coisas às pessoas.» (Armazém do Chá)</p>

**Tabela 4 - Factores presentes na escolha do local para negócio: *Background* cultural dos agentes**

No caso do espaço “Galerias Paris”, a sua instalação na rua homónima esteve associada ao sucesso de modelo de negócio que o proprietário já fazia notar noutros pontos da cidade. Curioso é verificar que todos os seus estabelecimentos estão sediados em zonas históricas.

«A abertura foi um convite feito na época pelo Presidente da Câmara do Porto, porque houve uma grande repercussão na abertura do Museu dos Presuntos, na Foz, e... foi um convite para que se movimentasse a baixa do Porto, porque a baixa do Porto, naquele tempo, estava morta.» (Galerias Paris)

Paralelamente à motivação, as baixas rendas e a questão da mais-valia estética dos edifícios daquela área da cidade foram consideradas, por alguns dos entrevistados, como

vantagens. A facilidade no uso de transportes públicos e transportes mais ecológicos e económicos são também referidos.

<b>Factores presentes na escolha do local para negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Aspectos infraestruturais</b>	«Uma vantagem que todos nós sentimos foram os transportes, podemos usar transportes públicos, meios de transporte mais económicos e mais ecológicos, que nós tentamos também agora usar e que antes não dava por causa das distâncias.» (Miew)

**Tabela 5 - Factores presentes na escolha do local para negócio: Aspectos infraestruturais**

### **Factores de não atractividade na zona considerada**

Quanto às desvantagens, os entrevistados são peremptórios e referem, quer o poder local como o principal responsável das desvantagens sentidas (maioritariamente depois do início da “movida”) no que diz respeito às dificuldades de licenciamento e novas normas restritivas, quer outros espaços que, por não cumprirem certos requisitos legais e terem um propósito meramente comercial, desvirtuam o fenómeno de revitalização. Também a questão do estacionamento é referida.

<b>Factores de não atractividade na zona considerada</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Dificuldades de licenciamento</b>	«As desvantagens começaram a surgir há cerca de quatro anos quando começaram a abrir espaços cujo objectivo principal era vender bebidas alcoólicas a preços baixos para o exterior sem qualquer tipo de serviço extra, apenas vender bebidas por vender. Acho que isso começou a deteriorar um bocado o ambiente. (...) lá está, nos hábitos de consumo e nos hábitos de estar, começaram a consumir bebidas alcoólicas na rua, depois começaram a fazer ruído na rua, depois muitos estabelecimentos não disponibilizavam casa de banho...enfim, esta situação que, agora nem tanto, mas que se observou nos últimos três anos. » (Plano B)

	<p>«(...) Os espaços às vezes são um bocadinho mais “rijos”, em termos de ampliação, se tu quiseres criares um espaço novo, imagina que queres fazer um estúdio, ou queres criar um novo adereço ou fazer alguma obra dentro do próprio edifício, isso é complicado fazer aqui nesta zona.» (Miew)</p> <p>«(...) são as burocracias em termos de licenciamento, que não facilitam a nossa vida e o nosso trabalho. Nós estivemos dois meses fechados supostamente por causa de um licenciamento (...)» (Galerias Paris)</p> <p>«Tivemos muitas dificuldades ao início, porque não é fácil; questões de licenciamento no centro histórico, num edifício antigo (...) O exemplo do poder local. Foi uma desvantagem muito grande. Se há pessoas que passaram por processos de licenciamento e cumprem com tudo, e isso é uma pequena parte de todas as pessoas que estão aqui, e a grande parte vive numa anarquia... Não sentimos o apoio do poder local...» (Armazém do Chá)</p>
--	--

**Tabela 6 - Factores de não atractividade na zona considerada: Dificuldades de licenciamento**

A questão da crescente ocupação das ruas do Quarteirão das Carmelitas divide os entrevistados. Se por um lado cada espaço tem o seu público-alvo bem definido e fidelizado e contribui até para a revitalização e promoção da cidade, por outro, o não cumprimento do licenciamento e uma certa desresponsabilização na actuação comercial denigrem o fenómeno da “movida” e propiciam comportamentos indesejáveis por parte dos utilizadores, gerando conflitos que só agravam a relação entre os espaços comerciais aí sediados, os moradores e a autarquia.

<b>Factores de não atractividade na zona considerada</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Desresponsabilização na actuação</b>	<p>«(...) acho que quando há uma oferta alargada de serviços similares com características diferentes acabam por se complementar. Acho que sim, que é uma coisa saudável se for...lá está, se for uma loja com uma janela aberta a vender cervejas e que não disponibilize uma casa de banho acho que é mau, agora, se for um estabelecimento que tem uma oferta diferente, uma coisa com sentido, acho que sim, que é uma coisa</p>

<b>comercial</b>	<p>importante não haver só um estabelecimento, haver uma série deles. Quando se vai a um restaurante gosta-se de ter um menu diversificado, não é? (...) Penso que essa questão de haver essa venda descontrolada de bebidas alcoólicas para a rua, de vasilhame de vidro, e de grande concentração de pessoas até altas horas a falar alto, em zonas habitacionais, penso que isso foi sem sombra de dúvida prejudicial, não só para nós mas também para outros comerciantes e empresários e até para a cidade.» (Plano B)</p> <p>«Eu acho que todos os espaços que abrem nesta rua vêm para acrescentar e para movimentar um bocado mais a cidade, não é? Tudo o que vem de novo é bem-vindo. Não nos atinge, porque cada um tem o seu espaço, cada um ganha com isso.» (Galerias Paris)</p> <p>«Nós vemos vantagens em existirem também espaços semelhantes ao nosso. (...) Isso é uma mais-valia, sem dúvida, até porque podemos partilhar experiências e criar parcerias (...)» (Miew)</p>
------------------	---

**Tabela 7 - Factores de não atractividade na zona considerada: Desresponsabilização na actuação comercial**

As recentes medidas autárquicas de controlo já se fazem sentir, mas quem sempre disse cumprir todos os trâmites legais sente-se lesado. Consideram que estas medidas são tardias, sem distinção entre casos, e que muitas das vezes nem sequer são devidamente realizadas (como o caso do policiamento). O não cumprimento do licenciamento, entre outros, por parte de alguns proprietários de bares é considerado pelos restantes como um caso de concorrência desleal.

<b>Factores de não atractividade na zona considerada</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Concorrência desleal</b>	<p>«A concorrência desleal só, mais nada, de resto acho que só temos vantagens. As vendas ambulantes, espaços que não estão licenciados, preços abaixo do que deviam ser praticados. (...) [a nova forma de actuação por parte das entidades responsáveis] não é excessiva. Há muito mais casas que deviam ser fiscalizadas, o problema é como se fazem as fiscalizações.» (Casa do Livro)</p> <p>«Eu cheguei a ter cinco negócios à porta de casa e nenhum deles declarava impostos, nenhum deles tinha um empregado contratado,</p>

nenhum deles pagava segurança social. Ou seja, isto foi permitido durante dois anos e tal estar a acontecer (...) Depois, há outra desvantagem relacionada com o poder local que é: não teve capacidade de organização da rua... Essa é a responsabilidade deles... Eles têm que dar o licenciamento das casas mediante aprovações, mas na rua não são as casas que têm que ser responsáveis pela rua, são eles. Tem que haver regras. Têm que fazer cumprir as regras e têm que proteger os moradores e os comerciantes que estão nesta zona e isso não aconteceu, pelo contrário... Lançaram umas medidas de actuação há cerca de um ano... só veio prejudicar quem cumpria porque quem não cumpria continuou a beneficiar com essas questões.» (Armazém do Chá)

«(...) temos licença de horário até às seis da manhã. Agora, com estas novas medidas de actuação penso que estaremos obrigados a encerrar às quatro da manhã, e temos aí cafés a fechar às quatro da manhã e para nós é impossível competir, tanto a nível de preços como a nível de oferta cultural. Nós temos que pagar os *dj's*, as bandas, temos que pagar a montagem das exposições, que uma exposição custa dinheiro, pintar paredes, montar... Temos toda uma série de custos que esses cafés não têm, fecham às quatro e abrem às seis da manhã... sem dúvida que estamos a ser prejudicados nessa parte. (...) não há uma polícia aqui na zona, não se vê um polícia, as pessoas não se sentem seguras. (...) Ou seja, eu penso que a cidade não está a acautelar, não é só um problema de bebidas, é um problema social e de segurança que as autoridades estão a desleixar completamente e isso é muito grave porque pode passar para o exterior e as pessoas não voltam. Além de ser mau para o comércio interno, é mau para a imagem que passa da cidade. A sujidade, os vidros partidos...» (Plano B)

**Tabela 8 - Factores de não atractividade na zona considerada: Concorrência desleal**

A segurança dos utilizadores é uma das grandes preocupações. Se, por um lado, a cidade está mais segura, porque existe uma ocupação e utilização por parte das pessoas, por outro lado, a grande concentração de utilizadores pode gerar conflitos e até violência. Não esquecer que o fenómeno do *botellón*, provocado por alguns dos estabelecimentos que fazem venda indiscriminada de bebidas, promove elevadas taxas de alcoolémia e descontrolo. Preocupada com esta questão, a maior parte dos proprietários chegou mesmo a propor policiamento gratificado patrocinado pelos próprios estabelecimentos.

<b>Factores de não atractividade na zona considerada</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Segurança</b>	«(...) lá está, grandes concentrações de pessoas, não há polícia, álcool, vidro...não sei é como felizmente não existiram mais casos, ainda bem que não, mas não percebo como é que as autoridades não vêem que estão aqui os ingredientes todos para isto correr muito mal (...) Mas é que não se vê um polícia aqui na rua há anos (...) nós e outros empresários chegámos a propor pagarmos o policiamento, termos aqui polícias na rua, e isso nunca aconteceu.» (Plano B)

**Tabela 9 - Factores de não atractividade na zona considerada: Segurança**

### **Aspectos relevantes do modelo de negócio**

Embora haja uma certa resistência entre espaços, alguns, pelo tipo de dinamização cultural semelhante e por partilharem esse mesmo ideal de multidisciplinaridade na oferta de lazer nocturno, mantêm relações de amizade e colaboração entre si na realização e promoção de eventos: festivais, campanhas de solidariedade, concertos. O fenómeno é, todavia, muito pontual e cada vez mais raro, sendo que muitos dos entrevistados negaram a existência de qualquer tipo de cooperação.

<b>Aspectos relevantes do modelo de negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Cooperação</b>	«Sim, existe. Existe porque, os primeiros espaços aqui, as pessoas já se conheciam antes de abrirem os espaços e alguns têm ideias semelhantes e já fizemos eventos todos juntos.» (Armazém do Chá)  «Sim, pontualmente existem. Agora nem tanto mas (...) S. João ou concertos de rua...vai havendo, sim. (...) Chegámos a colaborar com o

“Três C”, com o “Armazém do Chá”, com o “Pitch”, com o “Tendinha”, “Casa do Livro”, “Café au Lait”... “More Club” com quem vamos ter agora uma colaboração, não só com eles mas também com o “Zoom” (...) sobretudo com os primeiros colaborámos mais vezes.» (Plano B)

«Há instituições que procuram juntar os bares para participarem em determinadas acções e nós por norma entramos. Estou a lembrar-me da ViniPortugal ou quando há a “Essência do Vinho”, que tentam que nessa altura que toda a gente participe numas acções de vinho a copo. Nesse tipo de acções uma pessoa tenta participar mas não há assim nenhuma estratégia montada entre os bares.» (Casa do Livro)

**Tabela 10 – Aspectos relevantes do modelo de negócio: Cooperação**

A multidisciplinaridade dos espaços de lazer nocturno, já tantas vezes referida, é fruto da forte tendência para a dinamização cultural que alguns espaços, principalmente os primeiros a instalarem-se naquela zona da cidade, definiram como objectivo desde o primeiro dia. No caso do proprietário do “Galerias Paris”, o assunto toma até proporções maiores, tendo sido criada uma empresa com o propósito único da dinamização e promoção cultural: a Monvenpik S.A.. A dinamização cultural dos espaços de lazer nocturno passa por: exposições de pintura, escultura, fotografia, ilustração e gravura; pintura de murais nos próprios estabelecimentos; instalações; espectáculos teatrais; stand-up; performances; espectáculos de dança; aulas de danças tradicionais; concertos; lançamento de livros; conferências; feiras de artesanato contemporâneo. Também foi referida, por muitos dos entrevistados, a procura dos seus estabelecimentos para rodagem de curtas-metragens e telediscos/*videoclips*. Do que se pôde constatar, os concertos e os dj *sets* são o que ocupa mais a agenda cultural destes espaços e que exige maior programação. As exposições também ocupam um lugar de destaque, especialmente no “Plano B”, onde as exposições são uma constante, variando apenas o tempo de permanência de cada uma. Quanto às feiras de artesanato, existem três que se realizam com regularidade (sempre que as condições climatéricas assim o permitem) entre o Quarteirão das Carmelitas e a Praça de Carlos Alberto. São elas: o “Mercadinho dos Clérigos”, organizado e promovido pelo “Plano B” e que se realiza no último sábado de cada mês na Rua de Cândido dos Reis; a “Feira de Artesanato Urbano” organizada pelo “Galerias Paris”, na rua homónima, no primeiro sábado de

cada mês; e o “Mercado Porto Belo”, que se realiza aos sábados, na Praça de Carlos Alberto, mas sem nenhuma relação com os espaços ali sediados.

A maior parte dos espaços assume a existência de um programador responsável pela agenda cultural dos mesmos; contudo, não apresenta uma estrutura sólida de programação. Segundo os entrevistados, a programação funciona mais como uma organização das propostas externas (em alguns casos, mais de uma dezena por dia são recebidas). O tipo de artistas a actuar nestes espaços vai dos amadores aos consagrados; os primeiros por considerarem aqueles como os espaços ideais para a divulgação do seu trabalho e os segundos pela envolvência mais intimista dos bares e o próprio ambiente do bairro.

<b>Aspectos relevantes do modelo de negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Programação cultural</b>	<p>«Concertos não só com bandas de cá e novas que se querem lançar e uma pessoa acaba por ajudar a lançar, como bandas consagradas que gostam do espaço e que estão habituadas a tocar em espaços maiores e que de vez em quando gostam de actuar num espaço mais intimista e proporcionar um ambiente diferente (...).» (Casa do Livro)</p> <p>«(...) não existe é uma programação mensal como até há pouco tempo existia. (...) Há parcerias que eu tenho, fixas (...) depois há pessoas que entregam propostas e eu analiso e vejo se acho conveniente para mim fazer esse espectáculo.» (Café au Lait)</p> <p>«A maioria dos nossos projectos foram as pessoas que nos procuraram...pela dinamização, por o que nos vêm fazer... Nunca fomos atrás de pessoas para fazer nada, nunca houve isso. Abrimos as portas.» (Galerias Paris)</p>

**Tabela 11 – Aspectos relevantes do modelo de negócio: Programação cultural**

Quanto ao papel que as actividades aqui sediadas tiveram na revitalização do bairro e toda a zona envolvente, a grande maioria dos entrevistados consegue identificar uma relação oferta cultural/público, tanto naquele local como no espaço envolvente. Há também a constatação de um estímulo consequente da economia local como consequência dessas actividades.

<b>Aspectos relevantes do modelo de negócio</b>	
	<b>Depoimentos</b>
<b>Estímulo da economia local</b>	<p>«Uma coisa eu sei é que uma zona que era completamente morta, que é esta, tanto diurna, como nocturna (...) está abrir aqui um tipo de comércio diferente do comércio tradicional (...) temos “A Vida Portuguesa”, temos a loja do Buchinho, a “Casa Almada”, “Pedras &amp; Pêssegos”, temos um tipo de lojas que não existia aqui no Porto, nem noutras áreas do Porto, muito menos aqui no centro. Em relação à restauração, os restaurantes só trabalhavam de dia, só faziam almoço, nesta parte... Todos os restaurantes, neste momento trabalham à noite. Eu faço parte de uma associação que é a Associação de Bares e Discotecas da Zona Histórica. Em cinco anos... estamos a falar de um sector que ficou com cerca de seiscentos funcionários nesta zona. Ou seja, quando eu arranjei o espaço e quando eu abri nada disto existia.» (Armazém do Chá)</p> <p>«Foi a envolvência deste espaço da cidade que nos trouxe para cá, devido ao maior volume de empresas e de espaços criativos que esta zona do centro tem absorvido fez com que nós viéssemos para cá também para absorver essas sinergias que nestas zonas se sentem...que noutros espaços onde nós já estivemos nós não sentimos isso.» (Miew)</p> <p>«A movida criou uma dinâmica que depois há uma série de actividades que vêm todas atrás e isso é notório...» (Armazém do Chá)</p> <p>«(...) houve uma atracção de novos públicos... A massa de pessoas aumentou muito. A habitar a baixa, negócios, ateliers...» (Plano B)</p>

**Tabela 12 – Aspectos relevantes do modelo de negócio: Estímulo da economia local**

Fonte: elaboração própria

Quanto à reabilitação, parece existir um consenso de que aquele quarteirão em específico não será o local ideal para futuros e actuais moradores, pela actividade maioritariamente nocturna, mas que o centro histórico está agora mais aliciante para um tipo de habitante mais jovem, com formação superior e ligado ao meio artístico e criativo. As vantagens em morar na “baixa” são bastantes e compensam algumas desvantagens.

Aspectos relevantes do modelo de negócio	
	Depoimentos
<b>Proximidade de local de trabalho/habitação</b>	<p>«Eu moro e trabalho na baixa e só por aí não gasto dinheiro em gasóleo, não tenho multas, ando a pé, ganho tempo nas deslocações, almoço em casa, janto em casa... É, sem dúvida, vantajoso. E depois posso ir ao cinema, posso ir ao parque passear com o meu filho, posso ir de bicicleta a qualquer lado... Acho que é vantajoso, sem dúvida. E não é aborrecido. Se uma pessoa está em casa aborrecida, pode sair à rua ou ir ter com os amigos... Essa proximidade, que é uma coisa de aldeia ou de vila, é uma coisa rara e importante. Acho que isso compensa. Mesmo sendo uma renda alta. O que se poupa em horas de deslocações, gasóleo, multas, refeições, acaba por compensar em paz de espírito e em ter algum tempo para nós.» (Plano B)</p> <p>«É uma percepção um bocado por <i>feeling</i> ou senso-comum, não tenho propriamente números, mas eu sinto que há mais pessoas a viver aqui perto (...) É óbvio que a Rua das Galerias de Paris não é a rua mais confortável para se dormir porque quase não tem moradores e por isso tem uma ocupação que não tem essa vocação neste momento. Mas a “baixa” tem imensas zonas que não estão sujas, que não têm barulho e não é preciso ir muito longe. (...)» (Café au Lait)</p>

**Tabela 13 – Aspectos relevantes do modelo de negócio: Proximidade de local de trabalho/habitação**

Mas o processo de reabilitação está ainda no seu início. A “movida”, como fenómeno nocturno, oferece ainda muitos pontos negativos; todavia, a sua vertente cosmopolita e de um certo ambiente cultural fazem com que o fenómeno não se esgote em si e promova uma cultura urbana e um novo sentimento de apego à cidade quer por parte das populações quer por novos empresários. Um desses casos é a Miew (empresa de *media and technology*).

Todos acreditam e esperam que o fenómeno da “movida” e as consequências positivas que daí advêm para a cidade possam perdurar no tempo e ser o paradigma de um tipo de revitalização e regeneração possível no centro histórico. Mas para que isso aconteça todos sublinham:

«Isto tem tudo para durar bastante mas há certas coisas que ultrapassam tanto os proprietários dos prédios, os empresários e as populações. Terá que ser o poder local a decidir o que quer fazer e está nas mãos do poder local saber gerir este *boom* que houve. Acho que os empresários, as pessoas, os proprietários, os habitantes, já não podem fazer mais do que o que fizeram. Agora cabe ao poder local regular as coisas de forma a haver uma convivência pacífica com moradores, empreendedores, diversão, turismo. Mas tem tudo para resultar.» (Plano B)

E não restam dúvidas aos entrevistados – o fenómeno partiu de investimento 100% privado.

#### **4.5. Discussão de Resultados**

Na sua fase inicial, a grande indústria instalou-se nas grandes cidades ou nas suas periferias

«dando lugar a fluxos migratórios que multiplicaram até por dez a população urbana e praticamente destruíram a coesão das comunidades urbanas tradicionais. Multiplicou-se, portanto, a quantidade e, paralelamente, degradou-se a qualidade urbana» (Argan, 2005:78).

Já a desindustrialização, a terciarização, a desocupação funcional, a suburbanização, ditaram o envelhecimento e quase morte de numerosos centros urbanos. A busca por melhores condições habitacionais, a menor custo e na proximidade do local de trabalho, fez com os centros das grandes cidades, como o Porto, fossem desabitados e esquecidos dando lugar a espaços urbanos «destituído de outras funções que não as do turismo e respectivo comércio» (Argan, 2005:81) em que a vida urbana é um eufemismo.

«A paralisia económica e social dos centros históricos é quase inevitável: as pequenas atividades artesanais e comerciais são inevitavelmente sufocadas pela produção industrial e respectivos grandes centros de distribuição; os custos de restauração e manutenção dos velhos edifícios comportam despesas que, claro, não podem ser enfrentadas pela população indígena; o engarrafamento do trânsito e o acúmulo de automóveis estacionados estão em contradição com as antigas estruturas; o processo de abandono, sobretudo por parte das gerações jovens, é rápido» (Argan, 2005:79).

O Quarteirão das Carmelitas terá nascido com o propósito não só de colmatar o hiato urbanístico entre a ermida que aí se situava e o resto do centro da cidade, mas também de transformar aquela área numa zona de comércio e frequência de excelência – como o provam o projecto de vir a proteger a totalidade da rua com uma cobertura envidraçada, e o próprio topónimo. O propósito, contudo, não se cumpriu na forma

desejada (inspirada nas ruas/conjuntos comerciais europeus da *Belle Époque*, como a Galleria Vittorio Emanuele II, em Milão) e não perdurou no tempo.

Se, a partir da década de 80 do séc. XX, o quarteirão era, de dia, local de passagem para os transeuntes ocasionais que se deslocavam aos escassos espaços comerciais que ainda resistiam, à noite a prostituição e o tráfico de droga reclamavam aquele como o seu território.

A Torre dos Clérigos, a “Livraria Lello”, a loja “Marques Soares” e até o “Café Piolho” (mais acima do quarteirão), foram durante muito tempo (e são ainda) os espaços-âncora daquela zona da cidade. Os três primeiros reclamam a vivência diurna enquanto o último conquista a frequência nocturna. Os utilizadores são maioritariamente estudantes e turistas. O núcleo do quarteirão, contudo, permanece durante muito tempo esquecido tendo a “Galeria Nasoni”<sup>79</sup> e a “Biblioteca Musical”<sup>80</sup> como raros exemplos de espaços que trazem outros tipos de utilizadores (pintores, escultores, músicos outros artistas e consumidores de arte) e um certo fôlego.

Mas a degradação urbanística estava em curso.

Foi por ocasião da “Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura” que a requalificação do espaço público de todo o quarteirão (bem como de outros espaços) pôde, enfim, ter o seu lugar, tornando assim o centro da cidade mais atractivo aos visitantes e, quiçá, lançando também o mote para uma revitalização há muito desejada naquela parte da cidade.

#### **4.5.1. Reabilitação – um primeiro passo**

Parece-nos claro que a requalificação do espaço público e do edificado é um passo importante, o primeiro passo até, para um processo de revitalização e de regeneração sólido e consistente; mas não constitui o fim em si mesmo. Ao longo dos anos são vários os diplomas legais, programas e instituições que, com base nos princípios da “Carta de Veneza”, surgem em defesa dos centros históricos e os entendem com um

---

<sup>79</sup> A Galeria Nasoni era uma galeria de arte inaugurada no dia 13 de Dezembro de 1985 no nº 80 da Rua das Galerias de Paris. No Verão de 2011, ocupando um dos espaços da antiga galeria de arte, abre um bar de vocação artística (projecto temporário, que se insere no conceito de pop-up bar) com o mesmo nome. O espaço, contudo, já não existe à data do presente trabalho.

<sup>80</sup> A Biblioteca Musical do Porto, fundada em 1927 no nº 117 da Rua de Cândido dos Reis.

valor patrimonial global. A existência destes instrumentos legais, financeiros e organizativos é um requisito fundamental para o início de um novo entendimento e capacidade de actuação sobre os centros históricos e seu património edificado, e do processo de revitalização dos centros abandonados. Mas, como é inevitável, surgem os estereótipos.

«É frequente associar-se, e com acento negativo, ao conceito de centro histórico o de cidade-museu. É um termo do qual não se deve ter medo, contanto que o museu não seja considerado um depósito ou um hospício de obras de arte, mas sim um instrumento científico e didático para a formação de uma cultura figurativa ou daquilo que Arnheim chama “pensamento visual”. Entendida como sistema de comunicação visual, mesmo a mais moderna das cidades modernas pode ser um museu, enquanto o museu como centro vivo da cultura visual é um componente ativo do estudo e do desenvolvimento da cidade (...)» (Argan, 2005:81).

«O conceito de “centro histórico” é instrumentalmente útil porque permite reduzir, quando não bloquear, a invasão das zonas antigas por parte de organismos administrativos ou de funções residenciais novas que fatalmente conduziriam, mais cedo ou mais tarde, à sua destruição. O mesmo conceito, porém, é teoricamente absurdo porque, se se quer conservar a cidade como instituição, não se pode admitir que ela conste de uma parte histórica com um valor qualitativo e de uma parte não-histórica, com carácter puramente quantitativo. Fique bem claro que o que tem e deve ter não apenas organização, mas substância histórica é a cidade em seu conjunto, antiga e moderna» (Argan, 2005:78-79).

A cidade é um organismo vivo cuja população aí instalada define o seu passado, o seu presente e o seu futuro. A reabilitação e requalificação de nada valem se não servirem os interesses da cidade mas acima de tudo dos seus habitantes (actuais como futuros). A consciencialização de que a população indígena não tem capacidade de suportar os custos de restauro e manutenção dos velhos edifícios (Argan, 2005:79) cria novos desafios às políticas de reabilitação estabelecidas. Não chega impor a reabilitação aos proprietários privados, e as acções de requalificação por parte de entidades públicas criadas para o efeito, embora meritórias, não conseguem expandir “massivamente” o seu efeito.

«A administração [estatal e local], sozinha, não será capaz de fazer a reabilitação que há a fazer numa zona tão vasta [como todo o centro histórico do Porto], continuando a trabalhar com a mesma mecânica utilizada [pelo CRUARB] na Ribeira-Barredo (comprar, realojar, projectar, recuperar, gerir)» (CRUARB, 2000:148).

É preciso, por isso, atrair investimento privado.

A iniciativa privada

«(...) é a principal saída para a rápida aceleração da reabilitação, devendo para isso a administração central, local e comunitária criar incentivos e medidas de política capazes de os motivar» (CRUARB, 2000:130).

A atracção de investimento privado e/ou novos investidores passará, entre outros aspectos, pela agilização do processos de licenciamento de obras, a existência de benefícios fiscais<sup>81</sup> e também de investimento público<sup>82</sup>.

Reabilitado o edificado, a revitalização ganha espaço para entrar em marcha.

#### **4.5.2. Revitalização – o seu a seu dono**

O centro histórico oferece aquilo que nenhum outro espaço consegue oferecer de forma tão imponente: História e sentido de pertença. É importante aproveitá-los e fulcral multiplicar em número e qualidade a sua influência.

O processo de revitalização do Quarteirão das Carmelitas teve como palco não a rua que hoje tem o maior mediatismo e que serve mote a esta dissertação (Rua das Galerias de Paris), mas a Rua Cândido dos Reis. A “morte” da “noite” na Ribeira e a necessidade de um local, que não a Zona Industrial do Porto, para a instalação de espaços de lazer nocturno, com uma oferta diferenciada dos sediados naquele local, abriu a possibilidade ao quarteirão de ver as suas artérias pulsar com nova vida.

---

<sup>81</sup> «No que diz respeito aos benefícios fiscais, estes são concedidos essencialmente em sede do Imposto sobre o Rendimento Singular – IRS, Imposto sobre Rendimento Colectivo - IRC, IMI e IMT. No IRC, os benefícios traduzem-se na isenção de tributação do rendimento de fundos de investimento imobiliário que tenham 75% dos seus bens a recuperar em áreas críticas de reabilitação urbana. Por sua vez, no IRS os benefícios traduzem-se na possibilidade de dedução à colecta de despesas associadas a acções de reabilitação de imóveis localizados em área de Reabilitação Urbana (...). No que concerne ao IMI e IMT, os novos benefícios fiscais aplicam-se a imóveis reabilitados entre o período de 2008-2020, para prédios urbanos arrendados ao abrigo do NRAU ou inseridos em áreas consideradas de Reabilitação Urbana. Assim o EBF permite uma isenção de IMI durante cinco anos renovável por igual período e também de IMT, no caso da primeira transmissão onerosa da totalidade do prédio ou da fracção que se destine apenas a habitação própria e permanente. Cabe à Assembleia Municipal a aprovação das isenções de IMI e IMT» (Pinto, 2012:41-42).

<sup>82</sup> Acerca disto Rui Rio afirma: «Tem de haver investimento público que alavanque o investimento privado e aquilo que aqui foi dito é que por cada euro que se investiu em média na reabilitação urbana na baixa do Porto houve nove euros de investimento privado. (...) Quando nós temos investimento público tão pequeno, mas que, ainda por cima, têm um efeito de alavancagem tão grande, eu acho que o país, com a taxa de desemprego que tem, com a economia a decrescer, não pode desperdiçar investimentos destes e portanto não consigo entender as dificuldades que se colocam a algo que o país está a precisar como de pão para a boca» [em linha: <http://porto24.pt/porto/20022013/rui-rio-acusa-governo-de-nao-entender-importancia-da-reabilitacao-urbana/#.USZHax3wneJ>, consultado a 22/03/2013].

O processo de revitalização da “baixa” começou, assim, pela mão de privados que, embora não proprietários dos edifícios que viriam a ocupar (a maioria), sentiam ter a motivação, a capacidade e o “dever” cívico de restituir a vida a um espaço, na altura moribundo, mas que outrora lhes teria dado a inspiração de construir uma “nova cidade”.

«O fim das cidades é a consequência do fim da cultura urbana, ou seja, do fim da tendência que tinham as cidades do passado a caracterizar-se por uma cultura própria, específica, uma cultura que todavia não se dá como autóctone, fechada no âmbito de uma tradição local, mas como nó de relações, com frequência de longuíssimo alcance e, portanto, como expressão de uma verdadeira política urbana.» (Argan, 2005:185).

Os espaços de lazer nocturno foram os primeiros a ocupar o seu lugar no quarteirão e periferia, mas é importante frisar o carácter cultural que os mesmos defendiam como essencial à sua existência. Havia como que a obrigação de retribuir à cidade aquilo que ela tão generosamente oferecia. O negócio simples da venda de bebidas e espaço de dança, por si só, como que desvirtuava todo o enquadramento urbano; era preciso preenchê-lo com cultura e criatividade, e dar lugar à partilha, para tornar aquela uma zona profundamente interessante, onde os frequentadores não se limitassem a permanecer algumas horas numa noite.

Os edifícios carregados de história foram então progressivamente ocupados dando lugar a cada vez mais espaços de lazer nocturno (uns com maior vertente cultural, outros com menor) e a espaços comerciais que ofereciam algo de diferente; e que viriam a “contaminar” a forma de fazer comércio, pelo menos naquele quarteirão. Começou a ser notória a necessidade de passar um testemunho cultural, uma marca distintiva, na mais pequena coisa. O produto passou a ser encarado como um objecto que carrega em si todo um valor imaterial de testemunho de uma cultura, de uma história, de um país, duma comunidade. O “comércio criativo” começou a disseminar-se, não só sob forma de lojas criadas com esse propósito (“A Vida Portuguesa”, p.ex.), mas também sob a forma de *merchandising* (como o que é vendido na “Livraria Lello” paralelamente à sua actividade principal) ou parte da estética de um espaço (como nas “Galerias Paris”, onde todo o espaço está decorado com objectos que nos remetem para um passado não muito distante mas que se demarca da forma actual de vivência).

Convém, neste momento, chamar a atenção para o facto de que a instalação, neste quarteirão, destes espaços partiu, sim, da mão de privados, mas que todo o processo de concretização dependeu do aval do município. É importante entender que a Câmara, enquanto administração local, foi a responsável pela concessão das licenças de instalação e de obras e dos horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Como zona classificada, foram também condicionadores os pareceres da Direcção Regional de Cultura/ IGESPAR<sup>83</sup>.

Mas se, por um lado, terá havido uma certa “facilitação” administrativa na instalação destes espaços, não houve, pelo que se pode aferir, nenhum outro tipo de incentivo ou apoio.

No início, a diferenciação no modo de “fazer as coisas”, o apelo à memória colectiva e a promoção das actividades culturais e criativas terão sido os ingredientes responsáveis pelo *boom* da proliferação de espaços de lazer nocturno, que atraiu outros, incharacterísticos, que viram aqui também uma oportunidade de fazer negócio. Todavia, o objetivo destes últimos seria meramente comercial e é aqui que o processo de revitalização encontra os seus primeiros desafios.

A venda indiferenciada de bebidas em vasilhame de vidro, para consumo na rua, proporcionou o ritual do *botellón*, a ocupação massiva do espaço público, o lixo em qualquer parte, o ruído pela noite dentro e a violência. Tornou-se impossível aos poucos moradores habitar naquela zona da cidade e começaram as discussões, nomeadamente na Assembleia Municipal, entre os mesmos e os donos dos espaços de lazer. Foram, então, estabelecidas pela autarquia um conjunto de novas regras<sup>84</sup>, mais apertadas, para defesa dos interesses dos moradores e da segurança dos frequentadores da zona.

O quarteirão passou a estar fechado ao trânsito automóvel<sup>85</sup>, tornando-se de trânsito exclusivamente pedonal durante as noites de maior movimento (sextas-feiras e sábados); o licenciamento dos estabelecimentos passou a ser mais exigente e as fiscalizações mais assíduas, assistindo-se ao encerramento de diversos espaços por não

---

<sup>83</sup> Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.

<sup>84</sup> [em linha: [http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content\\_id=2387493&page=-1](http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=2387493&page=-1), consultado a 04/04/2013].

<sup>85</sup> Carros da polícia estacionados à entrada da Rua de Santa Teresa e da Rua das Carmelitas vedam o acesso automóvel às mesmas e conseqüentemente à Rua das Galerias de Paris, Rua de Cândido dos Reis e Rua do Conde de Vizela [em linha: <http://porto24.pt/porto/06042013/camara-proibe-transito-na-zona-da-rua-galeria-de-paris/#.UaoFhNK1Fz8>, consultado a 14/05/2013].

cumprimento das normas estabelecidas; foram estipulados novos horários de funcionamento<sup>86</sup>; e foi anunciado pelo poder local o patrulhamento reforçado do quarteirão, com a mobilização de agentes da zona oriental da cidade, para assegurar a segurança dos utilizadores, mas o que se verificou foi apenas o aumento da actividade da Polícia de Trânsito, com operações de reboque. A manutenção da segurança do quarteirão sempre foi, aliás, um ponto defendido pela Associação de Bares da Zona Histórica do Porto que chegou mesmo a pagar pelo policiamento do local<sup>87</sup>.

Todas estas medidas de controlo da “movida” do Quarteirão das Carmelitas têm, porém, o seu *volte-face*. Existe um maior domínio municipal sobre forma como se quer que a “movida” aconteça, mas as medidas tardias e exageradas da autarquia podem “condenar à morte” os responsáveis pelo surgimento daquela.

Parece-nos, em balanço, que não restam dúvidas quanto à importância:

- que a dita “movida” teve e tem para a revitalização, pelo menos nocturna, deste quarteirão e do resto da cidade (este fenómeno é motivo de interesse internacional<sup>88</sup> e um chamariz para o turismo interno e externo);

- do papel dos proprietários dos bares na iniciativa privada de reocupar e dinamizar a Baixa;

- do papel da Câmara, se não de incentivo ou colaboração activa, pelo menos de não-bloqueador da dinâmica inicial.

Parece-nos também evidente que se podem distinguir dois tipos de estabelecimentos: aqueles cujo propósito da sua instalação foi criar uma mais-valia para o centro da cidade e para a vivência nocturna, e que por isso mesmo operam de forma organizada, coerente, responsável e multidisciplinar; e aqueles que aproveitando a onda de sucesso dos anteriores viram apenas uma oportunidade de negócio e que induzem, ainda que inadvertidamente e não assumidamente, uma utilização descontrolada do espaço público circundante. Se os primeiros criam uma esperança na completa e sustentada regeneração daquela área, os segundos vêm colocar constrangimentos à sua

---

<sup>86</sup> [em linha: <http://porto24.pt/porto/23032012/bares-da-baixa-do-porto-vao-ter-que-fechar-ate-as-4h/#.UaoGctK1Fz8>, consultado a 23/04/2013].

<sup>87</sup> [em linha: [http://www.jn.pt/PaginaInicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content\\_id=1020806](http://www.jn.pt/PaginaInicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=1020806), consultado a 10/05/2013].

<sup>88</sup> [http://travel.nytimes.com/2011/11/27/travel/36-hours-in-porto-portugal.html?\\_r=0](http://travel.nytimes.com/2011/11/27/travel/36-hours-in-porto-portugal.html?_r=0)

concretização. O papel da autarquia, que deveria ser de planeamento atento e cuidado (em colaboração com os diferentes interessados, claro está) para a situação de crescimento que se antevia, acaba por ser, agora, o de “ditador” de medidas rectificativas – necessárias, disso não temos dúvidas – mas que acabam por tomar a parte pelo todo e por sufocar a actuação de quem sempre tentou cumprir “a cartilha”.

#### **4.5.3. Regeneração – um processo delicado**

A revitalização é também um dos motes para a reabilitação do edificado. A constatação de uma vivência mais permanente dos sítios promove a necessidade de oferecer espaços comerciais com melhores condições arquitectónicas, estéticas e de segurança. Cumpre-se assim um ciclo de consequências: a reabilitação do espaço público atrai investidores e populações, que revitalizam os locais, que promovem a reabilitação do edificado, que atrai mais investidores e populações.

A iniciativa e apoio públicos são fundamentais para atrair o investimento privado sustentador de um processo demorado como o da regeneração. A regeneração passa não só pela reabilitação do edificado mas também, e acima de tudo, pela revitalização e reabilitação dos sítios. As actividades culturais e criativas são um factor de atracção de uma população urbana com renovados interesses, mais exigente e cosmopolita. Verifica-se uma tendência para um processo de gentrificação do centro histórico<sup>89</sup>. Os espaços comerciais acenam assim ao novo público com uma dinamização pela vertente artística e da passagem de testemunho cultural.

Estas dinâmicas atraem-se e é uma consequência lógica a atracção de novos espaços com formas de actuação semelhantes. O factor decisivo é mesmo o da dinamização através de actividades culturais e criativas, que promove uma relação mais forte de estímulo e coesão entre o público e os espaços comerciais e consequentemente a zona onde estão localizados (Bidou-Zachariassen, 2006). A aglomeração deste tipo de

---

<sup>89</sup> «“Gentrification”, é um neologismo inglês, utilizado pela primeira vez por Ruth Glass em 1964, no âmbito das suas análises sociológicas aplicadas a bairros centrais londrinos que na época assistiam a modificações da estrutura social dos seus habitantes, passando de áreas residenciais que comportavam populações de estratos sociais mais baixos a áreas residenciais procuradas por população jovem e por profissionais ligados às actividades de arte que procuram um ambiente diferente para viver e criar. Em paralelo com o conceito de gentrificação associa-se também um processo de elitização (presença de grupo de pessoas que pertencem a uma elite económica, social...) (...)» (Carvalho, 2011:40).

actividades e propósitos (regulares e que funcionam como factores de diferenciação) na unidade geográfica analisada faz com que possamos catalogar aquele como um bairro ou quarteirão cultural.

A procura de um mesmo espaço para a realização de diferentes tipos de utilização (social, cultural, comercial) por um mesmo motivo (o da diferenciação) possibilitam o sentimento de apropriação da cidade por parte dos seus utilizadores e conseqüente sentimento de apego que pode ser a motivação para a sua reabilitação.

Só a reabilitação maioritária do edificado, a reabilitação efectiva do centro histórico e a sua plena saúde económico-social concretizam a regeneração urbana.

## 5. Considerações Finais

A regeneração urbana é um factor de suma importância para a competitividade das cidades.

Por regeneração urbana entende-se cada vez mais uma operação de renovação ou reabilitação urbana estrategicamente concebida de forma combinada com intervenções de natureza social. Todavia, as actuais políticas públicas ainda não abarcam o entendimento integrado de dinamização e capacitação do tecido social e económico.

Assim, as condições para que se cumpra esta regeneração são a reabilitação do edificado, a requalificação do espaço público, a revitalização socioeconómica das funções urbanas e a reabilitação efectiva das zonas.

A regeneração urbana necessita, pois, de dois ingredientes fundamentais e indissociáveis: a intervenção pública e a intervenção dos privados.

A intervenção pública:

- no reconhecimento de que a regeneração urbana é de interesse público e como tal, também da responsabilidade do Estado e das autarquias;
- no planeamento das acções de reabilitação e requalificação do edificado e do espaço público;
- no investimento na regeneração urbana, através de programas de financiamento das intervenções e concessão de benefícios fiscais;
- na agilização dos procedimentos burocráticos;
- na antecipação das necessidades e impactos, positivos e negativos, gerados pela revitalização de uma dada parte do tecido urbano (transportes, estacionamento, regulação de horários, policiamento, limpeza, etc.).

A intervenção dos privados:

- na capacidade de identificar os locais com potencial para a regeneração urbana;
- na capacidade criativa de acrescentar valor simbólico e cultural às actividades económicas;

- na capacidade criativa de encontrar métodos e formas, economicamente eficientes, de intervenção no contexto antigo para dar resposta às actuais exigências funcionais, de conforto e de segurança (arquitectura, design, engenharia,etc).

O sucesso e sustentabilidade da regeneração urbana estão também intimamente ligados a alguns requisitos materiais e imateriais:

- Apropriação – forte identificação com os sítios por parte dos agentes económicos e dos utilizadores;
- Acessibilidade – através de vários meios de transporte;
- Conectividade – funcionamento em rede com outras zonas estratégicas da cidade criando fluxos e complementaridades geradores de valor económico;
- Apoio à permanência – estacionamento, mobiliário urbano, qualificação estética dos espaços, limpeza;
- Segurança – policiamento, iluminação pública.

No caso da Rua da Galeria de Paris e Quarteirão das Carmelitas os requisitos para o sucesso e sustentabilidade do fenómeno regenerativo parecem estar, de momento, assegurados. O ciclo de regeneração está em curso. A reabilitação começa agora a ter os seus primeiros protagonistas. A intervenção dos privados foi pioneira e a intervenção pública embora tenha proporcionado uma condição inicial fundamental (a requalificação do espaço público) parece alheada do seu papel na concretização das restantes condições.

O fenómeno de revitalização começou por ser nocturno, estendendo-se agora ao período diurno, com maior intensidade ao fim-se-semana. Os principais agentes foram os espaços de lazer nocturno ali sediados. A necessidade de uma oferta diferenciada proporcionou novas estratégias de dinamização dos espaços. Assim, as actividades culturais surgem como uma ferramenta de oferta diferenciada e de chamariz de outros públicos, ao mesmo tempo que recebessem, em contrapartida, uma oportunidade de sobrevivência alternativa aos circuitos tradicionais e convencionais que se encontram em crise.

Entre as principais intervenções culturais/acções de dinamização dos espaços de lazer nocturno, constam: exposições (pintura, escultura, fotografia, gravura, ilustração), instalações, espectáculos (teatro, dança), concertos e feiras de artesanato.

Outros agentes (gabinetes de design, gabinetes de arquitectura, empresas na área do audiovisual e tecnologia) cujo sector de actividade se insere nas indústrias criativas contribuem para que aquele possa ser considerado um quarteirão cultural.

Este trabalho apresenta-se como uma análise reflexiva muito embrionária que se espera seja complementar a outros trabalhos, já existentes ou a elaborar, sobre o mesmo caso de estudo. Retomar contacto com a Cooperativa “Gesto” e o gabinete de *design* “A Transformadora”, por exemplo, seria proveitoso para um trabalho mais desenvolvido.

Para trabalho futuro seria de interesse fazer um estudo comparado entre o Quarteirão das Carmelitas e a zona do Freixo, que analisasse o processo de revitalização e regeneração de dois espaços tão diferentes (um no centro histórico, o outro numa zona periférica da cidade) e cujo único ponto em comum é a curiosidade de em ambos existir um edifício notável, polarizador, da autoria do mesmo arquitecto: Nicolau Nasoni. De facto, o Palácio do Freixo situa-se nas imediações de uma zona em que seria interessante averiguar o papel do CACE Cultural do Porto (Centro de Apoio à Criação de Empresas, instalado na antiga central eléctrica do Freixo), como uma espécie de *cluster* de actividades culturais e criativas (companhias teatrais, gabinetes de design, etc.) e do Museu Nacional da Imprensa para um fenómeno de revitalização.

Dado o elevado número de trabalhos encontrados que escolheram o Quarteirão das Carmelitas e a “baixa” do Porto como objecto de estudo, consideramos que a existência de uma plataforma de reunião e interpenetração destes estudos em tudo seria proveitoso. A diversa tipologia de áreas de estudo que se interessam pelo fenómeno de revitalização destas zonas urbanas (economia, sociologia, geografia, gestão das cidades, etc.) é uma questão interessante que nos leva a equacionar a pertinência da existência de um gabinete especializado que trabalhasse em conjunto com os vários agentes (Câmara, espaços comerciais, moradores) criando uma estratégia consolidada de apoio, dinamização e promoção do centro histórico do Porto, também para fins de investigação.

## Fontes e Bibliografia

Argan, G. C. (2005) – *História da Arte como história da cidade* (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Bidou-Zachariassen, C. (2006) – *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume.

Cardoso, A. (1997) – *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX* (2ª ed.). Porto: FAUP publicações.

Carvalho, M. J. (2011) – *O Centro Histórico na dinamização das cidades : o Centro Histórico do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [em linha: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57334/2/MJRFINAL16SET20111000145276.pdf>, consultado a 21/02/2013].

Castro, T. (2012) – *Regeneração Urbana e Quarteirões Culturais*. [S.l.]: [s.n.] Dissertação de Mestrado em Planeamento Regional e Urbano da Universidade de Aveiro. [em linha: <https://ria.ua.pt/handle/10773/8394>, consultado a 13/11/2012].

Centeno, M. J. (2010) – *As Organizações Culturais e o Espaço Público – A Experiência da Rede Nacional de Teatros e Cineteatros*. [S.l.]: [s.n.]. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa [em linha: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/5078/1/mariajoacenteno.pdf>].

Collins, H. (2010) – *Creative Research: The Theory and Practice of Research for the Creative Industries*. [S.l.]: AVA Publishing.

Correia, M. M. [s.d.] – *Cidades Criativas. Criação de um cluster criativo na região norte de Portugal. Análise do potencial de projecção desta região como território criativo, tendo como referência a realidade britânica*. [em linha: <http://quintacidade.com/2009/11/19/cidades-criativas-criacao-de-um-cluster-criativo-na-regiao-norte-de-portugal/>]

Dias, S. (2009) – *Estratégias Recentes de Organização Urbana Comercial – O “SoHo do Porto” e a Territorialização de Actividades Culturais/Criativas*, Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011

Fernandes, J. R. (1993) - *Coisas do Porto – O Bairro das Carmelitas*. Porto: O Tripeiro, 7ª série, ano XII, nº 11. p. 345 [em linha: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57399/2/riofernandescoisas3000148122.pdf>, consultado a 27/11/2012]

Florida, R. (2002) – *The Rise of the Creative Class*. [S.l.]: Basic Books

Landry, C. (2004) – *The Creative city, a toolkit for urban innovators*. Londres: Earthscan Publications Ltd

Mateus, A. [et al] (2005) – *O sector cultural e criativo em Portugal, Augusto Mateus e Associados, Estudo para o Ministério da Cultura, Relatório Final* (Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais. Lisboa: [s.n.] [em linha: <http://www.mincultura.gov.pt/SiteCollectionDocuments/Imprensa/SCC.pdf>, consultado a 08/09/2012].

*O Porto em números, síntese e estatística*. (2011) Gabinete de Estudos e Planeamento, Departamento Municipal de Estudos da Câmara Municipal do Porto. [S.l.]: [s.n.].

*Porto Património Mundial III: CRUARB, 25 anos de reabilitação urbana* (2000). Porto: Câmara Municipal do Porto.

*Portugal Política de Cidades Polis XXI, 2007-2013*, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, Gabinete do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades [s.d.]. [em linha: <http://www.dgotdu.pt/pc/documentos/POLISXXI-apresentacao.pdf>, consultado a 21/01/2013].

Pinho, D. [s.d.] - *Sociedades de Reabilitação Urbana e modelos de cidade: A imagem de cidade projectada pelo Masterplan para a Baixa do Porto*. [S.l.]: [s.n.] [em linha: <http://pt.scribd.com/doc/36906117/Sociedades-de-Reabilitacao-Urbana-e-modelos-de-cidade-A-imagem-de-cidade-projectada-pelo-Masterplan-para-a-Baixa-do-Porto>, consultado a 05/12/2012].

Pinto, S (2012) - *Economia Noturna e as Dinâmicas Recentes no Centro Histórico da Cidade do Porto*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto [em linha: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66302/2/13125.pdf>, consultado a 25/05/2013].

Queirós, J. (2007) - *The role of culture in urban regeneration policies: research notes drawn from Porto's case*, First International Conference of Young Urban Researchers. Lisboa: CIES – Centre for Research and Studies in Sociology.

Rocha, E. e Fernandes, J. R. (2009) – *O tempo, o espaço, o comércio e o caso da Rua de Santa Catarina, na cidade do Porto*. Cadernos. Curso de Doutoramento em Geografia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Roodhouse, S. (2006) – *Cultural Quarters: Principles and practice*. Bristol: Intellect Books

Yin, R. (2003) – *Applications of Case Study Research* (2ª ed.). [S.l.]: Sage Publications

## **Legislação**

Decreto-Lei nº 104/2004, de 7 de Maio [em linha: <http://www.sru.pt/media/189/>, consultado a 23/10/2012].

Decreto Regulamentar nº9/2009, de 29 de Maio [em linha: <http://dre.pt/pdf1s/2009/05/10400/0336603380.pdf>, consultado a 23/10/2012].

Lei nº107/2001, de 8 de Setembro [em linha: <http://dre.pt/pdf1sdip/2001/09/209A00/58085829.pdf>, consultado a 25/01/2013].

*Proposta de projecto de decreto regulamentar que estabelece conceitos técnicos a utilizar nos instrumentos de gestão territorial* (2008) [em linha: <http://www.dgotdu.pt/vot/PropostaProjDecRegConceitos.pdf>, consultado a 22/10/2012].

## **Documentos não publicados**

Arqtº Virgínio Moutinho (1999) - *Proposta de requalificação da Rua da Galeria de Paris*

## Websites

<http://www.avidaportuguesa.com/template.php?lng=pt&sec=1> (consultado a 13/01/2013)

<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponimia/412> (consultado a 31/11/2012)

<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/570&fokey=cmp.toponimia/969> (consultado a 23/11/2012)

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=1497467> (consultado a 09/02/2013)

[http://europa.eu/legislation\\_summaries/culture/129019\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/culture/129019_pt.htm) (consultado a 23/01/2012)

<http://expresso.sapo.pt/porto-escolhido-como-melhor-destino-europeu-2012=f714973> (consultado a 28/02/2013)

<http://www.fjuventude.pt/equipamentos-15-palacio-das-artes-fabrica-de-talentos> (consultado a 25/01/2013)

[http://ww3.fl.ul.pt/mapoteca/catalogo\\_civitates.pdf](http://ww3.fl.ul.pt/mapoteca/catalogo_civitates.pdf) (consultado a 17/01/2013)

<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> (consultado a 03/11/2012)

<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf> (consultado a 07/02/2013)

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/com%C3%A9rcio> (consultado a 12/02/2013)

[http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain\\_3/definition/12114.html](http://www.instituto-camoes.pt/lextec/por/domain_3/definition/12114.html) (consultado a 12/02/2013)

<http://www.ionline.pt/dinheiro/trafego-no-aeroporto-porto-podera-aumentar-1-2-este-ano> (consultado a 28/02/2013)

<http://www.ionline.pt/portugal/porto-mais-seis-monumentos-13-propostas-classificacao-2012> (consultado a 27/01/2013)

[http://www.jn.pt/PaginaInicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content\\_id=1020806](http://www.jn.pt/PaginaInicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content_id=1020806) (consultado a 10/05/2013)

[http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content\\_id=2387493&page=-1](http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content_id=2387493&page=-1) (consultado a 04/04/2013)

[http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content\\_id=2989319](http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Opcion=Interior&content_id=2989319) (consultado a 28/02/2013)

[http://www.jn.pt/VivaMais/Interior.aspx?content\\_id=1552580](http://www.jn.pt/VivaMais/Interior.aspx?content_id=1552580) (consultado a 17/02/2013)

<http://www.optimus.pt/Main/SobreAOptimus/PressReleases/2011/9/28/3760123> (consultado a 05/03/2013)

<http://www.portovivosru.pt/verNoticia.php?noticia=366> (consultado a 25/01/2013)

<http://www.portovivosru.pt/pdfs/papeldassru.pdf> (consultado a 20/01/2013)

[http://www.portovivosru.pt/sub\\_menu\\_1\\_1.php](http://www.portovivosru.pt/sub_menu_1_1.php) (consultado a 10/12/2012)

<http://porto24.pt/porto/06042013/camara-proibe-transito-na-zona-da-rua-galeria-de-paris/#.UaoFhNK1Fz8> (consultado a 14/05/2013)

<http://porto24.pt/porto/20022013/rui-rio-acusa-governo-de-nao-entender-importancia-da-reabilitacao-urbana/#.USZHax3wneJ> (consultado a 22/03/2013)

<http://porto24.pt/porto/23032012/bares-da-baixa-do-porto-vaio-ter-que-fechar-ate-as-4h/#.UaoGctK1Fz8> (consultado a 23/04/2013)

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/lonely-planet-classifica-a-lello-como-a-terceira-mais-bela-livraria-do-mundo-1466651> (consultado a 08/05/2013)

<http://publico.pt/local/noticia/coliseu-do-porto-classificado-como-monumento-de-interesse-publico-1569928> (consultado a 27/01/2013)

<http://www.publico.pt/local/noticia/praca-de-lisboa-rasgada-por-rua-entre-clerigos-e-livraria-lello-1529479> (consultado a 13/02/2013)

<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/5317/estacao-do-cais-do-sodre-e-cinema-batalha-novos-monumentos-de-interesse-pu> (consultado a 27/01/2013)

<http://www.queirozportela.com/artigos.htm> (consultado a 01/04/2012)

<http://revistadedalo.com> (consultado a 29/04/2013)

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=596976&tm=4&layout=121&visual=49> (consultado a 27/01/2013)

<http://run.unl.pt/bitstream/10362/5078/1/mariajoaocenteno.pdf> (consultado a 04/04/2013)

[http://sigarra.up.pt/fbaup/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1182](http://sigarra.up.pt/fbaup/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182) (consultado a 25/01/2013)

[http://www.sonae.pt/fotos/gca/7\\_2\\_pt405\\_2009070220pr20\\_20mecenas20exposic3a7c3b5es20serralves.pdf](http://www.sonae.pt/fotos/gca/7_2_pt405_2009070220pr20_20mecenas20exposic3a7c3b5es20serralves.pdf) (consultado a 10/11/2012)

<http://www.tenontours.com/travel-tips/history-of-temple-bar-in-dublin-ireland/>  
(consultado a 31/11/2012)

[http://travel.nytimes.com/2011/11/27/travel/36-hours-in-porto-portugal.html?\\_r=0](http://travel.nytimes.com/2011/11/27/travel/36-hours-in-porto-portugal.html?_r=0)  
(consultado a 20/05/2013)

## **Apêndices**

# 1. Entrevistas

## 1.1. Guião orientador de entrevista

Nome:

Espaço comercial:

Morada:

1. Qual a data de abertura do espaço?
2. Qual o tipo de sociedade comercial?

Singular . Empresário em Nome Individual  
. Sociedade em Nome Individual por Quotas  
. Estabelecimento individual de Responsabilidade Limitada

Colectiva . Sociedade por Quotas  
. Sociedade Anónima  
. Sociedade em Nome Colectivo  
. Sociedade em Comandita  
. Cooperativa

3. Quantos sócios compõem a sociedade comercial?
4. O espaço comercial é único ou trata-se de um franchising?
5. Qual é o tipo de negócio?

. Restauração . Turismo  
. Comércio . Saúde  
. Hotelaria . Espaço de lazer nocturno  
. Outro

6. Qual o motivo que levou à implantação do negócio na Rua da Galeria de Paris/Rua Cândido dos Reis/Rua Conde de Vizela/Rua das Carmelitas?

Motivos económicos . baixas rendas  
. propriedade de imóvel no local  
. aumento da procura  
. valorização na prestação de serviço e/ou venda de produto

Motivos pessoais . apego ao local  
. local de residência próximo

Motivos sociais . valorização social do espaço

Outros

7. Quais as vantagens da sediação do negócio naquele quarteirão?
8. Quais as desvantagens da sediação do negócio naquele quarteirão?
9. Existem vantagens na existência de espaços comerciais semelhantes na zona? Quais?
10. Existe colaboração/cooperação entre os vários espaços comerciais? A que níveis? Como funciona?
11. Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?
12. A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início da concepção do espaço? Porquê?
13. Depois do estabelecimento do espaço e depois de algum tempo de actividade sentiram necessidade de aumentar/iniciar a dinamização cultural? Porquê?
14. Em que é que consiste a dinamização cultural do vosso espaço?

. Concertos  
. Exposições  
. Workshops  
. Performances

. Peças de teatro  
. Instalações  
. Conferências  
. Outros

15. As vossas iniciativas culturais fazem parte de algum tipo de agenda/programação ou são acontecimentos isolados?
16. Existe algum programador responsável pela dinamização cultural do espaço?
17. Existem propostas externas de companhias/bandas/artistas?
18. Em que é que a presença destes espaços beneficiou este quarteirão e a própria cidade?
19. Acreditam que a vossa presença (assim como a de outros espaços semelhantes) revitalizou esta área da cidade? Porquê?
20. Para além da ocupação nocturna conseguem constatar algum tipo de vivência diurna desta área da cidade? Enumere exemplos.
21. Acreditam que esta reocupação nocturna e/ou diurna deste quarteirão pode ajudar à reabilitação da baixa portuense?
22. Como é a relação dos moradores desta zona com os espaços aqui sediados?
23. Acreditam neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?

## **1.2. Entrevista – Armazém do Chá**

**Nome:** Rui Miguel Silva (sócio)

**Espaço comercial:** Armazém do Chá

**Morada:** Rua José Falcão, n.º. 180

**Qual é a data de abertura do espaço?**

Maio de 2008.

**Foi aí que abriram as portas definitivamente?**

Sim, houve uma incursão a 23 de Abril para os amigos e depois em 6 de Maio... Mas é em Maio. Quisemos que o espaço fosse abrindo, não quisemos provocar a abertura... A típica abertura de fazer mega publicidade e convidar toda a gente e abrir, não. Convidámos os nossos amigos e depois queremos que as pessoas falem... quisemos que o espaço se fosse fazendo naquele mês, não que fosse inculido aqui à cidade. Ou seja... Tanto é que nem fizemos *flyers*, não fizemos publicidade, não fizemos nada.

**Qual é o tipo de sociedade comercial?**

Por quotas.

**E quantos sócios?**

Dois. Sou sócio gerente. Somos dois, quotas iguais.

**O espaço comercial é único ou trata-se de uma espécie de *franchising*?**

É único.

**E qual foi o *background* deste espaço? É a primeira vez que têm um espaço assim?**

Não. Tenho experiência a trabalhar em espaços, fui gerente já de algumas casas. Estavas a perguntar-me, qual o *background*...

**Sim. Porque é que decidiram abrir este género de espaço?**

Por uma necessidade. Toda a vida trabalhei neste tipo de espaços e depois durante bastantes anos, cerca de 8 anos, tive uma empresa mais o meu sócio e outro sócio, empresa essa que ainda continua e que é uma empresa de eventos, e tivemos a necessidade de ter o domínio todo do nosso lado e não andar a alugar as casas para fazer os eventos, ter bilhetes muito altos, então se estivéssemos todos do nosso lado conseguiríamos reduzir os bilhetes, o valor dos bilhetes e conseguir oferecer mais coisas às pessoas.

**Qual é o tipo de negócio?**

Restauração. Que tem uma vertente cultural, uma agenda cultural muito diversificada.

**Qual foi o motivo que levou à implantação do Armazém do Chá aqui nesta rua?**

Na altura não havia este movimento. Sabíamos da capacidade do nosso tipo de trabalho, não nos queríamos misturar com outras zonas nocturnas como zonas industriais e coisas assim... Quisemos fazer no centro da cidade um espaço que conseguíssemos levar às pessoas, que não estivessem a depender das pessoas que passam na rua, mas sim para elas irem propositadamente aos eventos que nós criámos.

### **Há também algum tipo de apego ao local ou residência próxima?**

Não. Nós vimos muitos espaços em diferentes sítios. Houve um espaço que esteve quase para acontecer, ali na Bateria da Vitória, abaixo da polícia judiciária. Houve outro que também esteve para acontecer que é atrás do “Hard Club”, a rua do mercado Ferreira Borges. A questão aqui do espaço, de abrir aqui, teve a ver com a disponibilidade do edifício, ter gostado do edifício e acharmos que conseguíamos implementar a nossa ideia dentro deste edifício.

### **Quais as vantagens da sediação aqui?**

Uma das vantagens foi o que nós conseguimos fazer com o edifício. Pelos vistos, estou a aperceber-me hoje em dia que é bom o negócio que fizemos. Depois de nós abrimos, tudo inflacionou aqui à volta. As vantagens... Eu vou ser sincero! Eu estou um bocado revoltado com a situação do país. Neste momento, não acredito muito em vantagens. Acredito é em defender as responsabilidades que tenho. Porque... Quando nós abrimos a empresa, em 2007, havia um sistema comercial completamente diferente do que existe agora. Mesmo a questão legal e da casa, como tu preparas a casa... como preparas a questão legal da casa. A verdade é que nos últimos dois anos tudo alterou. E aí estamos a falar de questões mais técnicas que depois deixam de fazer algum sentido. Temos a questão do IVA na restauração que aumentou, temos o flagelo das pessoas não terem dinheiro... acompanhadas pela concorrência que cresce todos os meses... Se há menos dinheiro, as mesmas pessoas e há mais casas as coisas têm que ser mais divididas... Por nos últimos três anos nos terem tirado as deduções do IVA, nós que somos uma casa com uma actividade cultural muito grande onde uma grande parte da nossa despesa tem a ver com viagens, hotéis e restaurantes para alimentar a parte cultural, os artistas... Todo esse tipo de despesas não é dedutível no IVA neste momento para nós, ou seja, quando te dizem, no passado, que o IVA aumentou 10%, o IVA para nós aumentou 16 ou 17%. Ou seja, todo este sistema, a forma como projectámos a casa... Eu acho que deixa de fazer sentido porque parece que o país é outro, ou seja, deixa de fazer um bocado de sentido aquilo que andaste a projectar e a construir durante anos porque as coisas são muito diferentes agora.

### **Mas vantagens por estar tão próximo do quarteirão das Carmelitas e este ser ultimamente noticiado como o *spot* por excelência da “movida” do Porto?**

Eu não vou querer afirmar isto. O Quarteirão das Carmelitas... Eu suponho que o projecto do quarteirão surge depois de nós abrimos. Eu não quero afirmar mas tenho quase a certeza absoluta disso. Uma coisa eu sei é que uma zona que era completamente morta que é esta, tanto diurna, como nocturna... Eu quando falo diurno, é simples... porque a nível... Está abrir aqui um tipo de comércio diferente do comércio tradicional que existia na ala pra lá dos Aliados, aquela parte de Santa Catarina, temos “A Vida Portuguesa”, temos a loja do Buchinho, a “Casa Almada”, “Pedras & Pêssegos”, temos um tipo de lojas que não existia aqui no Porto, nem noutras áreas do Porto, muito menos aqui no centro. Em relação à

restauração, os restaurantes só trabalhavam de dia, só faziam almoço, nesta parte... Todos os restaurantes, neste momento trabalham à noite. Eu faço parte de uma associação que é a Associação de Bares e Discotecas da Zona Histórica. Em cinco anos... estamos a falar de um sector que ficou com cerca de seiscentos funcionários nesta zona. Ou seja, quando eu arranjei o espaço e quando eu abri nada disto existia. Agora, eu não abri aqui porque andei à procura das vantagens da zona. Eu abri aqui pela vantagem da minha ideia e do meu sócio e acreditarmos naquilo que fazíamos e o nosso trabalho já era reconhecido e as pessoas já seguiam o nosso trabalho há muitos anos. Não foi por uma questão de vantagem... A única vantagem que eu vejo é a questão do edifício, realmente ficámos apaixonados pelo edifício e achámos que este era o nosso sítio... íamos fazer...esfalfarmo-nos para conseguir abrir o bar. Tivemos muitas dificuldades ao início, porque não é fácil, questões de licenciamento no centro histórico num edifício antigo... E conseguimos. Acho que a única vantagem foi acreditarmos que conseguíamos.

### **Mas esta nova vida beneficiou, ou por outro lado, não... ou então, manteve tudo igual?**

A zona beneficiou com a nossa abertura e com apostas de outros empresários, de início, que vieram para aqui. Depois, ou seja, porque os empresários queriam abrir um espaço deles... Se repararmos, os espaços eram um bocado distantes uns dos outros, não é? Depois os outros espaços que abriram nos últimos três anos, abriram para aproveitar as vantagens da zona. E acho que há um antes que é uma aposta pessoal, não tem a ver com as vantagens da zona, mas tem a ver com o que elas acreditam e que gostavam de fazer.

### **E desvantagens com o aparecimento desta “movida”?**

O exemplo do poder local. Foi uma desvantagem muito grande. Se há pessoas que passaram por processos de licenciamento e cumprem com tudo, e isso é uma pequena parte de todas as pessoas que estão aqui, e a grande parte vive numa anarquia... Não sentimos o apoio do poder local... Não sentimos o apoio do Estado... nem o apoio nem a defesa porque nós declaramos os nossos impostos todos...Eu cheguei a ter cinco negócios à porta de casa e nenhum deles declarava impostos, nenhum deles tinha um empregado contratado, nenhum deles pagava segurança social. Ou seja, isto foi permitido durante dois anos e tal estar a acontecer... Então se aquilo é permitido porque é que o Estado não nos está a proteger? Isso acho que é uma grande desvantagem. Depois, há outra desvantagem relacionada com o poder local que é: não teve capacidade de organização da rua... Essa é a responsabilidade deles... Eles têm que dar o licenciamento das casas mediante aprovações mas a rua não são as casas que têm que ser responsáveis pela rua, são eles. Tem que haver regras. Tem que fazer cumprir as regras e têm que proteger os moradores e os comerciantes que estão nesta zona e isso não aconteceu, pelo contrário... Lançaram umas medidas de actuação há cerca de um ano... só veio prejudicar quem cumpria porque quem não cumpria continuou a beneficiar com essas questões.

### **E colaboração, cooperação entre vários espaços comerciais semelhantes ao “Armazém do Chá”? Existe?**

Sim, existe. Existe porque, os primeiros espaços aqui, as pessoas já se conheciam antes de abrirem os espaços e alguns têm ideias semelhantes e já fizemos eventos todos juntos.

### **Pode dar exemplos?**

O último São João, na Avenida do Aliados. Chamava-se “Arraial Minimal”.

**A D’Bandada também ou não?**

A “D’Bandada” também mas a “D’Bandada” tem a chancela da Optimus e da Porto Lazer, não é? Que depois aproveitou-se dos espaços para fazer os eventos. Mas aí prefiro por a questão ao contrário, a “D’Bandada” aproveitou a dinâmica que foi criada nesta zona.

**E é regular essa cooperação, essa colaboração entre os vários espaços?**

Não... não é regular. Houve duas “D’Bandada”, houve um São João... não sei... Acho que houve mais um evento, que é um não evento, que foi o protesto que fizemos quando saíram as medidas de actuação... as casas todas fecharam e puseram um faixa à porta... Algumas casas, nem todas, mas as principais...

**Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Claro, e com um sentido democrático. Nós sentimos que quando temos um espaço que é público, achamos que temos a obrigação de proporcionar às pessoas momentos que em situações normais elas não conseguem usufruir deles. Isto, fora a questão da programação, e é outra parte que me estou a referir, que é a questão das peças que nós pomos aqui para o público ver. Temos o desenho que está na sala de baixo que é do Vasco Mourão, um artista híper conceituado no mundo inteiro. Há muitos turistas que vêm cá de propósito ver... Não vêm de propósito ao Porto, vêm ao Porto, sabem do desenho e vêm ao Armazém de propósito ver o desenho. Os trabalhos de fotografia do André Cepeda, como agora aquela peça que é uma peça de *video mapping* também... Achamos que temos essa obrigação porque temos a consciência que as pessoas não têm todas dinheiro para comprar cultura, comprar peças, então achamos que de alguma forma devemos democraticamente proporcionar às pessoas que possam usufruir disso. Já dizia o Niemeyer... Que via a arquitectura de uma forma... Quer dizer, um pobre não pode comprar a cultura mas pode usufruí-la.

**E a dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início na concepção do espaço?**

Sim.

**E sentiram uma relação, oferta cultural aumento de público?**

Sentimos, sim.

**Depois de abrirem e de verem que estava a resultar sentiram necessidade de aumentar cada vez mais a vossa oferta ou já era...?**

Sim, o espaço foi um bocado mutante. Nós não tivemos capacidade financeira de abrir a casa toda como queríamos e ainda esperamos abrir mais uma sala, até ao final do Verão. Mas fomos fazendo acrescentos à casa para poder dar resposta à questão cultural porque não tínhamos essa capacidade e para ter logo as coisas de início, então... Foi-se construindo aos poucos, tudo em prol da questão cultural que era para ter a capacidade de poder fazer os eventos.

**O edifício é todo vosso?**

O edifício é alugado.

**Mas na totalidade?**

Não, tem mais dois andares que são dos senhorios.

**Mas sabe o que é que está lá a ocupar aqueles espaços?**

Está devoluto.

**Em que é que consiste a dinamização cultural do vosso espaço?**

Música, principalmente, e na música tenho um bocado uma aposta de não apostarmos em coisas que já sabemos que elas vão resultar. Tentámos sempre ser de alguma forma pioneiros e proporcionar novos momentos às pessoas. Tivemos uma peça da “Palmilha Dentada” em cena, de 5 de março a 5 de abril, que era 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e sábado. Vamos ter agora mais uma peça em Julho. Depois além da música, a nível de exposições só apostámos numa área que foi a fotografia porque achámos na altura que havia uma deficiência no Porto de galerias de fotografia e eu e o meu sócio adoramos os dois fotografia. Costumamos ter meia volta intervenções de artistas, onde pomos papéis na parede, aconteceu há 15 dias e várias pessoas a pintar... Performances... Na sexta-feira santa tivemos uma performance... uma pessoa que foi pendurada ali na parte do fosso através de um processo de piercings que são todos furados... (mostra fotos) Apresentações de livros, conferências, filmagens de filmes, montes de bandas já fizeram cá telediscos... O que interessa é o espaço e o espaço poder albergar uma infinidade de coisas. Então estamos sempre abertos a isso. Não temos aqui limites. Teremos, sei lá, coisas más que não queremos que isto aconteça aqui mas gostamos é da criatividade.

**E existe algum tipo de agenda, programação?**

Sim.

**Vocês dispõem de um suporte físico para essa programação ou fazem *online*?**

Como te disse ao princípio, nós quando abrimos não fizemos publicidade. Depois de abrir, fazíamos uns cartazes, por acaso agora em Abril acabámos com eles e estamos a apostar tudo nos suportes digitais. Temos o nosso *site*, temos o *facebook*, temos 37 ou 38 mil amigos e achamos que é por aí que devemos ir ao público-alvo e não andar a poluir as ruas... a não ser em eventos esporádicos, tipo aniversário que vamos ter para semana e vamos ter cartazes de rua, passagem de ano, ou quando há um investimento de um artista maior e temos a cidade para... mas estamos mais a trabalhar a parte digital para promover os eventos.

**E existe algum programador responsável?**

Sim, existe mais do que um. Existe uma que é o meu sócio. O meu sócio e eu dividimos tarefas: eu trato mais da parte financeira e legal e ele trata da parte cultural. A parte cultural é muito vasta, nós recebemos 10 a 20 propostas por dia de vários tipos de artistas e ele... eu, ele, o nosso gerente, nós os três vamos tentando... mais eles, depois eles pedem-me opinião... mas entre os três vamos tentando fazer a programação, fazer os cartazes.

**Os artistas que cá vêm são auto-propostos ou são vocês que andam à procura deles?**

Não, também andamos. É as duas coisas.

**Na sua opinião, em que é que a presença de espaços como o Armazém, o Plano B e outros, beneficiaram esta zona da cidade?**

O “Plano B” são pioneiros. O “Plano B” abriu um ano e tal antes de nós. Eu volto a dizer, acho que foi a zona que beneficiou mais connosco do que nós com a zona porque sinceramente eu acho que nós facturávamos mais antes de haver esta questão de rua do que agora... Eu acho que não beneficiamos assim muito... Se as pessoas estiverem na rua nós não beneficiamos.

**A loja de conveniência foi fechada...**

Sim e ainda bem. A proposta de alteração de lei na AR tem o nosso dedo ou a nossa mão... Deveria ter a mão mas só teve o dedo! Fomos nós que pressionámos, através da Associação de Bares e Discotecas, a zona histórica... pressionámos esta questão: nós queremos ir mais longe para se fazer como se faz em qualquer país europeu que é inibir o consumo de álcool a partir de “x” horas na rua. Não só das lojas de conveniência não poderem vender lá fora, também queremos proibir o consumo na rua. E as pessoas beberem com segurança. E beber com segurança é o quê? É beberem dentro das casas que estão legais, que têm câmaras de videovigilância, têm segurança, são revistados, os empregados têm que ter um certo tratamento com os clientes... Nós temos que cumprir uma série de regras de higiene... do que as pessoas andarem numa selvajaria na rua a consumir porque não acho que seja benéfico para a economia porque não é... Quem vive do negócio da rua, volto a dizer, não colabora a nível de impostos e as casas que estão preparadas colaboram porque nós temos fiscalizações das finanças de “x” em “x” tempo, aliás vocês sabem que é dos programas que somos obrigados a ter e achamos que esta questão de rua, queríamos acabar com esta questão. Só achamos que as lojas de conveniência a partir de x horas não podiam vender sendo que a câmara, isto é um regulamento camarário, porque esta alteração não pode ser feita por câmaras... Se uma câmara fizesse a alteração quem vai beneficiar é a câmara ao lado. Mas esta câmara proibiu a venda de vidro mas as pessoas podem continuar a vender para a rua mas com plástico.

**Então estes espaços não beneficiaram em nada, na sua opinião, esta zona da cidade?**

Pelo contrário, perdeu.

**Pode enumerar algumas desvantagens?**

Eu participo nas Assembleias da junta de freguesia, nas da junta e nas municipais e nas da junta, isso é muito mais visível, as assembleias têm comerciantes que têm lojas aqui e eles vão para lá queixarem-se que muitas das lojas só conseguem abrir às 11 da manhã porque estão desde as 8 até às 11 a tentar limpar as soleiras com lixívia para conseguir tirar o cheiro porque os clientes recusam-se a entrar dentro das lojas... Ou seja, não vejo vantagens nenhuma nesta situação de rua, pelo contrário: primeiro, quem vem para a rua não olha a idades nem estados das pessoas. Na rua, qualquer criança consome e é isso que se passa porque elas não podem entrar com menos de 16 anos nas casas nem consumir com menos de 16 anos nem ter acesso a elas. Não podem, ficam na rua a beber e aí já ninguém os vai chatear e sujeitos a todas as situações que já ouvimos falar... Montes de situações que aconteceram aí...de morrerem pessoas, de abusarem de raparigas...

### **Tem conhecimento desses...?**

Tenho de ouvir falar... Conhecimento de assassinar, tenho conhecimento mas já li no jornal que houve situações de abusarem de raparigas, de assaltarem miúdos novos, 16 anos, todos bêbados, parecem uns gunas, roubam-lhes os telemóveis, acho que é... Agora acho que acalmou um bocado mas durante o verão, último verão, era todos os dias se ouvia histórias dessas.

### **E tudo por este *boom* repentino de rua?**

Sim. Sem regras, sujo, denegrindo a imagem para o turismo, aliás, eu vou voltar a dizer, já disse isto muitas vezes, pode ser que seja contrariado agora neste verão, mas eu só vejo turistas de dia não vejo turistas de noite... Se vê, é realmente na zona da Galeria Paris alguns turistas à noite, isso é normal porque há ali uma afluência de muita gente mas a maior parte não são turistas, são *Erasmus*. Agora o grande turismo de dia, à noite não existe.

### **Então, existe uma espécie de engano quando vemos nas notícias que a “movida” do Porto é que é porque ficamos na rua, semelhante ao *botellón* que se passa em Espanha...**

Em Espanha já não existe o *botellón*...

### **Pois...**

E se não existe tem uma razão, que é: deve ter havido tantas coisas más que eles se viram na necessidade de acabar com o *botellón* e chegaram à brilhante conclusão que as pessoas estão seguras dentro das casas, têm condições para dar segurança às pessoas.

### **Já disse que espaços como este revitalizaram a cidade e trouxeram dinâmica. Para além da ocupação nocturna, consegue constatar algum tipo de vivência diurna nesta zona?**

Sim, sim, sim há muito mais. E poderia haver muito mais se as pessoas não fossem gananciosas. A área está muito inflacionada. Eu posso dizer que uma simples lojinha na Rua Cândido dos Reis com 140 metros quadrados “pesa” 7 mil euros. Isso também vai bloquear os investimentos dos novos negócios diurnos mas mesmo assim apareceu muito tipo de negócio muito interessante nesta zona. E é de realçar que esta zona é um caso único na Europa porque é a zona por metro quadrado que mais livrarias tem. E...

### **E tem uma das mais bonitas do mundo!**

A “Lello”. E há livrarias que já fecharam... Só aqui já vi três a fechar. A “Leitura”, a “Britânica” e a “Era uma vez”, que era a única livraria para crianças que era muito boa e fechou. A “movida” criou uma dinâmica que depois há uma série de actividade que vêm todas atrás e isso é notório... agora o que não é notório é reconhecer, ou seja, o poder local reconhecer que a “movida” tem um papel importante nesta questão.

### **E organizar um bocadinho...**

Tudo! Eu vou dar um exemplo: nós abrimos e só ao fim de dois anos é que tínhamos os candeeiros da rua a funcionar... As pessoas ficam aqui um bocado esquecidas. Ao fim de dois anos, a dinâmica começou a aparecer e aí é que a câmara tentou-se aproveitar um bocado da dinâmica, mas foi mais sentido oportunista que propriamente para colaborar.

### **E, por exemplo, a nível de segurança, sente diferença?**

Bastante prostituição nesta zona também... Sim, a zona é muito mais segura... quer dizer, mais segura no aspecto... Pode ser bastante explosivo mas é mais segura... É a tal questão, se calhar é preferível passar a rua com muita gente do que passar a rua sozinha. Agora, é verdade que também onde há muita gente há maior probabilidade de haver problemas. Porque há gente, agora, uma pessoa está lá sozinha tem receio. Mas isso é uma questão... Nós temos que viver com ela.

### **As notícias falam no reforço de policiamento, inclusive da mobilização da zona oriental para esta zona...**

Nunca vi um polícia a passar aqui na rua. Desde que abri. Aliás, antes de abrir. A única mobilização que eu vi está a acontecer agora que é a polícia municipal que fecha ali em cima da Rua de Santa Teresa, no início de Galeria Paris e no início de Cândido dos Reis. Mais uma vez o poder local não está a proteger os empresários que cumprem porque delimitam ali uma zona e as pessoas podem fazer o que quiserem dentro daquelas ruas. Estou a dizer para a questão do público: eu se chegar a sítio, vejo que aquela zona está fechada, automaticamente eu vou pra lá, não vou para um sítio que não tem ninguém, como é óbvio. Ou seja, fecham a zona toda ou não. Mais uma vez estão a beneficiar só uma zona. Aliás, isto também é um bocado notório. Se nós repararmos, da Rua da Conceição até aos Clérigos, na Rua do Almada até Carlos Alberto, foi tudo recuperado... Houve um planeamento das ruas, menos a Rua da Picaria e a Rua José Falcão. De resto, está tudo.

### **E porquê?**

Nunca percebi, não sei... E estamos a falar da Rua José Falcão, quando as outras começaram a ser arrançadas, era a única que tinha casas legais! Mas não entendo porquê. E não estou a inventar porque isto é notório!

### **Acredita que esta reocupação nocturna e diurna possa trazer moradores para esta zona?**

Acredito, se as coisas forem bem feitas. Se forem bem feitas, acredito. A minha música não incomoda ninguém. As pessoas podem vir morar para o meu lado, mas há sítios aí que as pessoas não podem ir para lá morar porque o barulho vem da rua! O barulho vem das casas que não vêm preparadas com isolamentos... Se forem bem feitas acredito plenamente nisso e é isso que os jovens querem... isso é natural nos jovens.

### **E como é a relação com os moradores desta zona?**

A minha é excelente. Mesmo. Há um respeito mútuo. É mesmo excelente.

### **E como caracteriza o consumidor típico deste espaço?**

É muito variado. Até pelo tipo de serviço que nós temos... Nós somos um *wine bar*, somos uma casa de chá, temos comidas, temos todo o tipo de pessoas... Depende do evento que tivermos, não temos preocupação do tipo de cliente porque temos a noção daquilo que fazemos é para muita gente... não é só para um tipo de cliente.

### **E dificuldade em se instalarem aqui?**

A lei faz sentido. Se a fizerem cumprir. E eu como a cumpri, fez sentido. Não senti dificuldade porque desde o momento em que uma pessoa percebe a legislação... Depois de a perceber é muito mais fácil conseguir executar.

### **E a relação com a Câmara?**

A relação com a Câmara... é muito difícil. É difícil, porque eles não assumem os erros... Eles tiveram um erro de nove meses em relação ao nosso licenciamento... quer dizer, assumiram uma certa parte, depois de verem que houve ali o erro, aceleraram o processo... Depois, temos que ser muito cuidadosos... eu tenho processos com a câmara em tribunal porque eles alteraram datas de cartas, de documentos, de comunicações, para ver se conseguiam sobrepor a decisões do juiz.

### **O que é que ocupava este espaço antes do Armazém do Chá?**

Era uma torrefacção de chá.

### **Acredita neste fenómeno de revitalização deste quarteirão e zona envolvente como algo efémero ou que se vai manter?**

É um bocado difícil prevermos as coisas, mas há uma coisa que eu sei. Se houver organização há mais probabilidade das coisas resultarem... se não houver, há uma grande probabilidade das coisas não resultarem. Nós estamos na Europa, temos muitos exemplos lá fora e as coisas resultam. Eu gostava que as coisas resultassem aqui. Eu assisti, trabalhei seis anos na Ribeira e assisti à queda da Ribeira, foram os últimos anos em que eu lá trabalhei... e a queda aconteceu não por causa dos empresários mas quando o Rio ficou com a presidência da Câmara do Porto.

### **Falta mais colaboração com a câmara, então?**

A câmara deveria ser mais inteligente, devia trabalhar em prol da sociedade e...

### **Estas novas medidas não estão a ajudar...**

Nada, nada... Não, porque eu penso assim: nós somos um país neste momento já com poucas indústrias mas há uma indústria que é a indústria que mais exporta que é o turismo e a restauração. É a indústria que mais emprega, a seguir ao Estado e acho que é a indústria que numa situação dramática de crise poderá criar algum caminho e algum sentido e... esta câmara acho que não sabe aproveitar esta questão do turismo porque o Porto tem uma potência muito grande... o Porto é um sítio único no mundo, nem toda a gente tem um rio com uns socalcos e toda a actividade turística em volta do rio e... ainda por cima tem, para mim, um dos nomes mais bonitos, que é o rio Douro... pela definição da própria palavra porque o rio tem muita riqueza, é preciso é saber extrair essa riqueza de lá e acho que esta câmara deveria explorar mais esta questão. De certa forma explora, mas sempre com muitos interesses económicos à mistura e eu acho que a questão tem que ser feita de uma forma de pormos a sociedade também a interagir... de haver também aqui uma questão social... isto cada vez está pior, a zona histórica, além dos bairros, na zona histórica temos os mesmos problemas sociais que existem aqui no Porto.

### **E desejos para o futuro? Para o “Armazém do Chá”, para a rua José Falcão, para o quarteirão das Carmelitas?**

Continuar a trabalhar... acho que é a única coisa... Desejos: desejava não ter que dispensar muitas pessoas de trabalhar. Às vezes sou obrigado a dispensar...

**Mais acompanhamento, se calhar, também... por parte da autarquia...**

Mais acompanhamento e mais sensibilidade e, é o que eu digo, haver um sentido entre todos num projecto para a cidade. E nós estamos sempre disponíveis para isso.

**E acha que estes espaços têm um papel fundamental?**

Eu acho e a Associação tem demonstrado isso... a associação de bares e discotecas.

**E qual é o seu papel na Associação?**

Sou associado, só.

### **1.3. Entrevista – Plano B**

**Nome:** João Teixeira (sócio)

**Espaço comercial:** Plano B

**Morada:** Rua de Cândido dos Reis nº 30

#### **Qual a data de abertura do espaço?**

A oficial foi a 7 de Dezembro de 2006, a oficiosa foi em... foi no Carnaval de 2006, Fevereiro de 2006... oficiosa, quer dizer, foi uma coisa assim mais particular para um grupo de pessoas.

#### **Qual o tipo de sociedade comercial?**

Actualmente trabalhamos como sociedade limitada mas começámos como associação cultural... Sociedade de capital social limitada por quotas... mas primeiramente foi como associação cultural sem fins lucrativos.

#### **Quantos sócios compõem a sociedade comercial?**

Inicialmente eram...5, depois 3 e actualmente são 4 sócios, sendo 3 sócios gerentes... não sei se é relevante...

#### **O espaço comercial é único ou trata-se de um *franchising*?**

Não, foi 100% da nossa autoria. Pode ter havido uma ou outra inspiração mas de modo algum houve cópias, não comprámos ideia nenhuma e também temos a marca registada... passados uns anos achámos melhor apesar que já havia vários “planos b” espalhados pelo país... não tem mal nenhum, não é?... Achámos melhor acautelar e comprar a marca.

#### **Qual é o tipo de negócio?**

O código de actividade?

#### **Não, de uma forma geral...restauração, comércio, hotelaria...**

Restauração, artes e espectáculos, assim resumidamente, será sobretudo isto...e eventos...e produção cultural, produção musical...é...realmente, é muita coisa.

#### **Mas não têm nenhuma loja, não vendem produtos relacionados?**

Não, pensámos nisso mas nunca conseguimos implementar, nunca tivemos tempo para nos debruçar sobre isso.

#### **Qual o motivo que levou à implantação do negócio nesta rua?**

Nós andámos um ano...nós, nós éramos todos estudantes aqui na baixa, tínhamos (temos?) *ateliers* aqui na baixa...na Rua das Flores, Rua da Picaria, no Largo dos Lóios, durante cerca de 10 anos e

depois...nós gostávamos, e gostamos, desta zona da cidade, da “baixa”, do centro histórico, só que, isto para sair à noite, não havia assim grande coisa. A Ribeira já tinha morrido, havia a Zona Industrial, só...havia aqui o “Piolho” mas na altura era até à duas da manhã e era café, pouco mais, não era assim nada de... aquela coisa... E nós achámos que precisava aqui de qualquer coisa e...decidimos fazer aqui, fazer isto, um espaço que tivesse outros, multidisciplinar... Também, nós dávamos concertos e depois chegou a uma altura em que não havia no Porto nenhum sítio para dar concertos e decidimos fazer um espaço que desse para...polivalente, que desse para receber bandas, para ter *dj's*, para...e que tivesse diferentes estilos de música, que não fosse...havia o “Contagiarte”, por exemplo, mas era uma coisa específica e nós queríamos fazer uma coisa mais abrangente, e era um bocado fora do centro. E escolhemos esta rua porque andámos durante um ano à procura de um sítio que conseguisse receber os nossos propósitos, que uma pessoa conseguisse fazer aquilo a que se propunha e que tivesse uma renda em conta, que tivesse uma localização sem vizinhos, que não houvesse problemas, que fosse...que estivesse um bocado abandonada para que também as rendas fossem baratas...que tivesse transportes perto, também, o metro e os autocarros, comboios...mas a grande preocupação foi, sobretudo, uma zona que não tivesse moradores para não causar grande transtorno porque já sabemos como são estas coisas...e já se está a ver actualmente...e estivemos um ano atrás do espaço, pronto, que fosse aqui no centro e que tivesse essas características.

**Então o que vos levou a ter esta ideia em 2005 foi o vosso *background*...**

Sim, música, artes plásticas e arquitectura. Tínhamos acabado o curso também, na altura, eu pelo menos, não saía muito, e quando acabei o curso comecei a sair mais e comecei a ver que realmente não havia assim nenhum espaço com que nós nos identificássemos a cem por cento...nós e os nossos amigos...não íamos fazer uma coisa só para nós, não é? Sempre que saímos toda a gente se queixava que não havia assim nada de mais... E a ideia seria fazer uma coisa se calhar do tamanho da sala do palco aqui de baixo, só de uma sala, só que entretanto apareceu este espaço que era três vezes maior do que aquilo que uma pessoa estava à procura...mas também havia outras possibilidades e nós decidimos arriscar e aqui ficámos e correu bem.

**O imóvel é arrendado, correcto?**

É, é arrendado.

**Como já referiram, estudavam por esta zona...o apego ao local foi um dos motivos que vos levou a ficar por aqui?**

Sim, foi determinante...se não fosse isso...isso foi determinante sem sombra de dúvida. Penso que para a Zona Industrial não íamos fazer nada.

**Algum de vocês mora aqui perto?**

Eu já morei nas Fontainhas durante dois anos e meio e agora moro na Rua do Bonjardim.

**Quais as vantagens da sediação do negócio neste quarteirão e nesta rua em específico? Falou nas baixas rendas...**

Na altura era uma renda acessível, era...Estar no centro histórico tem sempre vantagens, não é? Tem bastantes visitas de pessoas de fora da cidade...acho que essa é uma grande vantagem... Também na parte de ajudar à regeneração desta parte da cidade, não é que seja uma vantagem mas era um objectivo...

**Era um objectivo vosso quando decidiram instalar-se aqui?**

Sim, sim, era um objectivo puxar pela cidade...era um dos principais objectivos porque uma pessoa gosta da cidade e queria puxá-la para cima e acho que isso foi conseguido.

**E quais as desvantagens?**

As desvantagens começaram a surgir há cerca de quatro anos quando começaram a abrir espaços cujo objectivo principal era vender bebidas alcoólicas a preços baixos para o exterior sem qualquer tipo de serviço extra, apenas vender bebidas por vender. Acho que isso começou a deteriorar um bocado o ambiente. Quando começaram a aparecer esse género de estabelecimentos...alguns nem sequer eram estabelecimentos eram tipo lojas com uma porta aberta só para vender cerveja...acho que isso mudou muito os hábitos de consumo tanto nos frequentadores da baixa, que começaram a ficar na rua até mais tarde, começaram a fazer muito ruído para zonas com moradores, como nos hábitos de...lá está, nos hábitos de consumo e nos hábitos de estar, começaram a consumir bebidas alcoólicas na rua, depois começaram a fazer ruído na rua, depois muitos estabelecimentos não disponibilizavam casa de banho...enfim, esta situação que, agora nem tanto, mas que se observou nos últimos três anos. Acho que isso foi uma parte má, foi uma coisa descontrolada, não houve regras ou foram tomadas medidas tardias que já não ajudaram a... Estarem agora a tirar estas coisas aos habitantes, as pessoas sentem-se no direito de estar na rua, a beber, e têm todo o direito, só que também têm que ser acompanhadas por estabelecimentos que ofereçam condições para as pessoas estarem na rua...

**E isso prejudicou o vosso negócio?**

De certa forma prejudicou, as pessoas começaram a vir muito mais tarde e os consumos diminuíram. Penso que essa questão de haver essa venda descontrolada de bebidas alcoólicas para a rua, de vasilhame de vidro, e de grande concentração de pessoas até altas horas a falar alto, em zonas habitacionais, penso que isso foi sem sombra de dúvida prejudicial, não só para nós mas também para outros comerciantes e empresários e até para a cidade

**A nível autárquico estão a ser tomadas medidas de restrição...essas restrições afectam-vos?**

À partida ainda não sentimos mas vamos sentir porque nós temos alvará de discoteca, temos licença de recinto, porque quando fizemos o licenciamento disto tudo...isto não ia ser um bar, não ia ser uma galeria, não ia ser uma sala de concertos, tinha que ser um pouco de tudo e nós achámos que a melhor maneira para nos acautelarmos para o futuro seria licenciar isto de um modo o mais abrangente possível. Licenciámos isto como discoteca que tem licença de recinto, espectáculos...e depois também temos licença de horário até às seis da manhã. Agora, com estas novas medidas de actuação penso que estaremos obrigados a encerrar às quatro da manhã, e temos aí cafés a fechar às quatro da manhã e para nós é impossível competir, tanto a nível de preços como a nível de oferta cultural. Nós temos que pagar os *dj's*, as bandas, temos que pagar a montagem das exposições, que uma exposição custa dinheiro, pintar paredes, montar... Temos toda uma série de custos que esses cafés não têm, fecham às quatro e abrem às

seis da manhã... sem dúvida que estamos a ser prejudicados nessa parte. Além disso, da parte autárquica e a parte da venda de bebidas, além de ser prejudicial para nós também é prejudicial para a cidade porque temos assistido a este aumento do turismo, da procura da cidade tanto de turismo interno como externo e depois as pessoas se calhar ficam um bocado desiludidas porque aquele *boom* inicial foi uma coisa bonita que aconteceu mas depois começaram a vir essas coisas sem regras e depois além de tudo isto também há arrumadores, há pessoas com problemas mentais aqui na rua a importunar os transeuntes a toda a hora e depois... não há uma polícia aqui na zona, não se vê um polícia, as pessoas não se sentem seguras. Um turista que venha aqui não vê polícia, chega aquela senhora que anda aí a dizer: “dê-me uma sopinha”, a agarrá-lo, é natural que as pessoas se sintam incomodadas ou inseguras porque... se nós fôssemos a Estocolmo e houvesse assim um tolinho a falar sueco aos berros, a agarrar-nos e não víssemos um polícia nós ficávamos com vontade de ir para o hotel outra vez. Ou seja, eu penso que a cidade não está a acautelar, não é só um problema de bebidas, é um problema social e de segurança que as autoridades estão a desleixar completamente e isso é muito grave porque pode passar para o exterior e as pessoas não voltam. Além de ser mau para o comércio interno é mau para a imagem que passa da cidade. A sujidade, os vidros partidos...

**E conflitos, já houve conflitos graves? Tenho informação de que já houve mortes por esfaqueamento com vidros partidos perto da Rua José Falcão... e aqui nesta rua?**

Nesta rua não...foi ali perto da Travessa de Cedofeita...lá está, grandes concentrações de pessoas, não há polícia, álcool, vidro...não sei é como felizmente não existiram mais casos, ainda bem que não, mas não percebo como é que as autoridades não vêem que estão aqui os ingredientes todos para isto correr muito mal... A polícia só passar multas nas operações stop... acho muito bem haver essa prevenção mas não é só fazer quatro operações stop e deixar a cidade sozinha a rolar... Duas operações stop e se calhar dois piquetes aqui nas zonas de maior concentração seria uma coisa mais lógica, não é? Mas é que não se vê um polícia aqui na rua há anos.

**As mais recentes notícias falam da intenção da autarquia de mobilizar o patrulhamento da zona oriental da cidade, nomeadamente Campanhã, para esta zona...não sentem isso, portanto...**

Nunca aconteceu. Nunca aconteceu e inclusive nós e outros empresários chegámos a propor pagarmos o policiamento, termos aqui polícias na rua, e isso nunca aconteceu.

**Não houve resposta a essa proposta?**

Não sei como é que ficou isso. Nós fomos contactados no sentido de saber se estávamos interessados em colaborar, nós dissemos que sim mas depois a pessoa que estava a tratar nunca mais disse nada.

**Existem vantagens na existência de espaços comerciais semelhantes na zona? Quais?**

Sim, existem. Porque acho que quando há uma oferta alargada de serviços similares com características diferentes acabam por se complementar. Acho que sim, que é uma coisa saudável se for...lá está, se for uma loja com uma janela aberta a vender cervejas e que não disponibilize uma casa de banho acho que é mau, agora, se for um estabelecimento que tem uma oferta diferente, uma coisa com

sentido, acho que sim, que é uma coisa importante não haver só um estabelecimento haver uma série deles. Quando se vai a um restaurante gostasse de ter um menu diversificado, não é?

**Existe algum tipo de colaboração/cooperação entre os vários espaços comerciais?**

Sim, pontualmente existem. Agora nem tanto mas...existem, existem alguns eventos... S. João ou concertos de rua...vai havendo, sim.

**Com que espaços?**

Chegámos a colaborar com o “Três C”, com o “Armazém do Chá”, com o “Pitch”, com o “Tendinha”, “Casa do Livro”, “Café au Lait”... “More Club” com quem vamos ter agora uma colaboração, não só com eles mas também com o “Zoom”... Penso que serão estes, sobretudo...sobretudo os primeiros colaborámos mais vezes.

**E em que contextos?**

Festivais, campanhas de solidariedade, organização de concertos, organização de eventos...sobretudo neste âmbito...

**Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Sim.

**Em que é que consiste?**

A nível cultural temos as exposições, temos duas exposições por mês normalmente, ou intervenções na galeria, às vezes são intervenções...como temos ali, aquele graffiti, aquele mural...actualmente estamos a apostar mais no trabalho de ilustração... Temos o mercadinho na rua, duas vezes por mês quando está bom tempo, que é de criadores urbanos. Temos teatro pontualmente. Já trouxemos para aqui o “Indie Lisboa”... *Stand-up comedy*... Fizemos três festivais de rua...neste momento achamos que não faz sentido porque a cidade...lá está na altura em que fizemos esses festivais para acenar às pessoas: “esta zona da cidade é fixe, dá par fazer coisas engraçadas”... e agora, pronto, já não há necessidade de fazer porque as pessoas já descobriram isto, já não é necessário fazer esse festival... Mas sem dúvida que temos bastantes iniciativas culturais e é uma parte importante... Se não fosse isso também acho que não faríamos o “Plano B”... Faz parte daquilo que nós somos.

**A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início da concepção do espaço?**

Sim. Os concertos e os *dj's* se calhar numa percentagem maior mas a galeria numa percentagem também relevante...se calhar 40%... Eu também sou formado em Artes Plásticas, por isso também uma coisa que me interessava...

**E sentem que isso é importante para os vossos clientes?**

Eu espero que sim. Nós fazemos isto com esperança de que as pessoas gostem.

**Mas acham que isso é um motivo extra para as pessoas quererem vir ao “Plano B” e não ficar só a beber copos no “Piolho”, por exemplo?**

Acho que sim. Nós notamos que quando é uma inauguração na galeria temos mais pessoas, por isso posso concluir que haverá interesse.

**Depois do estabelecimento do espaço e depois de algum tempo de actividade sentiram necessidade de aumentar a dinamização cultural?**

Sentimos necessidade sempre de manter mas de aumentar nunca sentimos grande necessidade. Em manter esta linha é que concordamos todos nisso.

**Recapitulando, a vossa dinamização cultural consiste em...**

Concertos, exposições, intervenções artísticas, cedência de espaço para... também fazemos muito isso... cedemos espaço a estudantes de fotografia, por exemplo, ou de cinema ou de teatro ou de música, nós cedemos o espaço a título gratuito para as pessoas fazerem trabalhos para a escola, para a faculdade... Artes cénicas, *stand-up* comedy, *performances*... Também fazemos conferências, palestras, *workshops*, já tivemos aulas de dança mas foi pouco relevante, também tivemos um *workshop* de escrita criativa, mas lá está isso é mais pontual, não é o grosso da nossa dinamização... mas acontece. Os mercadinhos... isso não é bem cultural mas... se calhar até é, uma cultura diferente, uma cultura urbana...

**As vossas iniciativas culturais fazem parte de algum tipo de agenda/programação ou são acontecimentos isolados?**

Temos uma programação... não é tão regular como os concertos ou os *dj's* que exige uma programação diária. A programação cultural não é regular, prende-se com as propostas que temos, com as propostas que queremos fazer, prende-se com a disponibilidade dos artistas d exporem aqui... ou se calhar de ter uma exposição de três semanas e outra de duas e outra ainda tem que se esticar para quatro semanas por exigência de artistas ou exigência de calendário... Não é um calendário rigoroso... mas temos sempre a agenda no *site*, claro.

**Mas existe algum programador responsável?**

Sim, somos nós, somos nós que fazemos esse trabalho.

**E são propostas externas ou vocês também procuram?**

É de parte a parte. Umás nós procuramos, outras recebemos. Umás coisas nós propomos, outras são as pessoas a virem ter connosco... 50%/50%.

**Em que é que a presença destes espaços beneficiou este quarteirão e a própria cidade?**

Contribuímos para a dinamização desta rua que estava um bocado apagada e abandonada... tivemos peso nessa revitalização... trouxemos para aqui bastante gente que não costumava vir para aqui e começaram a apreciar esta parte da cidade e começaram a vir mais vezes.

**E a crescente ocupação da rua com espaços semelhantes ao vosso, talvez por quererem seguir o vosso exemplo, acham que funciona como um ponto a favor?**

Talvez. Abriram alguns espaços que já estavam decididos a vir para aqui independentemente de nós abirmos ou não. O "Armazém do Chá" penso que já ia abrir independente de nós termos aberto ou não. A "Casa do Livro" também... mas em alguns casos houve quem tivesse dúvidas em abrir ou não na

“baixa” e depois de ver isto tenha dito: “afinal vale a pena apostar naquela zona”... foi bom para dissipar algumas dúvidas.

**Para além da ocupação nocturna conseguem constatar algum tipo de vivência diurna desta área da cidade?**

Sim, alguns cafés e algumas mercearias tradicionais, algumas lojas de roupa e *lifestyle*, restaurantes...

**Mas conseguem estabelecer uma relação entre a descoberta desta área da cidade enquanto zona de lazer nocturno e redescoberta da mesma para vivência diurna? Acham que de alguma forma a noite ajudou à redescoberta desta área da cidade?**

Ajudou, ajudou, sem dúvida. O “Café au Lait” também está aberto durante o dia, há esta loja a “Mezzanine”, aquela mercearia das flores... e nos dias em que há eventos nota-se uma afluência muito grande de pessoas a esta zona da cidade... agora, com o turismo, vê-se com mais frequência, no início nesses dias aparecia muita gente aqui que nos outros dias não aparecia...houve uma atracção de novos públicos... A massa de pessoas aumentou muito. A habitar a “baixa”, negócios, *ateliers*...

**Acham que há uma nova vontade de viver na “baixa”?**

Até há dois anos havia, depois começou esta confusão do ruído e também a crise financeira... algumas pessoas tiveram que deixar a “baixa” mas também algumas tiveram que deixar o país...mas isso já são outras questões... Mas acho que aumentou, depois desceu um bocadinho mas manteve-se a subir. No final o gráfico é positivo.

**As rendas subiram? Esse é também um dos motivos?**

Em termos de rendas de estabelecimentos aumentaram bastante mas em termos de rendas habitacionais não creio que tenha aumentado muito. Pelo que vejo de amigos e conhecidos que estão a arrendar casa não houve assim uma especulação...podem ter tentado mas como havia muita oferta, esta zona está tão desabitada, apesar de tudo continua muito desabitada, que acaba por ainda haver muita oferta. Na área habitacional não se notou a especulação na área de comércio aumentaram bastante as rendas e isso notou-se perfeitamente.

**E como é a relação dos moradores, antigos e actuais, com estes espaços?**

É assim, moradores conheço poucos nesta zona... Nós escolhemos este quarteirão precisamente porque tinha poucos. As três ou quatro pessoas que conhecemos acho que têm uma relação pacífica com esta revitalização, não têm nada contra isto.

**E o ruído?**

Nesta zona envolvente que é esta rua de trás (Rua do Conde de Vizela) e esta não há grande concentração de pessoas na rua a falar por isso as pessoas não se queixam muito.

**Acreditam neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?**

Isto tem tudo para durar bastante mas há certas coisas que ultrapassam tanto os proprietários dos prédios, os empresários e as populações. Terá que ser o poder local a decidir o que quer fazer e está nas mãos do poder local saber gerir este *boom* que houve. Acho que os empresários, as pessoas, os proprietários, os habitantes, já não podem fazer mais do que o que fizeram. Agora cabe ao poder local regular as coisas de forma a haver uma convivência pacífica com moradores, empreendedores, diversão, turismo. Mas tem tudo para resultar. As coisas estão um bocado sem controlo e as medidas são um bocado tardias e desajustadas... mas isso é a minha opinião... Não sei se as coisas estarão bem encaminhadas. Mas pronto, também já está a ser feita alguma coisa, é melhor do que deixar isto a andar.

**Mas a sua opinião é, portanto, que este fenómeno de revitalização é da responsabilidade dos empreendedores?**

Na minha opinião a revitalização foi 100% privada. O poder local, passados dois anos ou três, começou a fazer uns concertos na rua para animar mais um pouco, mas já estava lançada a semente. Se não estivesse aqui ninguém na rua eles não iam pôr aqui uma banda a tocar...

**Mas por outro lado também “deixaram” fazer, ou seja, não foram os fomentadores mas apoiaram as vossas ideias...?**

Sim, apoiaram mas não podem ser considerados os criadores desta dinamização. Podem ser considerados como alguém que apoiou mas não foi o responsável. Fomos nós e um conjunto de empresários, e as próprias pessoas que vieram para aqui morar porque gostam da cidade. Se não estivessem aqui essas pessoas que vieram para aqui morar, por muito poucas que sejam ainda, são sempre alguma coisa. O dinheiro é das pessoas, os apartamentos são dos proprietários, os negócios são dos particulares... a Câmara apoiou. Facilitou, se calhar, algumas coisas e ainda bem que o fez, é de louvar e de agradecer, mas para mim foi um fenómeno 100% privado. Como isto começou foi 100% privado. Nos primeiros dois anos foi assim, com a Câmara a apoiar mas pouco. A dar um apoio sobretudo logístico, não financeiro.

**Consegue ver a “baixa” novamente habitada?**

Eu consigo imaginar a “baixa” habitada mas acho que o centro está muito ferido para ver uma mudança dessas a curto prazo. Daqui a 30 anos talvez... porque não há emprego no centro, a única vantagem em morar na cidade é o metro... o IKEA, por exemplo, foi para a periferia, se tivesse ficado no centro comercial da Trindade ia gerar milhares de postos de emprego. Automaticamente as pessoas iam querer ficar aqui na “baixa”. O El Corte Inglés, apesar de ser mais um *shopping*... eles queriam ficar aqui no centro, até se falou em ficar no edifício dos Correios, ao lado da Câmara, e deixaram fugir esse negócio para Vila Nova de Gaia e vê-se o impacto que teve ali, a vida e o comércio que há ali e o que há aqui na baixa. Ou seja, se não houver emprego na “baixa” dificilmente a “baixa” vai ser habitada. E sinceramente não estou a ver o que, a curto prazo, possa ter este impacto como teve o El Corte Inglés. Não estou a ver o que pode provocar essa reabilitação efectiva da “baixa”. Sendo realista, talvez daqui a 30 anos, não sei... se calhar estou enganado. Mas acho que esses dois golpes, sobretudo o do El Corte Inglés, foram decisivos para a contínua desertificação da “baixa”. Apesar de tudo a “baixa” continua a perder habitantes. Diminuiu, talvez, a velocidade a que saem. O El Corte Inglés fazia, se calhar, muito mais

sentido do que o Dolce Vita, que é mais um *shopping* que não serve para nada. Eu acho que as prioridades estão trocadas.

### **E como serão os novos moradores da “baixa”? Talvez possíveis clientes do Plano B...**

Parte deles sim. Acho que serão pessoas de alguma sensibilidade artística, pela História, talvez entre os 25 e os 35 anos, e que procurem algo mais, que sejam informadas, com uma formação acima da média, licenciadas... Lá está, aqui na baixa estão a reabilitar edifícios para venda e as pessoas não compram, arrendam. Porque comprar aqui é muito complicado, estas casas recuperadas têm preços muito altos. A maior parte das pessoas arrenda porque é uma opção mais em conta.

### **E há vantagens em morar na baixa?**

Eu acho que há. Eu moro e trabalho na “baixa” e só por aí não gasto dinheiro em gasóleo, não tenho multas, ando a pé, ganho tempo nas deslocações, almoço em casa, janto em casa... É, sem dúvida, vantajoso. E depois posso ir ao cinema, posso ir ao parque passear com o meu filho, posso ir de bicicleta a qualquer lado... Acho que é vantajoso, sem dúvida. E não é aborrecido. Se uma pessoa está em casa aborrecida, pode sair à rua ou ir ter com os amigos... Essa proximidade, que é uma coisa de aldeia ou de vila, é uma coisa rara e importante. Acho que isso compensa. Mesmo sendo uma renda alta. O que se poupa em horas de deslocações, gasóleo, multas, refeições, acaba por compensar em paz de espírito e em ter algum tempo para nós.

## **1.4. Entrevista – Galerias Paris**

**Nome:** Larissa Kauati (responsável pela programação cultural)

**Espaço comercial:** Galerias Paris

**Morada:** Rua das Galeria de Paris

**Qual a data de abertura do espaço?**

Dia 6 de Julho de 2008.

**Qual o tipo de sociedade comercial?**

Sociedade em nome individual.

**O espaço comercial é único ou o proprietário tem mais espaços semelhantes a este?**

Este foi o espaço que motivou mais... Os outros espaços que existem são espaços diferentes. O dono desta casa tem mais quatro casas no Porto todas com uma particularidade, não é a mesma coisa, mas é tudo na parte da restauração.

**E que casas são essas?**

O “Museu dos Presuntos”, o “Museu da Avó”, “Pimenta Rosa”, “Alfaiate” e “Casa do Ló”. É um empresário ligado à restauração, não é à noite. É o primeiro bar que funciona até de madrugada mas os outros são todos restaurantes.

**Qual o motivo que levou à implantação deste espaço aqui na Rua da Galeria de Paris?**

A abertura foi um convite feito na época pelo Presidente da Câmara do Porto porque houve uma grande repercussão na abertura do “Museu dos Presuntos” na Foz e... foi um convite para que se movimentasse a baixa do Porto porque a “baixa” do Porto naquele tempo estava morta. Então, foi um desafio lançado pelo Presidente da Câmara para que ele movimentasse isso tudo, que foi o que aconteceu.

**Não havia, então, nenhum “apego” ao local?**

Não, não. Foi mesmo visar movimentar esta parte que estava tão abandonada naquele tempo e dar uma “mexida” na cidade, no turismo.

**Quais as vantagens da sediação do negócio aqui?**

Eu acho que é notável, não é? Na “baixa” hoje existem mil pessoas aqui e o turismo cresceu imenso com a abertura das Galerias Paris e acho que para ele foi ótimo, foi uma motivação. Eu acho que foi ele o impulsionador desta onda toda que acontece na “baixa” do Porto.

**E desvantagens, consegue identificar algumas?**

Consgo, consgo. Da nossa parte conseguimos, são as burocracias em termos de licenciamento, que não facilitam a nossa vida e o nosso trabalho. Nós estivemos dois meses fechados supostamente por causa de um licenciamento, quando foi esta casa que teve a iniciativa de fazer desta rua o que é hoje.

**Existem vantagens na existência de espaços comerciais semelhantes nesta rua e neste quarteirão?**

Existe. Eu acho que todos os espaços que abrem nesta rua vêm para acrescentar e para movimentar um bocado mais a cidade, não é? Tudo o que vem de novo é bem-vindo. Não nos atinge porque cada um tem o seu espaço, cada um ganha com isso.

**Existe algum tipo de colaboração/cooperação entre os vários espaços?**

Não, não, infelizmente não. Não que não houvesse iniciativa da nossa parte para mudar isto mas é um bocado difícil...com as outras pessoas, não é? Criar uma ligação para o bem da rua...

**Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Existe. Sim, sim, nós temos a Movenpick que é uma empresa criada através das “Galerias Paris” que desenvolve a cultura do Porto. Nós temos a nossa sala de cima que é usada para diversos tipos de danças, aulas de dança e depois as milongas... Depois temos o artesanato na rua que acontece uma vez por mês... Depois temos a nossa festa da família desta rua que é trazer os pais e as crianças para passarem um dia todo na rua com vários tipos de actividades, então há uma coisa ligada... Temos as bicicletas para o turismo, que é feito o aluguer de bicicletas aqui dentro... Acho que tem muito espaço da parte da cultura...

**A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início ou foi uma necessidade que surgiu?**

Não, foi tido em conta desde o início.

**E sentiram alguma relação oferta cultural/aumento de público?**

Sim, sim. Desde que movimentámos com todos esses tipos de acções as “Galerias” têm crescido mais não só como restaurante como também algo de diferente para a cidade do Porto em termos culturais, portanto... Acho que sim.

**E houve algum momento em que sentiram necessidade de aumentar a dinamização cultural?**

Tem sido constante.

**Em que é que consiste a dinamização cultural do vosso espaço? Falou-me nas danças...concertos?**

Temos.

**Exposições?**

Temos.

**Workshops...**

Temos de tudo um pouco porque nós temos uma sala na parte de cima das “Galerias” que é ligada a esse tipo de coisas culturais nas quais as pessoas não pagam para estarem aqui, usufruem da sala

sem qualquer custo. Há pessoas que não têm oportunidade de se lançarem, nem de uma coisa ou outra...portanto...

**Nenhum tipo de custo? Se, por exemplo, uma companhia de teatro decidir cá fazer um espectáculo não paga aluguer de espaço?**

Não paga nada.

**Suponho que recebam, então, uma taxa por cada bilhete...**

Não, não, a taxa de bilhete fica para eles. A única coisa que nós ganhamos é dar a conhecer à pessoas o nosso espaço e as pessoas que estão na sala de cima, bem ou mal, vêm cá para baixo beber um café, comer um pedaço de bolo e é nisso que a gente ganha. Não há nenhum interesse...

**E essas iniciativas fazem parte de uma programação?**

Sim, sim.

**E existe alguém responsável, algum programador?**

Sou eu.

**Existem propostas externas de companhias/bandas/artistas? Ou são vocês, neste caso a Larissa, que procuram esses artistas?**

Não, não. A maioria dos nossos projectos foram as pessoas que nos procuraram...pela dinamização, por o que nos vêm fazer... Nunca fomos atrás de pessoas para fazer nada, nunca houve isso. Abrimos as portas.

**Acreditam que a vossa presença (assim como a de outros espaços semelhantes) revitalizou esta área da cidade?**

Eu acredito que a nossa presença foi o motivo da revitalização desta cidade. As pessoas que moram aqui lembram do Porto desde 2008 para cá, lembram que esta “movida” toda não existia e nunca existiu. Acho que as outras pessoas, sim, vieram para contribuir para que isto continuasse, mas acho que quem impulsionou foi mesmo este, não há dúvidas.

**Em que é que a presença de outros espaços foi benéfica?**

Beneficiou a movimentação da rua porque as pessoas começam agora a circular mais na rua e começamos a ver mais gente na rua. E acho que é uma cidade bonita, uma rua bonita, como não se via há muito tempo. É algo que só veio beneficiar, não veio prejudicar em nada, absolutamente nada.

**E para além da ocupação nocturna consegue constatar algum tipo de vivência diurna desta área da cidade?**

Conseguimos, conseguimos.

**De relevância?**

Sim, sim, conseguimos. Acho que a parte de dia também é algo que funciona muito bem nas Galerias, primeiro, pelo preço e pela oferta que é dada... Servimos almoços e servimos os nossos

pequenos-almoços a 1,80€, portanto... agora abrimos um *hostel* na Rua das Galerias de Paris, então, é uma coisa que está acabar por levar a outra.

**Onde concretamente é esse *hostel*?**

É mesmo aqui nesta rua em frente ao “É P’ra Poncha”... É o “Nasoni Guest House”. É uma iniciativa para criar todo um meio tanto em hotelaria...é para criar este meio todo...

**Acreditam que esta reocupação nocturna e diurna deste quarteirão pode ajudar à reabilitação da baixa portuense?**

Não, não acho. Acho que as coisas só vão começar a andar quando as pessoas que estão à frente desta cidade permitirem às pessoas trabalhar. E quando isso acontecer, acho que sim, acho que vai haver um reflexo de todo esse trabalho que para já é uma coisa um bocadinho mais complicada. Os horários de fecho e essas coisas todas... É um bocadinho mais complicado a gente seguir com este sonho. Para já não lhe consigo dizer... A nossa perspectiva é que isto não chega longe se continuar desta maneira. Precisa haver uma grande mudança na mentalidade das pessoas para que isso continue a perdurar senão não vai...

**Mas acha que esta é uma zona atractiva para novos habitantes?**

Acho que sim, dependendo da maneira de como se viver cá... é uma zona um bocado agitada...

**Como é a relação com os antigos moradores?**

Pronto, há um bocado de problemas por causa do barulho todo que não vem da nossa parte, também vem da rua...as pessoas estão na rua, é impossível calar todo o mundo... Mas acho que há uma certa ajuda porque em vários bares, com os vizinhos, há um certo patrocínio de vidros duplos e dessas coisas para que se melhore também a vida das pessoas que moram aqui. Portanto, acho que a relação é aceitável...

**Acredita neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?**

É isso que eu estava a dizer-lhe... Se continuar da maneira e com as condições que nos impõem acho que...

**Mas está a falar do quê, concretamente?**

Do que todos os bares sofrem: são as fiscalizações, é a falta de documentos do alvará, da emissão do alvará... Que é isso que dificulta a vida de um empresário da noite, é isso... Temos discotecas a fechar às quatro horas da manhã quando só deviam fechar mais tarde...e pronto, é um bocado limitar as pessoas que querem trabalhar. Eu acho que é a razão principal para que isto não vá durar. Acho que a vontade de querer ser e fazer isto melhor vem de todos os donos dos bares mas tem também que haver uma certa ajuda da outra parte que é o que não está a acontecer para já. As pessoas estão a reclamar muito...

**Sabe o que ocupa os andares superiores?**

A parte de cima pertence a esta pensão aqui do lado, a Pensão Cristal.

**Como caracterizam o consumidor-tipo do vosso estabelecimento?**

É um bocado complicado porque as “Galerias Paris” é mais frequentada por turistas. Os portugueses com esta crise toda, a gente não consegue ver tantos...na parte de restaurante. Na parte de bar acho que sim, é tudo, estudantes, pessoas mais velhas...mas a parte de restaurante é mesmo estrangeiros, são mais estrangeiros...

**Sentiram dificuldade em se instalarem aqui? Como foi uma proposta da Câmara...**

Não foi uma proposta da Câmara, foi mais um desafio...um encontro entre duas pessoas e que...se conseguiu fazer isto aqui na Foz, neste pedaço onde está o “Museu dos Presuntos”, se calhar também poderia fazer uma coisa engraçada na baixa do Porto. Não foi um convite, porque por tudo aquilo pelo que nós passámos, não foi um convite, não é? Porque ao fim ao cabo não nos ajudou em nada. A Câmara que tanto nos pediu para estar aqui, também não foi a pessoa que nos ajudou a levar isto para a frente. Portanto, acho que...sim, nos nossos primeiros anos tivemos muitos problemas, com polícia, com fechos, com... Houve aí uma situação em que se tentou acabar mas não se conseguiu... Polícia, fiscalizações... Agora, com as pessoas acho que não, acho que aderiram muito bem e acho que gostaram.

**Este boom crescente na “movida” nocturna trouxe “maus” frequentadores?**

Sim, acho que como um todo... Há pessoas que não nos interessam e também circulam por aqui. Nós tínhamos um projecto... Há dois anos atrás nós tínhamos a polícia paga na rua, todos os donos dos bares da Rua das Galerias de Paris pagavam uma cota para que a polícia andasse aqui pelo bem da rua. Depois de um tempo isso nos foi tirado pela Câmara porque nos disseram que não podíamos fazer isso e então começámos a ir na onda das pessoas soltas completamente na rua... E é claro que o mau ambiente... Pronto, e agora temos segurança à porta que é o que nós não queríamos, era uma política que nós não queríamos. Queríamos uma casa aberta para todos só que, infelizmente, tivemos que aderir a este tipo de método.

**Ainda acerca do policiamento... Notícias recentes dão conta da intenção da Câmara do Porto de reforçar o policiamento. Sentiram esse reforço?**

Sim, sim... Até porque esta ideia da Câmara, como eu disse, já é uma ideia que já vem de antes que nos foi barrada. Se calhar, para dar a ideia de que esta ideia foi da parte deles. Mas aquilo já acontecia. Foi-nos foi barrada a vontade de fazer isso. Agora também é reflexo, se calhar, daquilo que não nos permitiram fazer.

**Mas sentem esse reforço no policiamento?**

Sim, sim, sim. Sinto mais pela segurança das pessoas que estão na rua do que propriamente aqui dentro. Aqui dentro tenho uma pessoa à porta que me vai controlar a situação.

**Sabe o que ocupava este espaço antes da vossa instalação?**

Era o “Tito Cunha”. Uma loja de tecidos.

**Pelo que vejo decidiram preservar o mobiliário...**

Sim, foram preservadas as montras e o balcão. O dono queria preservar um bocadinho a história desta casa tanto que não se mexeu em quase nada a não ser algumas coisas que foram adaptadas... os frigoríficos no meio dos balcões antigos... Quis preservar a história que vem desde 1836.

## **1.5. Entrevista – Livraria Lello**

**Nome:** Antero Braga (sócio-executivo)

**Espaço comercial:** Livraria Lello

**Morada:** Rua das Carmelitas nº 144

### **Qual a data de abertura do espaço?**

Fizemos a sociedade em 1994 e abrimos em 1995 depois de obras que fizemos aqui. Na altura a livraria estava para encerrar porque era uma livraria sem chama. E hoje somos uma das poucas livrarias independentes de Portugal. Como sabe, as livrarias independentes, em Portugal estão a desaparecer... Aqui no Porto não existem, existe a nossa e existe outra que é a José Alves, e em Lisboa também só existem duas ou três. O que quer dizer que lutar contra o afunilamento cultural como nós temos feito tem sido, de facto, um projecto muito interessante e, ainda por cima, bem conseguido. Eu não concebo cultura com pobreza porque para mim cultura não é pobreza, para mim cultura é riqueza e os povos mais ricos são aqueles cuja cultura é maior e que, se quisermos, têm o maior índice de leitura.

### **Reestruturaram o projecto da antiga livraria...**

Não... A “Livraria Lello” é conhecida como “Livraria Lello” mas, propriamente dito, a “Lello” era mais conhecida como editora. A “Livraria Lello” ao longo de toda a sua actividade, desde 1906, nunca teve um peso específico enquanto livreiro. A “Livraria Lello” também tinha uma livraria mas era mais conhecida enquanto editora. Em 1994 fizemos a sociedade, estivemos onze meses a fazer obras de restauro e em 1995 abrimos ao público. De 1995 para cá a livraria desenvolveu-se de uma forma extraordinária. É considerada um ícone em termos não só nacionais mas a níveis internacionais. É considerada a terceira melhor livraria do mundo e é considerada a primeira mais bonita do mundo de raiz... uma coisa é melhor, outra coisa é bonita... Ganhou o ano passado um certificado de excelência do “Tripadvisor”. Foi considerada também há dois anos o posto de venda mais tradicional e de maior qualidade em Portugal pela Escola de Comércio de Lisboa em conjunto com o Ministério de Economia. Ganhou a Medalha de Ouro daqui da cidade do Porto... portanto, levamos cinco títulos consecutivos e se quisermos falar em termos futebolísticos eu diria na brincadeira que se ganharmos um prémio este ano somos melhor do que o próprio Futebol Clube do Porto que nunca conseguiu ganhar o “bi-tri” ou o “hexa”. Portanto, se conseguirmos ganhar um título, uma menção honrosa, com certeza que estaremos no top do mundo... como já estamos.

### **Como vêm a sucessiva abertura de novos espaços comerciais tendencialmente de lazer, como bares nesta zona?**

Nesta zona... Eu não gostaria de dizer isso mas se for verificar e pesquisar por “Antero Braga” verá que fui um impulsionador para que os bares existissem aqui à volta. Eu queria recordar-lhe que em 1994 quando regresssei cá à cidade o comércio na minha rua, onde eu estou, na Rua das Carmelitas, tinha

um sistema que era 9h-12:30h/14:30h-19h e ao sábado fechava às 13h. Quando eu cá cheguei, em vez de abrir às 9h abria às 10h, estávamos abertos à hora do almoço, portanto, comecei a abrir sozinho à hora do almoço, e a fechar mais tarde, às 19:30h. E ao sábado, durante todo o ano estamos abertos das 10h às 19h. Hoje está tudo aberto. É evidente que isto acabou por contagiar os outros comerciantes aqui da zona e de facto a Rua das Carmelitas é considerada a rua de maior comércio na cidade do Porto e não é por acaso. Relativamente à situação dos próprios bares o que lhe posso dizer é que os primeiros bares foram por influência de pessoas que vieram ter comigo da “Casa do Livro”, que era uma antiga livraria e passou a um bar, e que me perguntaram o que achava... O que eu acho e sempre achei é que quem guarda as cidades não é a polícia são as pessoas. Portanto eu disse para abrirem porque é fundamental que abram. E de facto a noite, hoje, passou-se para aqui para esta área e a partir daí deixou de haver prostituição, deixaram de haver assaltos com havia anteriormente... Portanto, sinto-me feliz e contente de ter humildemente participado nisto. Assim como fico muito satisfeito de ter sido das primeiras pessoas a dizer que a Universidade do Porto, a actual reitoria, devia abrir ao público completamente e deixar de estar com as portas fechadas porque, como sabe, tem um espólio magnífico e que devia ser conhecido. Se reparar toda esta zona está rodeada...tem mais estruturas que dias da semana. O meu sonho seria que um dia a cidade do porto e esta zona, porque tem tudo para o ser, pudesse ser a Picadilly de Portugal. Ou seja, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas aberta, tanto a parte... Se fomos ver as estruturas temos a Torre dos Clérigos, tem a “Livraria Lello”, tem a Reitoria, tem o Jardim da Cordoaria, tem a Cooperativa Árvore, tem o “Café Piolho”, tem o Teatro Carlos Alberto, enfim...a Igreja das Carmelitas, a Igreja do Carmo... Enumerar tudo isto... Agora, há é a necessidade de que haja algum espírito de criatividade de não estar à espera de subsídios...sou uma pessoa que não gosta de subsídios... mas de haver um destino, haver um rumo, para que as coisas se transformem. Acredito que isso venha a acontecer. Muita coisa foi feita, muita coisa espero que venha a ser feita mas estou crente que mais dia, menos dia, comigo ou sem mim, aquilo que também ajudei a iniciar se concretize e que seja bom e não só para a cidade do Porto mas também para os portugueses. Sem nunca esquecer que o Porto terá sempre que ter um olho virado para a Galiza. Eu sou um grande defensor de que não deve haver Porto e Gaia, sou defensor de uma só cidade. Não faz sentido... Em Paris o Sena está no meio e é Paris de um lado e Paris do outro, vai a Londres e tem o Tamisa com Londres de um lado e Londres do outro, vai à Alemanha, a Frankfurt... não faz sentido porque isso tira alguma dinâmica à própria cidade. Estou convencido de que isso mais dia menos dia terá que acontecer e é óbvio que a partir daí o norte poderá ser uma segunda cidade do país com força suficiente para se impor não só em Portugal mas também a nível europeu e mundial. Temos tudo. Se formos ver o que é a Fundação Abel Salazar, quem são os nosso investigadores, o que é a Universidade Católica, o que é a Faculdade de Economia do Porto, se formos ver a melhor escola de arquitectura, enfim, até o melhor clube do mundo temos... tudo isto faz com que... Está cá, a riqueza está cá. Saibamos nós merecer a riqueza que temos e saibamos nós explorá-la da forma mais conveniente para nós portuenses e para nós portugueses porque Portugal bem precisa.

### **O tipo de clientes que atraem são mais turistas?**

Não, com o desenrolar dos anos o que aconteceu foi que face a um trabalho de base que foi feito com jornalistas, com aqueles que nos visitaram, e com o efeito da publicidade que eu nunca fiz, institucional e publicidade paga, o efeito do boca-a-boca, do serem bem atendidos, do facto das pessoas

que trabalham cá saberem de livros... nós não somos livreiros por acaso, somos livreiros e também somos gestores porque eu gosto muito de dizer que sou gestor também. Há uma grande diferença entre livreiro e bibliotecário e editor e tudo isto é uma grande confusão e as pessoas não querem muito chamar as coisas à realidade... Nós de facto temos, face ao nosso trabalho, uma invasão completa mas não é de estrangeiros só. Temos estrangeiros, portugueses, gente de todo o mundo...australianos...dos cinco continentes... Mas isso deve-se ao trabalho que feito por nós. No dia em que esse trabalho deixar de ser feito ou no dia em que não houver esta loucura de querer ser mais e mais e mais... isto, como tudo, é finito. Porque tudo é finito. O que nós podemos dizer é que temos, de facto, muitos estrangeiros. Temos muitos que vêm, olham, visitam e acabam por levar um *gift* e o seu presente, porque obviamente em termos de gestão procuramos desenvolver *merchandising*... se não levarem um livro levam uns postais, se não levarem os postais levam as cartas, se não levarem as cartas levam o azeite da “Lello”, se não levarem o azeite da “Lello” levam os perfumes da “Lello”, se não levarem os perfumes da “Lello” levam os cadernos em cortiça da “Lello”, levam os marcadores, enfim, uma panóplia de produtos que faz com que seja muito difícil que as pessoas saiam daqui sem comprar alguma coisa. Daí que eu tenha que estar atento a este binómio. Por outro, lado ainda faço um papel que a mim me parece que é importantíssimo que é ter, para além de muitas publicações que eles não têm nos países deles, nem encontra cá nas livrarias... até porque livrarias eu conheço muito poucas...conheço postos de venda de livros...como é o caso da Porto Editora, como é o caso da Leya...que são coisas que não têm nada a ver comigo e eu com certeza faria tão bem ou melhor do que eles... De qualquer forma nós procuramos dar a essa clientela aquilo que elas necessitam, aguçar-lhes o apetite para levarem qualquer coisa que é “*made in Portugal*”. Ora este “*made in Portugal*” tem a ver com o quê? Com que fiquem cá divisas para que este país possa ser um pouquinho melhor e em vez de perguntar ao meu país o que é que ele pode fazer por mim eu vou tentando fazer alguma coisa pelos outros. É essa a forma de estar. Todos os dias desconfio de mim mesmo para melhor acertar. Quem não desconfia de que todas as gerações transportam em si novidades, coisas boas e coisas más, vai enganar-se por certo. Todas as gerações não são iguais, têm as suas particularidades e quem andar aqui na transição geracional terá que ter a nobreza e a humildade ao mesmo tempo de perceber o que cada uma é, e, a partir daí, fazer e interpretar o velho papel do livreiro de Monteiro Lobato que diz que “acabe-se o livreiro e acabe-se a cultura”. Aqui em Portugal tenta-se acabar com o livreiro, já restam poucos como sabe...mas há alguns que vão resistindo, pelo menos aqueles que trabalham comigo e que são novos conseguem ter a mesma loucura que eu tenho de ser livreiro e ao mesmo tempo ser economicamente viável que é importante.

**A vinda de empresas de aviação *low cost*, como a Ryanair, a tão falada “movida” nocturna neste quarteirão e a recente renovação da Praça de Lisboa, a seu ver, aumentaram o turismo e a dinâmica ocupacional nesta área da cidade?**

Nós já tínhamos antes. A loja mais visitada da cidade do Porto somos nós. Somos o local mais visitado da cidade do Porto e não fui eu que o disse, são estudos de outros que disseram. Nós somos a loja âncora aqui da própria cidade do Porto e tudo faremos para continuar a ser credores da preferência de quem nos visita. Portanto, não trouxe mais nem menos. Aquilo que fizeram de “movida” é importante, foi importante para a cidade é importante para a rua. A rua e a cidade têm que estar mais guardadas, quem guarda as cidades são as pessoas e não é a polícia. Quanto à Praça de Lisboa, no meu entendimento,

aquilo que ali está é lindo, em termos arquitectónicos é perfeito, não é isso que está em causa, o que eu faria dali era a sala de visita daquilo que o Porto e o norte de Portugal produz. Que tivesse lá os produtos portugueses, que tivesse lá aquilo que os estrangeiros podem levar para os seus países e transportar esta cidade ao colo para que ela seja conhecida nos cinco continentes. O que quero dizer com isto é que o que está ali está bom em termos arquitectónicos, a concepção de *marketing* e a concepção de desenvolvimento daquela área eu nunca a faria assim. Aliás, já tive o cuidado de dizer isso aos próprios promotores do espaço que construíram e investiram lá. Se puser ali a marca Diesel ou outra marca... Não vai para ali nenhuma “Diesel”, é mentira, não é verdade... O que deveria ir para lá são coisas típicas do Porto e do norte de Portugal e que são identificadoras daquilo que nós produzimos, para que possam ser esses os veículos que vão transportar aquilo que é nosso e que os estrangeiros adoram e nós não sabemos muitas vezes explorar. Para nós, portugueses, muitas vezes, o que vem de fora é que é bom. A Fnac é boa... Quando se fala em bom, para mim “*made in Portugal*” é ótimo.

### **Um pouco como a loja da Catarina Portas, “A Vida Portuguesa”, faz...**

A Catarina Portas encontrou um nicho de mercado muito interessante. Conheço a loja dela em Lisboa porque estive no Chiado muitos anos, portanto conheço muito bem a loja do Chiado que foi a primeira loja. Aquilo foi uma experiência muito simpática no sentido de ir buscar os produtos antigos e que obviamente teve sucesso. Aqui no Porto está a ter algum sucesso na minha opinião mas precisava de em vez de estar no primeiro andar estar cá em baixo. Mas isto é a minha opinião, era isso que eu faria. Vai custar mais a implementar-se embora tenha que reconhecer que em termos publicitários eles têm feito um bom trabalho, em termos de dar conhecimento a quem visita o Porto de que existe “A Vida Portuguesa” também na cidade do Porto e não só em Lisboa.

### **Como vê a tentativa, por parte de alguns bares deste quarteirão, de dinamizar a rua também de dia com feiras de artesanato, por exemplo, e outros eventos?**

Acho que são ótimas como experiências. Quando o desemprego em Portugal atinge os níveis que atinge, e mesmo que não atingisse esses níveis, temos que dar aos mais novos e àqueles que criam... Criar é como parir, custa muito. Não é qualquer um que cria... Temos que dar aos mais novos, àqueles que estão a iniciar, que não são conhecidos, a possibilidade de trazer à estampa, se quiser, de trazer aos olhos dos outros o modo de sentir, o modo de criar, aquilo que nos pode vir a apaixonar, coisas diferentes. Isto é que é cultura. A cultura não é uma coisa afunilada que se veja obrigada a ler aquilo que dois grandes grupos económicos queiram que a menina leia. Não pode ser. Que é o que está a acontecer neste momento em Portugal. Isto é o erro dos erros em termos culturais. Em termos de economia tem um nome que eu não vou dizer... Mas isto é muito mau. Pergunto eu o que será feito dos consagrados, porque vão depender desses dois grupos, e que será dos mais novos que queiram publicar? Portanto, eu vejo com muitos bons olhos a criatividade e a existência dessas feiras e a mostra que se pode fazer daquilo que sentem. Eu aqui, por exemplo, não tenho só exposições de pintores conhecidos ou de escultores só conhecidos, tenho de gente que muitas vezes sai dos cursos de Belas Artes, portanto, temos que dar voz aos mais novos. Aliás, são eles que vão fazer o futuro e quanto muito posso deixar cá a minha vontade de os acompanhar. Não quero é perder o comboio da modernidade.

### **Mas acha que este género de actividades e esta “movida”, e a presença da “Lello”, claro, está a fazer com que os jovens queiram fixar-se na baixa?**

Isso vai acontecer como aconteceu em Paris, como aconteceu em Inglaterra, como aconteceu em muitos lados. Todas as zonas periféricas das grandes cidades europeias a partir de determinada altura desenvolveram-se à volta de Paris, à volta de... Depois, com o tempo, tudo foi cabendo... As grandes superfícies eram colocadas às entradas e às saídas das cidades, já reparou nisso? Onde é que estão os grandes supermercados aqui no Porto? Há um em Matosinhos que é uma saída e uma entrada, se for a Gaia está numa saída que também é uma entrada... Vai acontecer aquilo que é normal, as pessoas vão recuar novamente às cidades e vão gostar do ar livre.

### **Mas já consegue sentir essa vontade de retorno à cidade?**

Claro que sim. Das primeiras pessoas a abrir lojas em centros comerciais fui eu. Eu abri no “Brasília” a Bertrand. O melhor dia sabe qual era? Era o domingo mas não compravam nada, iam passear. É a mesma coisa ainda hoje. Ainda hoje qualquer pessoa sabe que o melhor dia num centro comercial é o domingo mas não é o dia que vende mais. Por outro lado, ao fim de “x” tempo aquilo também começa a cansar porque as pessoas começam... Eu acho irrespirável. Não tenho nada contra mas acho irrespirável, cansativo, saio com dores de cabeça. E não é por eu ter uma livraria na rua que digo isto. Há um centro comercial que eu adoro, é em Aveiro, é ao ar livre, mais holandês. Na rua respiro, não me sinto enclausurado, tenho a possibilidade de ver o céu. Se for a Paris há muitos centros comerciais, há muitas grandes superfícies, que hoje são supermercados de automóveis e outros são até supermercados de caixões e artigos funerários. O regresso das pessoas às cidades vai acontecer tanto no Porto como em Lisboa. Agora, que aqui há todo um trabalho a fazer-se para que se possa regressar às cidades, há. E isso passa por preços acessíveis para os jovens, de voltar a conversar, de ver menos televisão e falar mais com os outros... Tudo isso vai acontecer. Na minha geração, a minha geração ia ao café. Eu sou dos anos 60. Ia-se ao café, encontrava-se, falava-se um bocado, discutíamos porque é que o branco era branco, que era uma discussão filosófica interessantíssima... Hoje não se discute. Vão para casa, vêem televisão, aqueles desastres todos, vão para a cama, no dia seguinte levantam-se, as pessoas que não têm emprego e estão desempregadas estão desesperadas, ou então vão trabalhar zangados com a vida e com o mundo. Não pode ser. Nós só vivemos uma vez e temos que ser felizes. Isso só se consegue quando as pessoas falam entre elas. Eu não posso ter conhecimento nem terei nunca sequer nenhum conhecimento aceitável se não trocar opiniões com o meu próximo. Quando falo consigo, ou quando falo com outras gerações, ou quando falo com outras pessoas da minha geração, com outros pontos de vista, com outras nacionalidades, que eu me vou formando em função daquilo que vou ouvindo e que vou digerindo e que vou pensando. Por isso eu costumo dizer que é sempre bom a gente ao deitar, antes de adormecer, em cinco minutos, fechar os olhos e pensar “o que é que foi hoje o meu dia”. Isso vai fazer com que a gente esteja mais atenta aos erros que faz, que fazemos todos os dias. Eu faço quinhentos mil erros diários... E terá que ser assim.

### **E que tipo de habitante seria o ideal para esta zona do Porto?**

Há que dar voz aos mais novos, há que dar força aos mais novos, há que acreditar nas novas gerações, há que acabar com o desemprego dos mais novos. Se fosse governante deste país, todas as

peessoas que tivessem 62 anos se quisessem ir embora... empresas privadas ou públicas... Dêem lugar aos novos. Assim é que é bonito. Quanto muito passem a sua experiência e depois deixem os mais novos criarem porque eles têm muito a dar. Senão é uma infelicidade para quem teve o azar de ser adulto nesta altura. Chegar aos vinte e poucos anos em 2013, ser adulto, é uma infelicidade enorme. Vão emigrar? O que é que vão fazer? Os mais velhos já fizeram, quanto muito podem passar alguma da sua experiência aos mais novos e são os mais novos que vão de facto, se tiverem a nobreza e a humildade de saber ouvir como os mais velhos terão que ter a nobreza e a humildade de saber ouvir, encontrar o caminho que será risonho para toda a humanidade.

### **Que actividades a “Livraria Lello” dinamiza?**

Neste momento estamos em descanso mas normalmente temos sempre uma exposição de pintura... Desde sessões de autógrafos, já se fez cá dança, teatro... nunca houve nenhuma livraria que fizesse... apresentação de fados, passagens de modelos, poesia, muita, sei lá... uma panóplia de coisas... as tunas, até já cantaram tunas cá dentro. Para mim é um pouco isto, a cultura é tudo aquilo que um ser humano faz desde que seja bem feito. A “Livraria Lello” terá sempre uma porta aberta em relação a isso. Quanto mais não seja porque gosto do que faço... ah, e não cobro! Essas actividades são feitas mas não cobro.

### **Mas a procura dessas actividades é feita por si ou são propostas externas?**

São procuradas, outras vezes são propostas... Daqui a pouco tempo vou apresentar aqui um livro de um sem-abrigo que fez um livro de poesia. Vou estar aberto à noite e vão estar aqui a tocar e sem levar rigorosamente nada. E eu que sou o homem dos dois euros...

### **E abrir mais vezes à noite, está em vista?**

A minha ideia quando cá cheguei ao Porto era abrir até à meia-noite só que há um hiato entre as 20h e as 24h que é quando começa a “movida”. No meu tempo a noite começava às onze horas, dez horas, agora, como sabe, a vossa geração começa a noite à uma hora, meia-noite, por aí. E o que é que acontece? Acontece que a restauração fecha às dez horas. Tirando o “Café Piolho”, fechou. Portanto, nós temos que arranjar formas de que enquanto as pessoas estiverem dentro da cidade não as deixar ir para casa porque se as deixar ir para a periferia, para casa, que é onde moram, o que acontece é que elas não voltam. O que temos que arranjar aqui é, se calhar, um concerto, ou haver uma situação qualquer cultural que faça com que as pessoas fiquem e que faça com que a restauração se prolongue por mais tempo. Porque senão, das oito à meia-noite tenho aqui um hiato. Só se abrir à meia-noite mas não pode ser. Tem que ser como Picadilly, está tudo aberto. É isto que se tem que fazer. Eu penso que mais ano menos ano isso vai acontecer se tudo decorrer normalmente e se o próximo presidente da Câmara tiver isso como desígnio. Tem que ser uma pessoa que ouse. É preciso ousar, os portugueses precisam de saber ousar como souberam ousar no tempo dos Descobrimentos. Ousar com cabeça, com bom senso mas saber ousar também é importante.

### **Existe cooperação entre a “Livraria Lello” e outros espaços?**

Todos os espaços. Ninguém poderá dizer que não há cooperação. Se reparar por exemplo em todos os produtos que eu faço de *merchandising*... Olhe, a Ach Brito e a Confiança voltaram a ser faladas

porque culpa de quem? Até um sabonete fiz com a Ach Brito e com a Confiança com o nosso logo. Sabe que tenho azeite com o logo da “Lello”? A cortiça... A minha cooperação é total.

**Mas com os espaços comerciais circundantes?**

Sim, sim. Com todos. Sempre que me abordam eu nunca...

**Pode enumerar exemplos de tipos de cooperação?**

Sei lá, desde a Igreja dos Clérigos pôr aqui os bilhetes e depois passa ali e tem 50%... Como deixarem aqui uns *flyers* para ir ali a um restaurante comer não sei o quê... Todo o tipo de cooperação a este nível que sirva para poder fixar aqueles que nos visitam aqui, obviamente que é minha obrigação enquanto loja.

## **1.6. Entrevista – La Bohème**

**Nome:** Eduardo Conceição

**Espaço comercial:** La Bohème

**Morada:** Rua da Galeria de Paris nº 40

**Qual a data de abertura do espaço?**

O “La Bohème” está cá há cinco anos. Como “La Bohème”... antigamente tinha outro nome.

**Mas pertencia ao mesmo proprietário?**

Não, não era do mesmo proprietário, era de outra pessoa.

**E qual é o tipo de actividade?**

Sempre foi ligado a hotelaria.

**Este espaço acolhe algum tipo de actividades culturais?**

Isto é serviço de bar mas eventualmente... Já vieram cá fazer a apresentação de um livro. Se aparecerem esse tipo de situações nós recebemos de bom grado mas não é algo que estejamos a desenvolver.

**Sabe o que ocupa os andares superiores?**

Tem um alfaiate e tem um advogado, respectivamente no primeiro e segundo andar.

**Quando se instalaram cá não havia tantos bares...**

Não, só existia o “Café Portinho” e o “Café au Lait” tinha aberto há pouquíssimo tempo... e a “Itaipú”. Depois é que acho que veio o “Galerias”... porque até me lembro do “Café au Lait” que não trabalhava grande coisa antigamente e nessa altura ele ainda estava com mais medo quando nós viemos abrir aqui e até foi a partir daí que se começou até a desenvolver mais a rua.

**E como encararam a abertura dos novos espaços?**

Alguns deles melhoraram outros pioraram.

**Pode especificar?**

Porque aqueles bares que abriram e que cumprem com as legislações que a Câmara impõe, tudo bem, depois há outros que quebram as regras e depois pagamos todos por causa de alguns que não cumprem essas regras.

**Como encaram o recente fecho de lojas de conveniência aqui perto que praticavam a venda de bebidas em vasilhame de vidro de forma indiscriminada?**

Consideramos positivo fechar essas lojas que vendiam bebidas indiferenciadamente a quem tem idade ou não e que vendiam o vidro para a rua. Isso, nós estamos de acordo. Aliás desse ponto de vista sempre estivemos de acordo com as medidas que a Câmara quis introduzir, que foi a proibição de vender essas garrafas para a rua. Tanto que inicialmente o “La Bohème” tinha uma janela que vendia para a rua e depois quando a Câmara entendeu que não era permitido fazer isso e que não era aconselhável, nós, automaticamente, fechámos a casa e a porta para fora e remodelámos o espaço todo e deixámos de vender para a rua. Porque achamos que realmente quer para o turismo quer para o cliente em geral que anda aí na rua é mais seguro não se deixar vender as bebidas de vidro para a rua.

#### **A nível de policiamento...**

Isso é raro ver-se. Os únicos polícias que se vêm aí é para multar os estabelecimentos mais nada. Podem roubar aí as pessoas que roubarem, podem andar aí a assaltar, a matar, violência, porque isso a polícia não aparece. Quando aparece é para multar os estabelecimentos.

#### **E desacatos, violência...?**

Não tem havido muito. Não tem porque, pronto, no fundo aqui também o elevado número de pessoas que se junta aqui na rua faz com funcione um bocado como segurança. Alguém se sente intimidado se se vir metido no meio de uma multidão. Mas só por isso. Por mera sorte ou se calhar um pouco por causa disso. De resto, em questões de policiamento não se vê ninguém.

#### **Como encaram a recente “abertura” da nova praça de Lisboa?**

A nós, sinceramente, acho que não afectou aqui a rua. Nem acho que veio beneficiar nem prejudicar, honestamente. Manteve-se tudo igual. Pelo menos aqui para nós manteve-se. Não foi um ponto que chama-se mais pessoas aqui à rua mas também não foi um ponto que fizesse sair daqui as pessoas portanto as coisas, aparentemente mantiveram-se normais.

#### **Consegue caracterizar o tipo de cliente que procura o vosso espaço?**

Aqui será sempre numa faixa etária maioritariamente dos 25 aos 35 anos. Essa é a faixa etária que frequenta aqui o nosso estabelecimento. Há muitos com profissões liberais, empregados do Estado, estudantes...

#### **E moradores?**

Alguns sim mas, se calhar, a maior parte não. É o pessoal que vive mais afastado que vem aqui. Embora haja aí pessoas que vivem relativamente perto daqui...Fernão Magalhães, Bonfim, por aí... Como sou dessa zona, aqueles que moram ali eu identifico. Basicamente é esse tipo de clientela que temos. Essencialmente entre os 25 e os 35, dentro dessa faixa etária.

#### **Actividades na rua como as feiras de artesanato ou alguns festivais como o “Optimus D’bandada” funcionam a favor?**

Não. O nosso cliente é um cliente já habitual e é aquele tipo de cliente que acaba por vir aqui para a Rua das Galerias de Paris independentemente de haver um evento ou não. Sinceramente não noto...não sentimos que isso venha melhorar ou prejudicar.

**O consumo é maioritariamente nocturno?**

Sim.

**E os dias de maior actividade?**

Fins-de-semana.

## **1.7. Entrevista – Miew**

**Nome:** André Santos

**Espaço comercial:** Miew

**Morada:** Rua das Galeria de Paris, nº 73, 2º andar

**Qual a data de abertura do espaço?**

1 de Abril de 2013.

**Qual o tipo de sociedade comercial?**

Sociedade por quotas.

**Quantos sócios compõem a sociedade comercial?**

Seis sócios.

**O espaço comercial é único ou trata-se de um *franchising*?**

É único.

**Qual é o tipo de negócio?**

*Media and technology.*

**Qual o motivo que levou à implantação do negócio na Rua da Galeria de Paris?**

Foi a envolvimento deste espaço da cidade que nos trouxe para cá, devido ao maior volume de empresas e de espaços criativos que esta zona do centro tem absorvido fez com que nós viéssemos para cá também para absorver essas sinergias que nestas zonas se sentem...que noutros espaços onde nós já estivemos nós não sentimos isso.

**Qual foi a vossa anterior localização?**

Estivemos em Laça da Palmeira.

**Quais as vantagens da sediação do negócio nesta zona da cidade?**

As vantagens são o contacto com os espaços envolventes. Temos cada vez mais espaços com *design* moderno, com produtos cada vez mais renovados, produtos antigos mas que são renovados para a modernidade e para o uso dos novos consumidores que têm outro tipo de cultura, uma cultura mais abrangente, mais europeia, que têm um conhecimento maior sobre o que se faz lá fora...então...existe um público cada vez maior para esse tipo de produtos... E estar neste espaço, nesta zona, em que se comercializam esses produtos, onde se começa a dar valor, cada vez mais, a produtos nacionais que são renovados...estar nesta zona é uma mais-valia porque sente-se...as pessoas na rua sente-se que usam esses utensílios e que os mostram como sendo deles... e isso dá sinergias até para o nosso próprio

trabalho: como é que nós podemos beber dessa influência e traduzir no nosso trabalho e ao mesmo tempo também oferecer produtos a esse público. Foi por isso que viemos para cá.

### **E quais as desvantagens?**

Uma vantagem que todos nós sentimos foram os transportes, podemos usar transportes públicos, meios de transporte mais económicos e mais ecológicos, que nós tentamos também agora usar e que antes não dava por causa das distâncias. Desvantagens... estacionamento, até porque quando recebemos clientes é um bocadinho mais complicado os clientes estacionarem, e isso pode ser uma pequena desvantagem. Os espaços às vezes são um bocadinho mais “rijos”, em termos de ampliação, se tu quiseres criares um espaço novo, imagina que queres fazer um estúdio, ou queres criar um novo adereço ou fazer alguma obra dentro do próprio edifício, isso é complicado fazer aqui nesta zona. De resto, assim desvantagens... É tudo muito mais vantagens do que desvantagens.

### **Existem vantagens na existência de espaços comerciais semelhantes ou mesmo totalmente diferentes do vosso na zona?**

Nós vemos vantagens em existir também espaços semelhantes ao nosso.

### **Têm conhecimento de algum?**

Sim, existe aqui um, pelo menos tenho conhecimento aqui de um espaço semelhante ao nosso, também desenvolvem *software*, estão ligados também ao audiovisual e à imagem... existe... Isso é uma mais-valia, sem dúvida, até porque podemos partilhar experiências e criar parcerias, trabalhar e há coisas que também já se começam a fazer que é... imagina que tens dois clientes de uma área até semelhante, e um pode trabalhar com um e o outro trabalhar com o outro, e tu podes juntar os dois clientes e que eles trabalhem para um produto, ou pensar numa estratégia de mercado para uma certa zona, e isso é uma mais-valia... não estar sozinho... a falta de concorrência não é boa, não é produtiva. E é bom existirem espaços semelhantes para desenvolver o próprio mercado, haver concorrência e haver mais oferta também.

### **E existe colaboração/cooperação entre esses vários espaços comerciais?**

Como estamos aqui há um mês ainda não temos nenhum contacto mais próximo ou alguma coisa efectiva, pelo menos aqui nesta zona. Mas um dos nossos objectivos é criar mesmo essas parcerias, mesmo com espaços diferentes, tentar criar exposições ou projecções de vídeo em alguns espaços, virar também a nossa empresa para a rua. Não ser só dentro do escritório mas virar a nossa empresa para a rua.

### **Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Lá está, como só estamos cá há um mês ainda não temos esse espaço mas, por exemplo, queremos abrir o nosso espaço a concertos da “Optimus Debandada”... queremos abrir o nosso escritório para que haja concertos no nosso escritório durante esse festival que a Optimus faz, por exemplo. Queremos também, pelo menos de dois em dois meses, criar uma exposição dos nossos próprios trabalhos e de pessoas que queiram pôr ou fotografia ou desenho... queremos também abrir o nosso espaço para, pelo menos de dois em dois meses, ir remodelando essa exposição e poder expor lá esses trabalhos. Queremos abrir o nosso escritório, também, não só como local de trabalho mas também como local mais

aberto a pessoas que queiram visitar o nosso espaço e visitar trabalhos de quem queira lá colocar trabalhos próprios.

**E já existem contactos nesse sentido, nomeadamente com a Optimus?**

Sim, esse já existe.

**Essa dinamização cultural é algo tido desde o início da formação da empresa?**

Não, é mais desde que nós viemos para este espaço. Desde que nós criámos a empresa nunca...nos espaços onde nós tínhamos estado não sentíamos essa energia à nossa volta. Em Leça da Palmeira era um espaço muito habitacional, muito comercial...mas mais roupas ou um barzito ou outro...mas não havia uma sinergia que existe aqui no centro da cidade do Porto. A ideia da Optimus e dos concertos da “D’bandada”, só tivemos essa ideia de abrir o nosso espaço para a cultura desde que nós viemos aqui para este sítio.

**Essa proposta em concreto partiu de vocês, correcto? Mas já existem propostas externas?**

Ainda não aconteceu.

**Acreditam que a vossa presença (assim como a de outros espaços semelhantes) ajuda na revitalização da cidade?**

Sem dúvida. Só habitando os espaços e movimentando-nos pelos espaços é que os espaços ficam valorizados. Porque se ninguém passar por lá os espaços vão desvalorizar, vão decair, e não há essa necessidade de renovar, de reabilitar. Por isso, a movimentação e a presença é que faz a necessidade de reabilitar...por isso, acredito que quanto mais se vier para o centro da cidade, mais vida tiver, mais se vai reabilitar a cidade.

**Acredita, então, que estes espaços beneficiaram este quarteirão...**

Sem dúvida alguma.

**Para além da ocupação nocturna consegue constatar algum tipo de vivência diurna nesta área da cidade?**

Sim, consigo, porque há exemplos muito próximos do escritório que são a “Livraria Lello”, o bar das “Galerias Paris”, que é um autêntico museu lá dentro, pequenos nichos onde se fazem doces conventuais, ou confeitarias de especialidade...nota-se que os turistas procuram isso, durante quase todo o anos nota-se que eles passam por aqui e andam aqui pelo quarteirão porque tem realmente espaços abertos que os chamam. Uma loja que é “A Vida Portuguesa”, penso que é assim que se chama, nota-se que é um espaço também muito aberto ao turista, o turista vai e visita, não sei se compra ou não mas nota-se que procuram estes espaços e visitam esses espaços. Nota-se uma utilização turística desta zona.

**E acredita que esta reocupação tendencialmente nocturna e também um pouco diurna deste quarteirão pode ajudar à reabilitação da baixa portuense?**

A reabilitação eu acho um bocadinho mais complicada, pelo menos nesta zona onde se concentra mais a “movida”, as festas e os bares, acho um bocadinho mais complicado porque o ruído provavelmente é uma das coisas que mais afasta as pessoas. Em termos de limpeza das ruas eu acho que, em comparação

com Lisboa, estamos muito melhor porque de manhã cedo, mal o dia está a nascer, as ruas estão limpas. Não se vê lixo no chão, não há copos, não há garrafas, não há nada disso. A limpeza é feita muito a horas, ou seja, as pessoas quando abrem os seus espaços está tudo limpo...em Lisboa não acontece muito isso... Nesse aspecto acho isso está bem montado... Em termos de habitação na zona de mais “movida”, acho que vai ser mais complicado mas acho que existem zonas próximas que acredito que se comecem a procurar para reabitar porque não há tanto ruído, porque já está um bocadinho mais afastado...estou a falar dos Aliados, por exemplo, já está um bocadinho mais afastado da zona de bares... Acredito que essa zona venha a ter mais procura.

### **Conhece alguém que more ou queira morar aqui perto? Nos Aliados, por exemplo...**

Não conheço, talvez porque os edifícios ainda não estejam reabilitados. Mas eu acho que se reabilitar os edifícios e os preços forem competitivos, ou se forem apelativos, eu acredito que haja pessoas que queiram vir morar para cá. Acho que há uma mudança do estilo de vida na sociedade, principalmente nas gerações mais novas, que gostam de estar no centro, que gostam de utilizar os transportes públicos, transportes alternativos, que querem mudar isso, apesar de a nossa sociedade não apelar à bicicleta ou a esse tipo de transportes mais “complicados”...porque a nossa sociedade é complicada para andar assim... Mas nota-se que existe uma procura das gerações mais novas para habitar estes espaços. Porque, realmente, existem sinergias que outros espaços não têm, e outras valências de mercado, de espaços, de vivências, que outras zonas mais periféricas não têm. E estes espaços, o centro da cidade tem isso e acredito que vai haver uma procura destes espaços.

### **O ideal seria, então, uma camada mais jovem?**

Sem dúvida.

### **Qual seria então o habitante-tipo ideal para esta zona da cidade?**

Falar em habitante ideal é um bocadinho complicado...isso pode remeter a classes sociais ou a tipos de emprego, tipos de ocupação laboral. Eu acho que a geração até meados de trinta anos acho que será a população que vai querer vir para esta zona. Existem arquitectos, existem designers, que já pensam nesta zona, que já pensam na reabilitação para estas zonas... Eu acredito que são eles, talvez os primeiros a virem para cá morar e a trazerem mais pessoas. Mas será sempre, talvez, a ocupação laboral mais ligada às artes ou ligada ao desenvolvimento mais artístico que procurará esta zona.

### **E acha que o facto de serem pessoas ligadas à área das artes e da criatividade trará benefícios?**

Sem dúvida. É isso que dá vida á cidade. Basta ver um evento recente, a inauguração do edifício Axa...os Aliados tiveram uma vida incrível com um concerto na varanda de um edifício, ou seja, as artes puxaram as pessoas para aquela zona. Se não houvesse nada artístico ali as pessoas não iam para lá...ou seja, havendo actividade cultural, actividade artística, exposições, pintura, fotografia, cinema, música, isso é que faz puxar as pessoas para essas zonas. E os turistas gostam disto, gostam de ver essa vida na cidade, não é uma cidade que está parada e que só tem os edifícios iluminados até à meia-noite, ou onze da noite, e depois apagam-se... A cidade não é só isso, a cidade é muito mais do que isso, é vida, é arte, é música, é luz e cor, e é isso que acredito que vai trazer novos habitantes ao centro da cidade.

**Tem conhecimento de como é a relação dos antigos moradores com os espaços aqui sediados?**

Não tenho muito conhecimento sobre isso. Tenho conhecimento de algumas notícias públicas...às vezes há queixas...estou a lembrar-me do caso de um jovem que andava na universidade e não conseguia estudar, na altura de exames, por exemplo, era complicado para ele estudar porque não conseguia descansar nem conseguia estudar... Agora conhecimento prático e mais próximo não tenho conhecimento de como é a relação.

**Acredita neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?**

As coisas são muito vulneráveis porque a especulação imobiliária suga muito dos espaços, ou seja, vai tentando investir numa zona e quando essa zona esgotar o seu valor eles vão procurar outra zona para voltar a sugar dinheiro dessa parte... Agora, eu acho que os espaços que se estão a criar neste quarteirão são espaços mais fundados, pensados, e muito mais estruturados do que esse interesse imobiliário mais vulnerável. Por isso, eu acredito que não será muito efémero, acredito que será mais consolidado. Eu acho que vai sair forte, acho que está cada vez mais forte este quarteirão...o que cá está eu acredito que está aqui para durar.

**Tem conhecimento do que ocupa os espaços superiores ao vosso andar?**

Sim, existe um gabinete de arquitectura e existem dois apartamentos habitacionais e lá estão a morar estudantes de *Erasmus*.

**Quem, normalmente procura os vossos serviços?**

A nossa empresa não é uma empresa que esteja aberta ao consumo massivo, não é? Nós, ao virmos para aqui, tentamos que o nosso cliente seja um cliente “mais artístico”, que não seja o tipo de cliente, que neste momento ainda temos, um cliente muito industrial, muito virado para a indústria, virado para um comércio mais retalhista... Nós ao vir para aqui queremos fazer, cada vez mais, produtos artísticos, por isso, nós esperamos ter clientes e ter contratos mais ligados às artes. Essa é, também... Uma das nossas vontades de vir para este sítio é querer tornar a nossa empresa...produzir mais para o mundo das artes e não tanto para o mundo da indústria e do comércio e do mercado, dito mais “normal”...

**Mais institucional?**

Exactamente.

**Mas esse tipo de cliente não pode trazer benefício até para a própria zona, uma vez que, em vez de se deslocar a Leça da Palmeira, está a vir para o centro do Porto, conhecer o centro do Porto?**

Nós queremos acreditar que ao trazer as pessoas para o Porto, para o centro do Porto, é bom para elas, para nós e para a cidade. Mas como disse, uma das maiores desvantagens é o estacionamento. É muito caro estacionar no centro do Porto, muito caro. Essa poderá ser a maior desvantagem e pode ser um handicap para eles não quererem muito cá vir. De resto, acho que a cidade é uma cidade bonita e qualquer pessoa quando vem ao centro do Porto... é bom que venha cá e que esteja cá. Nós queremos, também, trazê-los para cá. Mas como digo, a única desvantagem é o estacionamento.

**Sentiram dificuldade em se instalarem aqui?**

Não, não sentimos dificuldade. As rendas neste momento estão competitivas, estão a preços bastante aceitáveis. Penso que já estiveram a preços muito mais altos mas agora os espaços acho que estão mais acessíveis. Não sei se é devido à crise ou se realmente se pensou que reutilizar-se os espaços é melhor do que ter os espaços vazios... Mas não sentimos dificuldade em vir para cá.

**Consegue apontar algum papel contributivo por parte da Câmara Municipal do Porto?**

É um bocadinho difícil responder a isso. Visivelmente, o que posso dizer é que existe patrulhamento, nota-se que existe segurança nesta zona, mesmo à noite, e isso é um investimento da Câmara, obviamente... A limpeza, também, obviamente que é um investimento da Câmara... Agora, mais do que isso, em termos de incentivos monetários ou não monetários, ou benefícios fiscais ou de impostos ligados à Câmara, para vir para aqui, não sinto que isso aconteça. Em termos de segurança e limpeza e acompanhamento dos espaços sinto que há um certo cuidado da Câmara para como estes espaços.

**O que ocupava o vosso andar antes de virem para cá?**

Era o armazém de uma galeria. Estavam quadros... era um armazém onde estavam quadros, tecidos...uma galeria de arte e ao mesmo tempo um local onde guardavam tecidos.

## **1.8. Entrevista – Casa do Livro**

**Nome:** Pedro Trindade e José Pedro Maia (sócios)

**Espaço comercial:** Casa do Livro

**Morada:** Rua das Galerias de Paris nº 85

**Qual a data de abertura do espaço?**

28 de Julho de 2007.

**Qual o tipo de sociedade comercial?**

Sociedade por quotas.

**Quantos sócios compõem a sociedade comercial?**

Três.

**O espaço comercial é único ou trata-se de um *franchising*?**

Não, é único.

**Qual é o tipo de negócio?**

Restauração e bebidas.

**Qual o motivo que levou à implantação do negócio na Rua da Galeria de Paris?**

Falta de concorrência e somos daqui, nascidos aqui perto. Conhecemo-nos de trabalhar na noite e achámos que era altura de montar um bar. Aqui porque era uma zona no centro do Porto, com algum carisma, com fachadas a condizer com o tipo de ideia e conceito que nós tínhamos... podia ter sido na rua de baixo mas teria sempre que ser aqui nesta parte central.

**Disseram que são desta zona. Moram aqui?**

Agora vivo aqui eu [José Pedro Maia] por facilidade em estar perto do negócio. Mas somos daqui, fomos criados aqui e o centro do Porto diz-nos bastante.

**Quais as vantagens da sediação do negócio naquele quarteirão?**

A vantagem era ser o centro da cidade. Nós tínhamos o exemplo dos centros das cidades europeias em que os turistas procuram os centros e nós não queríamos fazer um bar só para os amigos, nós queríamos abranger também o turismo e que o conceito fosse levado lá para fora. Para trabalhar turismo tem que ser no centro da cidade, apesar de na altura não estar muito desenvolvido aqui nós acreditávamos que isso fosse acontecer. Não íamos para a zona industrial porque não queríamos nenhum armazém, queríamos uma loja pequena mas também não queríamos ir para nenhuma zona residencial, queríamos abrir um bar e não queríamos fazer barulho para os vizinhos. Hoje em dia é que há muitas vantagens para abrir aqui, muitas mais do que havia quando abrimos. Era mais uma aposta de negócio. Em termos de vantagens fiscais, ou vantagens de licenciamento, por estarmos numa zona histórica e estarmos a desenvolver uma zona que estava parada, isso não houve. Aliás, há sempre mais entraves quando se monta uma coisa numa zona histórica.

**A existência de espaços semelhantes na zona é uma vantagem?**

Na altura não havia nenhum, fomos os primeiros a abrir aqui por isso não havia vantagem nenhuma. Nós quando abrimos aqui não queríamos ser os únicos e acreditávamos que mais cedo ou mais tarde vinham mais bares para aqui e acreditamos que neste tipo de negócios as pessoas não saem propositadamente para vir ao nosso bar. Acreditamos que as pessoas vêm propositadamente para uma zona e que depois escolham o sítio com que mais se identificam. Claro que depois uma pessoa vai fidelizando clientes conforme o conceito.

### **E desvantagens?**

A concorrência desleal só, mais nada, de resto acho que só temos vantagens. As vendas ambulantes, espaços que não estão licenciados, preços abaixo do que deviam ser praticados. Sabendo nós o que facturamos com os clientes que temos não percebemos como outros com mais investimento, não tendo ninguém, como é que conseguem sobreviver. Portanto, há aqui qualquer coisa que... Neste momento a desvantagem, que não é uma desvantagem, são coisas que estão a acontecer mal e que não estão controladas. Para além do que se falou é a desorganização nas ruas, a parte do estacionamento, a parte da segurança, as garrafas na rua que, quando há uma zona com muito movimento e onde circulam muitas pessoas, há sempre quem se tenta aproveitar com algum tipo de negócio. Venda ambulante de todo o tipo de coisas, senhoras a passear com carrinhos de mão de supermercado cheios de cerveja... Isso acaba não só por nos tirar vendas como desagrada ao tipo de cliente que nos procura e vê esta desorganização: o lixo, estas confusões, pancadarias quando as há. Isso são coisas que nos vão obrigar a continuar a chatear para que as coisas um dia corram melhor, para que haja um controlo maior por parte da Câmara, por parte das forças de autoridade, que percebam que isto é uma zona de movimento, que é uma zona interessante para a cidade, traz dinheiro à cidade, que os turistas gostam mas que se forem assaltados ali na esquina não vão dizer bem disto lá fora. Se uma senhora que está de sandálias espetar um vidro partido no pé não vai dizer que isto é muito bonito e muito limpinho por isso... São coisas que se têm que controlar ao longo do tempo.

### **Existe colaboração/cooperação entre os vários espaços comerciais?**

Não, acho que não. Como instituição não, como amizade sim porque há pessoas que são amigos nossos que trabalharam connosco e têm aí bares e há essa amizade, mas cooperação não. Há instituições que procuram juntar os bares para participarem em determinadas acções e nós por norma entramos. Estou a lembrar-me da ViniPortugal ou quando há a “Essência do Vinho”, que tentam que nessa altura que toda a gente participe numas acções de vinho a copo. Nesse tipo de acções uma pessoa tenta participar mas não há assim nenhuma estratégia montada entre os bares.

### **Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Sim. Lançamento de CD's, de livros, apresentações de bandas, concertos, festas temáticas. Mais virado para a música porque é um bar mas temos lançamentos de livros... E já tivemos aqui debates sobre o Porto, tertúlias sobre temas da sociedade em geral, homofobia, coisas desse género. Fomos procurados por pessoas e instituições e colaborámos com eles com o espaço para fazer esses debates. Já fizemos a gravação de um CD aqui dentro, utilizou-se a casa como estúdio de gravação para um cd de uma banda de blues... Já fizemos a gravação de um *videoclip*... A maior parte está realmente mais ligada à música. Concertos não só com bandas de cá e novas que se querem lançar e uma pessoa acaba por ajudar a lançar, como bandas consagradas que gostam do espaço e que estão habituadas a tocar em espaços maiores e que

de vez em quando gostam de actuar num espaço mais intimista e proporcionar um ambiente diferente para um grupo de fãs, como a apresentação do cd da Mafalda Veiga no Porto para o grupo de fãs que ela quis fazer aqui.

**A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início da concepção do espaço? Porquê?**

Faz parte do conceito desde o início.

**Depois do estabelecimento do espaço e depois de algum tempo de actividade sentiram necessidade de aumentar a dinamização cultural? Sentiram uma relação oferta cultural/atracção de público?**

Nós aqui não fazemos as coisas para atrair público. Fazemos as coisas porque o público vem sempre. Por exemplo os concertos: nós não divulgamos os concertos porque sabemos que as pessoas vêm tomar café e assistem a um concerto. Portanto, é mais proporcionar às pessoas que vêm do que fazer um trabalho exterior.

**Mas as pessoas que vêm cá fazem-no porque sabem que a “Casa do Livro” tem uma oferta diferente ou...?**

Sim. Isso faz parte da estratégia desde o início. A nível de estratégia de comunicação foi mais fazer as coisas ao contrário, era fazer as coisas acontecer e as coisas serem faladas depois de terem acontecido e as pessoas ficarem com curiosidade...sabendo que é um pouco incerto, ou seja, têm que vir para ver o que vai acontecendo. Claro que quando há coisas direccionadas para um determinado público, se é um debate ou uma tertúlia, quem organiza traz o seu público. Não fazemos é aquela comunicação massiva de cartazes e *flyers*. Não é a forma que queremos para publicitar e comunicar.

**As vossas iniciativas culturais fazem parte de algum tipo de agenda/programação?**

Não.

**São propostas exteriores ou é uma procura vossa?**

São propostas exteriores normalmente. Os nossos concertos não, organizamos nós. Mas depois fomos procurados por muita gente para fazer... Temos promotores artisticos até de artistas estrangeiros que quando eles cá vêm para apresentar álbuns procuram-nos para fazer uma coisa mais intimista aqui. Se tivermos contactos de uma editora, por exemplo, como já aconteceu, é claro que nos lembramos de dizer que quando tiverem apresentações no Porto para virem para aqui. É claro que há épocas em que se acharmos que era bom ter mais uns concertos procuramos nós os concertos, ou teatro ou performance. Agora, nunca tivemos uma agenda cultural.

**Mas os concertos são uma actividade regular?**

Sim, sim. Temos uns regulares e outros que vão acontecendo. À terça temos sempre mas vão acontecendo algumas coisas que uma pessoa aproveita e se fazem.

**Acreditam que a vossa presença (assim como a de outros espaços semelhantes) revitalizou esta área da cidade?**

De certeza absoluta.

**Porquê?**

Trouxe gente à cidade. Eu não sei dados concretos mas já ouvi falar qualquer coisa e acredito nisso. Acredito que a própria habitação acabou por subir aqui nesta zona...claro que não é procurada por casais com filhos e carrinhos de bebé mas se calhar uma habitação jovem, de estudantes, pessoas que vivem sozinhas. E isso nós vemos por aquilo que se passa aqui. Nós passamos os dias aqui e notamos

mais pessoas a viver aqui e nota-se clientes que andam aqui no dia-a-dia, que trabalham aqui, vivem aqui e acabam por frequentar os espaços. Em termos de restauração isto aqui tornou-se o foco de tudo. As pessoas sabem que se quiserem jantar fora e divertir-se podem vir à confiança. Ainda hoje se eu disser que vou jantar à Boavista tenho que saber o sítio específico onde vou, não vou andar ali às voltas à procura de restaurante. Hoje em dia qualquer pessoa vem para aqui, estaciona o carro no parque de estacionamento, sai, dá duas voltas pelas ruas e tem tudo. Das pizarias ao tradicional português, mais sofisticados ou mais “tasca” tem tudo no centro da cidade. E acho que é isso que hoje em dia as pessoas procuram muito que é o vir um bocado descomprometidas sem saber muito bem o que vão fazer. Sabem que vêm para uma zona que tem tudo e depois escolhem. Isso é a vantagem de ter mais escolha.

### **Em que é que a revitalização deste quarteirão ajudou a cidade?**

É isto que estamos a falar. Primeiro a revitalização deste quarteirão trouxe uma coisa boa para a cidade que foi revitalizar todas as outras praças e ruas envolventes que não tinham absolutamente nada. Há sete anos atrás aqui na rua, quando estávamos a fazer obras tinha uma pensão com prostitutas ali à porta. Hoje me dia já não se vê essa parte mais degradante. Os vidros partidos de carros estacionados e os assaltos aqui eram bastantes. Não havia ninguém na rua, as pessoas só paravam aqui os carros. Mesmo a questão dos hotéis, hoje há dezoito novas propostas na Câmara para novas unidades hoteleiras para esta zona e isso não é só pelos turistas, os turistas vêm porque têm oferta. O “Intercontinental” não vinha para aqui só por causa dos turistas, vem porque os turistas têm oferta, sentem-se bem e têm que dormir em qualquer lado. E nós temos um papel importante nisso porque apostamos sempre na qualidade. E se hoje existem feirinhas de artesanato é porque as pessoas vêm para aqui passear para a “baixa” e depois ficam para jantar e para um copo à noite.

### **Então existe uma ocupação diurna, não é só um fenómeno nocturno?**

Começou como fenómeno nocturno. Claro que as pessoas agora ao passearem e estarem habituadas a vir para aqui à noite, durante o dia, ao fim-de-semana, vêm para aqui passear. Hoje em dia faz-se umas feiras de artesanato, umas feiras de produtos portugueses, depois uma feirinha de produtos em segunda mão, depois outra de verdes na Cordoaria... Mesmo as pessoas que têm negócios aqui... Nós temos amigos que têm os negócios aqui e querem morar aqui. E não precisam de ter carro e não precisam sequer de se preocupar com os transportes. Não temos dados estatísticos disso mas tenho a certeza que esta zona... esta zona tinha muito comércio, mas era aquele comércio mais antigo e começou a tornar-se um comércio mais evoluído. As próprias lojas mudaram um bocado e acompanharam o ambiente que estava a começar a vir para a baixa porque muito do comércio estava a falir. O que valia a muitos comerciantes eram as baixas rendas e estar o proprietário atrás do balcão. Aliás, há uns anos atrás havia muitas casas de referência aqui no centro da cidade que fecharam como é o exemplo da “Casa Forte” que era uma casa que ia desde roupa, a alfaiate, a sapatos de senhora, a electrodomésticos, tinha de tudo, e ali em Sá da Bandeira tinha dez lojas e há uns anos teve que fechar. De há dez anos para cá... Primeiro, o “Porto 2001” ajudou com as obras para arranjar a cidade. Parques de estacionamento que se construíram, praças que foram arrançadas, calçadas novas... Depois o “Euro 2004” em Portugal, a maior parte dos ecrãs exteriores... onde é que as pessoas se encontravam? As pessoas iam para a Ribeira, só que a Ribeira só tinha uma oferta de restauração quase, porque era uma zona de habitação e os poucos bares que iam abrindo e os mais antigos tiveram sempre alguns problemas, e eram espaços pequeninos, eram mais para

negócio local não era para receber os não sei quantos mil estrangeiros... Ou seja, as pessoas concentravam-se ali para comer e eles sabiam que os estrangeiros iam para o centro da cidade e eram obrigados a colocar vários pontos de projecção de jogos para espalhar um bocado as pessoas aqui pelo centro. E as próprias pessoas, um bocado por aquilo que senti e de muitos amigos meus que eram de outras zonas da cidade e conheciam muito mal a baixa... Notou-se que as pessoas do Porto, jovens principalmente, começaram a vir à baixa atrás dos jogos, e o ambiente que se criou que era de festa, ainda por cima Portugal foi à final, fez com que as pessoas criassem outro gosto pelo centro da cidade. Mas depois não havia nada, não havia continuidade, e a pouca coisa que havia estava ligada mais a um ambiente alternativo e das artes. Depois em 2006 o “Plano B”, nós e outras casas, começámos a trazer pessoas para esta zona...

### **Acreditam que esta reocupação nocturna e diurna deste quarteirão pode ajudar à reabilitação da baixa portuense?**

Sim, claro que sim. Quer dizer, o Porto tem a mania de ser sempre o oposto das cidades europeias... Mas acho que é inevitável que as pessoas procurem... Claro que há sempre especulação imobiliária e aí estamos com um problema grave, não há investimento do país nesta zona... eu digo do país porque se calhar o Porto, com o Rui Rio e com o próximo presidente, tem interesse em dinamizar esta zona em termos de habitação. Com os problemas que a Porto Vivo e o Rui Moreira tiveram com o estado: eles investiam e depois o estado não devolvia o dinheiro, a forma de eles pagarem e devolverem o dinheiro – parou o sistema todo. Se sempre foi mais investimento particular do que público, hoje em dia, vai havendo algum particular mas qualquer dia vai abrandar porque as pessoas vão perceber que os negócios não podem estar todos abertos porque não há gente suficiente, porque não há dinheiro... Agora as Cardosas com apartamentos de 100 metros quadrados a custarem duzentos mil euros... é investimento privado não podemos criticar, eles investiram, pedem aquilo que querem e cabe-lhes a eles venderem ou não. Em Mouzinho da Silveira, T4 com três lugares de garagem não há ninguém a morar. As pessoas acharam que de repente isto ia ser fácil demais... e não é. Quem vem morar para a baixa num apartamento de quatrocentos e cinquenta mil euros? Para isso compra uma casa em qualquer lado ou na Avenida da Boavista. Se nos últimos quinze anos saíram quase duzentas mil pessoas do Porto para a Maia, Matosinhos, porque a habitação era maior e mais barata, para trazê-los de volta e vender os seus apartamentos, que não conseguem, é mais difícil. É mais o mercado de arrendamento que está a funcionar. E quem não ligue muito a ter carro. Já há muita gente ali na Rua do Almada a recuperar casas para morar, para montar ali escritório... gente ligada às artes, são sempre os primeiros. Agora, trazer gente que tem uma casa na Foz por um milhão de euros, vender a casa e comprar um apartamento por quinhentos mil... É o mesmo que dois jovens de 22 anos a acabarem o curso e a morarem na Marechal, não dá jeito para nada. Querem estar no meio do movimento, querem estar com os amigos, querem ter transportes públicos ali perto... Aqui no centro têm o metro à porta, na Foz não há metro. Claro que para uma família com filhos, que precise de carro e tiver possibilidades de viver ali, se calhar vive com mais silêncio. Mas nem toda a gente procura o silêncio. Tudo tem os seus mercados e tem que se direccionar as coisas. Têm que ser casas mais baratas, recuperações em que, lá está, o apoio da Câmara é importante. Julgo que por culpa da Câmara por nunca se ter preocupado com isso nem nunca teve uma estratégia que

obrigasse os proprietários a recuperar as coisas. Há aqui muitos prédios a cair, completamente desfeita. Recuperar um prédio desses em termos de obra é caro e claro que dá apartamentos caríssimos...

### **Mas há atractividade nesta zona para futuros moradores?**

Há, para muita gente há.

### **A quem atribuem a responsabilidade do fenómeno da “movida”?**

É normal que uma câmara queira fazer bandeira. Que quando nós viemos para aqui a rua estava arranjada? Estava, se não estivesse se calhar não tínhamos investido o que investimos aqui. Por exemplo, o “Pitch” teve oito meses de obras à porta de casa sem poder entrar clientes. A obrigação da Câmara é ter as ruas arranjadas que é para isso que pagamos impostos, portanto, isso é uma obrigação. A Câmara aqui, e é a minha opinião, não teve influência nenhuma. A única influência foi um fenómeno que eu acho natural: primeiro começou com um movimento um bocado artístico, as escolas de artes estavam aqui no centro da cidade, quem vem estudar de Erasmus para aqui também procura o centro da cidade porque é onde há os transportes, onde há as lojas... Quando as instituições têm mais interesse em aplicar multas do que em que os negócios sejam saudáveis e legalizáveis... Fizeram bandeira? Fizeram. Eu se estivesse lá se calhar também fazia mas o que é facto é que a Câmara se tivesse interesse tinha que estar do nosso lado para licenciarmos o negócio o mais rápido possível sem ter que recorrer a profissionais. Nunca o fez, pelo contrário. Nós aqui estivemos dois anos e meio até estarmos licenciados. Se as coisas estão escritas na lei, se há um processo normal para legalizar um negócio seja ele qual for e se demora três anos a licenciar uma casa... não sei que ajuda foi essa. Quem tem responsabilidade foram os privados e por uma razão mais daquilo que se passava aqui, acho que estava ligado a um movimento mais artístico. Os primeiros bares a existirem aqui mexiam com um movimento mais artístico e essas coisas existiam para nichos de mercado. As pessoas se querem ver um concerto, se querem ver uma peça de teatro, vêm para a baixa... já vinham há uns anos... só que antigamente eu vinha com a minha mãe aqui ao Carlos Alberto, saíamos e não havia nada. O próprio Rivoli, que era um teatro municipal, e que podia ser utilizado para ajudar a trazer mais pessoas, foi entregue a uma gestão privada de Lisboa, que só fez asneira e deixou dívida. Há bem poucos anos atrás íamos ficar sem o Coliseu do Porto para ir para uma Igreja Universal do Reino de Deus. Por isso, a partir do momento em que a Câmara faz isso como é que pode pedir que lhe reconheçam algum mérito nisto que aqui aconteceu? Não teve mérito nenhum, foi investimento privado. Aqui nós sabemos aquilo que passámos. Isto era uma zona ligada a movimentos artísticos e *gay* também. Havia aqui muitos bares *gay* escondidos e depois houve o Lusitano que foi o primeiro que abriu portas ao público. As pessoas começaram a achar piada a esta mistura de pessoas, todo esse movimento, e nós começámos a sentir que havia a falta de espaços para outros públicos, para outros nichos de mercado. Nós abrimos de acordo com as necessidades que íamos sentindo que ia havendo, assim como outras pessoas foram abrindo assim. A Câmara não facilitou... E depois há fiscais que vêm tipo IURD buscar o dízimo... A Câmara não estava nada preparada para isto... Não foi capaz, nestes últimos seis anos de criar um gabinete de apoio específico para pessoas que queiram montar um negócio. Quem quer abrir um negócio vai a um *guiché* onde pode apanhar um sujeito que perceba muito de leis como pode apanhar alguém que não perceba nada. O que as pessoas precisam é de apoio ao negócio e a Câmara ainda hoje, dez anos depois, não tem um gabinete de apoio a pessoas que queiram montar negócios, sejam eles quais forem.

### **Quanto à fiscalização, consideram excessiva?**

Não é excessiva. Há muito mais casas que deviam ser fiscalizadas, o problema é como se fazem as fiscalizações. Paga o justo pelo pecador... até os próprios fornecedores actuam dessa maneira: há muito menos oferta de produto num negócio como o nosso que tem muita gente do que para o cafezinho me frente onde querem promover as vendas. A Câmara não multa o cafezinho da esquina porque está lá o senhor a trabalhar porque dois mil e quinhentos euros é muito para ele mas o que é facto é que a lei é para todos. É mais fácil chegar aqui, que está cheio de gente, cinco minutos depois do horário de fecho e pregar uma multa de dois mil e quinhentos euros. Se for um senhor que tenha ali um cafezinho pequeno que devia fechar à meia-noite e está aberto às quatro apanha uma multa de cento e cinquenta euros. E controlar um vendedor ambulante que não tem licença é uma coisa que dá trabalho. Eles aqui vêm, passam um papel e sabem que vai dar mil e quinhentos euros de multa mas o vendedor ambulante não tem multa, paga cento e vinte e cinco euros mas é só depois de ir recuperar o carrinho. Ou seja, quando há venda sem licença a multa que existe é a apreensão do material e dá muito trabalho ir com uma carrinha e estar a recolher aquilo tudo. Tem que haver um controlo diferente por parte das entidades que deviam estar unidas e ter uma estratégia. Não há cruzamento de informação. Por tudo aquilo que vimos lá fora, por tudo o que já viajámos, pelos anos que vivi em Lisboa [José Pedro Maia], pelas coisas que vi, nós sabíamos o que ia acontecer aqui. Na altura não havia venda ambulante, senhoras de balde cheio de gelo com cervejas lá dentro, não existia na altura. Mas nós alertámos de que isso ia acontecer e isto estava completamente desprotegido, sem policiamento. E quando houve uma reunião de Câmara e nós falámos disto a preocupação do Comandante da Polícia nunca foi ouvir, anotar e vir para o terreno ver o que se passava e se a nossa preocupação era válida ou não, o que ele fez foi justificar o porquê de não estar aqui polícia: “ah, mas nós temos policiamento ao perímetro”. O policiamento ao perímetro faz sentido no futebol, aqui não, aqui faz sentido policiamento no local: dois polícias aqui, dois polícias ali, depois rodam e andam por aí. Porque assim o senhor com o alguidar das cervejas saía do carro e o agente mandava-o embora. Isso é que é controlar. Por exemplo, quando tínhamos um restaurante, e era um restaurante de referência, que vinha referenciado em todas as revistas do mundo, no New York Times, e saíamos às quatro da manhã e tínhamos uma carrinha da polícia parada em cima do passeio em frente ao restaurante com os polícias a comer cachorros da barraquinha da esquina de um lado, e do outro lado da carrinha quatro indivíduos a urinar para a porta do restaurante...quer dizer...é uma cena... e uma pessoa não pode dizer nada, senão é: “vá-se embora, não se meta no meu trabalho”. Portanto nunca houve essa preocupação de realmente controlar o que está errado para que isto fique bom. O que há é a preocupação de ver quem está errado e pode pagar mais multas para poderem retirar algum benefício em termos monetários. Um caso escandaloso é a parte da frente do hotel Infante Sagres que tem sempre um rio de “xixi” a passar à porta. Passa ali polícia todos os dias mas ninguém diz a ninguém para não fazer ali “xixi”. Porquê? Vai dar trabalho, vão-se pegar, o rapaz se calhar está bêbedo e manda uma “boca” ao polícia...mas isso é falta de autoridade da polícia. Os carros! A Câmara resolvia bem aquela praça. Se sair aqui à porta, e na rua de baixo, é só “mecos” pelos passeios todos. Porque é que ali não tem? Porque eles sabem que chegam aqui às nove e meia ou dez da manhã e rebocam trinta carros...trinta carros, são cem euros cada carro, trinta carros a cem euros dá três mil euros... mas isso é só às nove e meia da manhã. Eles saem, desaparecem, e às duas da tarde estão aí outra vez e às sete outra vez. Porque é que não põem um “mecos” ali que assim já ninguém ia para lá? Resolviam bem o problema... Os problemas podem ser

resolvidos se as pessoas quiserem resolver os problemas para que as coisas fiquem melhor. Não é: “deixa fazer mal que é para a gente ir lá buscar algum dinheiro”, que eu acho que é a postura que acontece a todos os níveis, polícia, Câmara... Nós com a casa aqui já passámos por duas eleições e já estávamos a ver que ia ser assim, que iam fazer bandeira de campanha com isto, mas se nos perguntam se nos ajudaram eu digo categoricamente que não. Olhe, a limpeza... primeiro tentaram vender-nos a limpeza, e fizeram isso com o policiamento também... Só que nós já pagamos impostos de sobra para cobrir isso tudo. É que na altura que sugeriram o policiamento pago o único bar licenciado na rua éramos nós. Para pagar o policiamento tem que ser por um bar licenciado, senão a polícia não pode aceitar de um bar que não está licenciado, portanto como éramos nós íamos cobrar ao vizinho do lado a cota deles...tipo máfia... E em relação à limpeza queriam que fôssemos nós a pagar a limpeza da rua quando já éramos nós, cada bar, a limpar à sua porta. A questão também é muito o “pessoal da noite”. O “pessoal da noite”, para eles, não tem valor nenhum... E esta zona neste momento precisa de uma reorganização a todos os níveis: policiamento, estratégia, limpeza... Mas nunca houve essa preocupação. Não sei se é pelo nosso Presidente da Câmara não gostar de noite, não faço ideia... Eu estou com esperança no próximo presidente, seja ele qual for, que perceba melhor... Aliás, alguns dos candidatos são pessoas que frequentam a zona já há muitos anos... Isto é uma zona específica, foi criada à cerca de seis anos, ou pelo menos teve o boom há cerca de quatro, cinco anos, e é uma zona específica com coisas específicas e tem que ser organizada dentro da Câmara. A Câmara serve para proteger a cidade e para proteger os interesses da cidade, e isto é um interesse público neste momento. Todos os turistas...em qualquer guia do mundo inteiro mandam vir os turistas para a “zona das galerias”. A “zona das galerias” não é esta rua, é esta, a rua de baixo, aquela, as pessoas nem sabem bem qual é... As pessoas chegam e perguntam: “onde são as galerias?”, e dizem-lhes: “olhe, é para ali para aquelas ruas”. Esta zona foi baptizada por algum motivo. Se é referenciada em todo o lado como é que não existe, por arte de quem devia proteger a cidade, uma estratégia para que as coisas sejam bem feitas. Não há o orgulho de que as coisas sejam bem faladas lá fora... E ainda há outra coisa em relação à polícia: agora fazem uma coisa giríssima que é fechar o quarteirão com carros de polícia mas se alguém for assaltado os polícias não podem sair dali. Polícias há, afinal... nós juntámo-nos no início, chateámo-nos, forçámos um bocado a associação a marcar reuniões quer na Câmara, quer com vereadores, polícia, vários organismos, para tentar que as coisas logo desde o início...e no fundo sentimo-nos um bocado gozados, fomos para lá para não fazer nada...que eu tenho a noção que as pessoas que nos receberam, com cargos importantes, olharam para nós como “os gajos da noite”... Quando é para as fiscalizações da ASAE eles para aqui trazem os GOE. Os GOE são uma força especial da polícia. Vêm sujeitos encapuzados e entram aqui dentro de metralhadora. O que é que eu concluo? De que eles se convencem que somos uns bandidos, que qualquer sujeito que tem um bar é um bandido e pode estar armado e por isso eles vêm preparados para uma guerra. Na minha opinião não há estratégia. Primeiro, era criar um gabinete especial para licenciamento de bares que assim quem estiver responsável por isso sabe direitinho o que é, e em termos de estratégia de controlar isto e até de se aproveitarem do que o investimento privado fez para conseguir dinamizar e divulgar e aproveitar melhor, que nunca houve...nunca houve e devia ter havido, com o presidente, o vereador, o comandante da polícia, o comandante dos bombeiros... juntavam as entidades todas e discutiam como era melhor controlar isto...e até com alguns membros da associação de bares ou o presidente da associação. Nunca

fizeram nada disso, estão completamente a “marimbar-se” e é por isso que as coisas não funcionam e é triste.

**Acreditam neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?**

Tem que durar. Nós estamos a acreditar que é para durar senão já tínhamos vendido isto. A Câmara vai mudar de pessoa...e neste momento vejo que as pessoas – o Dr. Rui Moreira, o Dr. Luís Filipe Menezes, o Dr. Pizarro – frequentam a zona, e não é de agora, não é porque vêm fazer campanha...são pessoas que gostam de sair e que de certeza não gostam de sair daqui com a esposa e estar ali um grupo de bandidos de dezasseis anos a tentar roubar. Andam aqui como nós, eu acho que eles já perceberam tudo. Que era isso que faltava: andarem aqui como nós.

## **1.9. Entrevista – Café au Lait**

**Nome:** Pedro Araújo

**Espaço comercial:** Café au Lait

**Morada:** Rua das Galerias de Paris n° 46

**Qual a data de abertura do espaço?**

16 de Agosto de 2007.

**Qual o tipo de sociedade comercial?**

Sociedade unipessoal.

**O espaço comercial é único ou trata-se de um *franchising*?**

Único.

**Qual é o tipo de negócio?**

Estabelecimento de bebidas.

**Qual o motivo que levou à implantação do negócio na Rua da Galeria de Paris?**

Não tem exactamente a ver com esta rua, tem a ver com algumas premissas que eu estabeleci para escolher um local para um negócio. Tem a ver com localização no centro histórico, pelo valor patrimonial e histórico, pela arquitectura, pela reabilitação urbana de que esta zona foi alvo através da “Porto 2001”, que reabilitou toda uma série de ruas aqui à volta, pela actividade socioeconómica da zona ser menos de habitação, onde se poderia inserir... acho que basicamente foram estas as premissas... o estado da rua em si, o ambiente à volta e que tipo de funções é que estas ruas servem. Sendo que esta rua, as poucas funções que tinha antigamente eram direccionadas para o comércio, estavam inseridas numa zona forte e muito rica em património histórico e cultural... Toda esta zona aqui dos Clérigos é muito rica a nível de praças, de igrejas... E depois há outra coisa para mim importante que foi a já existência de um ou outro negócio. Não havia os “trezentos” que existem hoje mas havia pelo menos o “Piolho”, havia o “Plano B”, e basicamente só isso. Mas já havia a possibilidade de haver aqui uma zona de bares. E foram esses os motivos...a reabilitação urbana...e aí a “Porto 2001” teve um papel muito importante nesse aspecto porque teve uma visão de reabilitação das ruas, privilegiando os passeios largos... uma filosofia que encaixa com o tipo de empreendimentos que foram feitos a seguir, por mim, e pelas pessoas que vieram atrás. Havia outra zona em que eu estava na dúvida que era a zona ali de Passos Manuel mas ali a parte de reabilitação pela “Porto 2001” não foi feita.

**Quais as vantagens da sediação do negócio neste quarteirão?**

Coincidem mais ou menos com a escolha porque o facto de estar inserido nesta zona traz turismo, uma concentração grande de pessoas aqui... porque os motivos anteriores justificam a vinda de pessoas para cá. As ruas desenhadas de uma forma agradável para as pessoas passearem, haver uma zona de praças, de património histórico-cultural, há comércio, começam a abrir restaurantes depois de terem

aberto os bares... é uma zona rica da cidade, onde por vários motivos as pessoas se concentram cá, desde os turistas até as pessoas tanto do Porto como das zonas suburbanas à volta do Porto.

**Existem vantagens na existência de espaços comerciais semelhantes na zona? Quais?**

Sim. Há de haver aqui um ponto em que deixa de ser vantajoso pela saturação mas a concentração faz com que isto deixe de ser um fenómeno passageiro e passe a ser uma zona concertada e que vai perdurar no tempo. No fundo a grande vantagem é a previsibilidade de que nos próximos anos isto não vai desaparecer de repente.

**E desvantagens da sediação do negócio neste quarteirão?**

A Câmara do Porto. A forma como a Câmara do Porto actua e não apoia e atrapalha é uma clara desvantagem para o concelho em si e para a forma como é gerido. Mas isso não tem a ver com a Galeria de Paris tem a ver com todo um concelho que é gerido por toda uma equipa que tem uma perspectiva completamente conservadora do que é que deve ser uma cidade moderna, cosmopolita e que, supostamente, podia ser a capital do noroeste peninsular...que nunca o será. Portanto, põe entraves, complica, multa, não facilita, não limpa... Tanto burocraticamente como nas coisas mais simples, como assegurar a limpeza ou assegurar a segurança, só muito mais tarde... eu abro em 2007, só em 2011 ou assim é que começam a perceber o fenómeno e a actuar de forma contraditórias: a reforçar imenso a limpeza como a fechar mais cedo os bares... Se por um lado dão sinais de que estão atentos ao fenómeno e que querem actuar na hora e pelo menos manter as ruas limpas, por outro lado querem fechar bares e alterar as licenças... é claramente um entrave, que não tem a ver com a Galeria de Paris, tem a ver com o concelho. Relativamente a este pequenino “distrito” aqui da Galeria de Paris e arredores há desvantagens pelo facto de estar inserido numa zona em que há habitação... mas as desvantagens acabam por ser, para mim, também as vantagens. É óbvio que se isto fosse um armazém numa zona sem ninguém eu podia fazer todo o barulho que quisesse... e nesse aspecto pequenino era uma vantagem mas eu perdia em tudo o resto. As desvantagens são também as vantagens. O espaço é pequeno, nem sempre há lugar para estacionar... Mas eu é que quis vir para o centro histórico, não quis ir para a zona industrial. A logística não é muito simples: a entrega das bebidas, os armazéns são lá em baixo, não há uma entrada de TIR atrás como os armazéns têm... mas isso tudo é contornável.

**Existe colaboração/cooperação entre os vários espaços comerciais?**

Que eu conheça, não. Uma coisa parecida com o “Alta Baixa” em que o “Passos Manuel”, o “Pitch” e os “Maus Hábitos” se juntaram e fizeram uma coisa em conjunto...desse género nunca existiu.

**Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Sim. Concertos... Os concertos são regulares, tanto ao domingo à tarde, gratuitos, como concertos ao sábado e à sexta à noite de bandas locais e internacionais. Os próprios *dj sets* são feitos por gente do Porto. O “Café au Lait” tem uma postura nada comercial e nada *mainstream*, portanto, toda a sua maneira de funcionar é uma atitude cultural porque não repete as mesmas músicas que os outros sítios repetem e porque procura ter uma atitude de alguma irreverência. Já houve teatro, já houve galeria de arte na cave, há concertos de uma forma muito regular, já houve lançamento de livros, já houve conversas... A crise e a falta de dinheiro contêm a proliferação, não de ideias, mas de actividades. Mas continua a existir uma certa actividade.

**A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início da concepção do espaço?**

Sim, sim.

**E conseguem constatar uma relação oferta cultural/aumento de público?**

Pelo menos fidelização de público, sim. E acho que aumento de público também. Se calhar se passasse música latina até tinha um aumento de público mais exponencial mas se calhar não os fidelizava e aqui tenho um público mais fidelizado. Não é imenso público mas é o público que eu quero ter.

**As vossas iniciativas culturais fazem parte de algum tipo de agenda/programação ou são acontecimentos isolados?**

Neste momento não. Já existiu mas já não existe.

**Mas existe algum programador responsável?**

Sou eu. O que não existe é uma programação mensal como até há pouco tempo existia. Há eventos que são publicados em várias plataformas sendo que o *facebook* é a principal.

**E a maioria dos eventos surge de propostas externas ou...?**

Há parcerias que eu tenho, fixas, com produtoras locais, em que as propostas partem quer do “Café au Lait” quer da parte das produtoras. Esse tipo de iniciativa partiu do “Café au Lait”, de desafiar determinado tipo de pessoas que produzem música para ter aqui uma parceria mensal. E depois há pessoas que entregam propostas e eu analiso e vejo se acho conveniente para mim fazer esse espectáculo.

**Acreditam que a vossa presença (assim como a de outros espaços semelhantes) revitalizou esta área da cidade?**

Claro, obviamente. Porque trouxeram pessoas para aqui. Porque esta rua tinha prostituição há seis anos atrás e hoje não é possível isso acontecer porque está cheia de gente, tem restaurantes, tem bares. Especificando a Rua das Galerias de Paris, e a Cândido dos Reis se calhar é ainda mais notório... a Cândido dos Reis estava toda ela entregue ao sindicato dos bancários, e ainda está, e que não arrendavam a ninguém e, portanto, tudo aquilo estava devoluto. Aqui havia o que existe hoje: uma pensão da Santa Casa da Misericórdia e esta “Pensão Cristal”, que deve ter dez ou doze anos, e que há cinco anos foi reabilitada. Era uma pensão de má fama, de prostituição, mal frequentada...e era isto que existia nesta rua. Esta rua neste momento tem uns onze bares, um restaurante...havia o hospital mas que encerrava no horário de expediente, por isso à noite havia assaltos, toxicod dependência, prostituição... Portanto, obviamente, esta rua melhorou da escuridão para o dia. Melhorou muito.

**Para além da ocupação nocturna conseguem constatar algum tipo de vivência diurna desta área da cidade?**

Começa a existir. Acho que os bares foram a primeira coisa a existir e... o “Café au Lait” abre às cinco da tarde; o “Casa do Livro” antes abria à tarde e agora já não abre; o “Galerias Paris” abre de manhã, serve pequenos-almoços, almoços, lanches, jantares e tem discoteca; o “La Bohème” abre à tarde... Portanto, pelos exemplos desta rua, os bares não são exemplos completamente virados para a noite. Eu diria que quase todos abrem de dia. Apesar de serem negócios que funcionam principalmente à noite, todos eles estão abertos de dia. Para além disso já abriu um restaurante e um *hostel*. Começam a existir restaurantes, há a “Mezzanine” na Cândido dos Reis, há este centro comercial ali na Praça de Lisboa que eu não sei se teria existido aquele investimento todo ali se não tivesse existido pequenos investimentos aqui nossos aqui antes... Se isto fosse uma rua de toxicod dependência e prostituição tenho

dúvidas que aquela praça não estivesse entregue à toxic dependência e prostituição que era exactamente aquilo que acontecia há dois ou três anos atrás.

**Acreditam que esta reocupação nocturna e/ou diurna deste quarteirão pode ajudar à reabilitação da “baixa” portuense?**

Sim, acho que já se nota, acho eu. É uma percepção um bocado por *feeling* ou senso-comum, não tenho propriamente números, mas eu sinto que há mais pessoas a viver aqui perto... e há mais construção e reabilitação, e isto apesar do momento que o país atravessa em que não há investimento nem na construção civil nem das pessoas em si, para mudar de vida e saírem de casa dos pais para irem morar sozinhas.

**E a “movida” com o seu barulho, o seu lixo, não condiciona esse fenómeno?**

Condiciona para viver na Galeria de Paris, não condiciona para viver na “baixa”. É óbvio que a Rua das Galerias de Paris não é a rua mais confortável para se dormir porque quase não tem moradores e por isso tem uma ocupação que não tem essa vocação neste momento. Mas a “baixa” tem imensas zonas que não estão sujas, que não têm barulho e não é preciso ir muito longe.

**Acreditam neste fenómeno de revitalização deste quarteirão como algo efémero ou que se vai manter?**

Tudo isto, para mim começa no fim dos anos noventa quando decidem reabilitar urbanisticamente as ruas. Toda a malha: saneamento, electricidade, etc – tudo isso fica feito e os arruamentos ficam preparados para receber investimentos e pessoas. E depois é um caminho que se tem vindo a fazer e nem sequer acho que tenha chegado ao seu auge; já atingiu o seu auge ao nível de estabelecimentos de bebidas, começam a abrir restaurantes e lojas, e lojas com cariz mais alternativo, e acho que a habitação começa também a fazer o seu caminho... Portanto, acho que isto vai perdurar e que a cidade se vai transformar.

**Como caracterizam tipo de consumidor do vosso espaço?**

Tem entre os vinte e os quarenta anos, maioritariamente português e da região do Porto e com uma certa tendência para as artes e actividades culturais...muitos arquitectos, *designers*... É difícil caracterizar...

**Sentiram dificuldade em se instalarem aqui?**

Muita. Agora também me obrigaram a fazer todo o licenciamento de novo para poder ter... tive licença até às quatro da manhã, retiraram-me e passaram para as duas da manhã, e para poder ter novamente licença até às quatro da manhã obrigaram-me a fazer todo o licenciamento de novo. E o processo foi muito menos moroso do que em 2007. Em 2007 demorou dois anos com as coisas, à partida, bem feitas e bem entregues. Fui bater a todas as capelinhas: aos bombeiros, à saúde, aos gabinetes de arquitectura da Câmara, ao, na altura IPAR... Eu tinha a certeza que tudo estava bem feito pelo arquitecto e pelos engenheiros que assinaram o projecto, e apesar disso demorou dois anos. São dois anos de investimento em que se está parado.

**A relação com a Câmara...**

A Câmara tem problemas graves de funcionamento... pelo menos é o que me passa, pela minha experiência... não é capaz de ser rápida a analisar um projecto e a aprovar ou não aprovar, e depois tem

uma filosofia, que eu discordo profundamente, sobre o que deve ser a cidade e o centro da cidade e o dinamismo que um centro da cidade deve ter.

#### **Acha as medidas recentes despropositadas?**

Acho que são um *bluff*. Nem sequer sei quais são essas medidas...são o limitador que eu fui obrigado a comprar e no fundo está tudo igual.

#### **E o reforço do policiamento?**

Sim, isso é positivo. Há quatro polícias estacionados à sexta e ao sábado entre as dez e meia e as quatro da manhã a fechar esta zona. Pelo menos isso sim, acho que isso é dissuasor de fenómenos como carteiristas e outro tipo de fenómenos que podiam afastar as pessoas daqui. Agora, isso acontece em 2013. Isto abre em 2007. São seis anos de atraso; seis anos são um mandato e qualquer coisa de não perceber nada do que se está a passar. Qualquer medida que se faça quase uma década depois de as coisas terem acontecido acho que são sempre um bocado descabidas.

#### **Devia ter havido um planeamento...?**

Ou não atrapalhar. As câmaras também não têm que fazer as coisas todas, estamos numa sociedade liberal e capitalista, portanto... Há um investidor que chega, aluga um espaço... A Câmara não tem que demorar dois anos a licenciar. Tem que dizer se pode ou não pode e podendo tem que deixar. Agora, não pode é licenciar, depois retirar a licença... Porque é muito diferente para mim fechar às duas da manhã ou às quatro da manhã. Sendo que as pessoas aqui chegam à uma da manhã, fechar às duas é inviabilizar completamente o negócio, fechar às quatro não. Os restaurantes também não podem fechar às dez porque as pessoas chegam às nove e meia para jantar. Das duas, uma, ou é o Presidente da Câmara que está errado ou é toda uma sociedade que está errada ...tem uma visão conservadora da cidade, que já não existe. Mas isto das novas regras... Eu não sei que novas regras são essas, isto continua tudo igual! O executivo passa assim uma ideia de que vão acontecer imensas coisas, que vão fechar centenas de bares, e mais não sei o quê...há dezenas de bares que continuam a funcionar. Está tudo aberto, está tudo a funcionar sem limitador até às horas que lhes apetece. Eu cumpri tudo: fecho agora às quatro da manhã, tenho a licença, tenho limitador, pus as cortinas, fecho a porta, tudo como eles querem, mas vejo aqui à volta e está tudo igual. Bares que fecham, abrem quinze dias depois exactamente com as mesmas condições. “Ninguém pode ficar aberto depois das quatro da manhã”... Quantos são? Sete, oito? Portanto...não sei que medidas são essas. Tirando o facto de eu ter pago dois mil e tal euros pelo limitador, não sei que medidas são essas.

## **1.10. Entrevista – A Vida Portuguesa**

**Espaço comercial:** A Vida Portuguesa

**Morada:** Rua Galeria de Paris 20, 1º andar

**Qual a data de abertura do espaço?**

Novembro de 2009.

**Qual o tipo de sociedade comercial?**

Sociedade entre A Vida Portuguesa e Ach Brito.

**Quantos sócios compõem a sociedade comercial?**

Duas empresas distintas.

“Acredito que juntos, quase sempre, fazemos melhor. Gosto de trabalhar em equipa, ter alguém com quem discutir ideias e assim enriquecer os projectos. Na marca A Vida Portuguesa e na loja de Lisboa sou totalmente independente, arrisco como quero, faço o que me parece certo, nem que seja apenas por instinto. Tenho essa liberdade e isso é importante para mim. Já a loja do Porto é uma sociedade com a Ach. Brito, uma marca local que admiro infinitamente, exemplar no seu percurso de recuperação recorrendo inteligentemente à sua história e arquivo, sabendo penetrar num mercado de nicho a nível global.” Catarina Portas

**O espaço comercial é único ou trata-se de um franchising?**

Único.

**Qual é o tipo de negócio?**

O que de melhor se faz em Portugal: perfumaria, papelaria, livraria, ourivesaria, mercearia, drogaria, artesanato, brinquedos. Produtos que fazem parte do quotidiano de um país, na mais bela e criteriosa das selecções.

**Qual o motivo que levou à implantação do negócio na Rua da Galeria de Paris/Rua das Carmelitas?**

“Se quiséssemos abrir num *shopping* qualquer, teria sido fácil e rápido. Mas procurávamos uma loja central, antiga, com móveis de origem e muito bonita. A loja do Porto abriu depois de uma longa pesquisa. A vontade nasceu há dois anos e meio, a procura durou dois anos, três meses de negociações, quase outros dois de obras. E abriu, finalmente, a 22 de Novembro de 2009. Para nós, não se trata tanto de uma chegada como de um regresso, uma vez que grande parte dos nossos fornecedores se encontra no Porto e foi precisamente pelo norte do país que começou a pesquisa dos produtos que hoje se arrumam nas nossas prateleiras. Produtos como os chocolates da Arcádia, os lápis da Viarco, as farinhas da Zelly, os bordados de Viana do Castelo, o ouro de Travassos, a funilaria nortenha, o limpa metais Coração ou a

pasta Couto. Sem esquecer os sabonetes da Confiança e da Ach. Brito/ Claus Porto, que é sócia da loja da Invicta.” Catarina Portas

### **Quais as vantagens da sediação do negócio naquele quarteirão?**

A loja com entrada própria pela Rua Galeria de Paris, número 20, ocupa o primeiro piso dos Armazéns Fernandes Mattos & Companhia. Um espaço amplo, muito especial, que mantém o charme de outros tempos, da altura em que era um armazém de tecidos e fornecia, desde 1886, a clientela dos Clérigos.

Catarina Portas explica: “lembro-me de um dia estar parada na esquina a olhar para a loja e pensar se eu pudesse escolher, independentemente de todas as circunstâncias, seria esta a loja que eu queria, que é lindíssima e está no sítio certo. A loja original Fernandes Mattos continua a existir no rés do chão, nós ocupamos o primeiro andar, no antigo armazém. Todos os móveis existentes foram recuperados e conservados, apenas entrou um sofá onde agora os clientes se podem sentar a contemplar a Torre dos Clérigos, mesmo à sua frente”.

### **Existe colaboração/cooperação entre os vários espaços comerciais?**

Sim. Já organizámos eventos em conjunto, somos clientes dos espaços uns dos outros (o Plano B vem aqui comprar a decoração de Natal, por exemplo, outros os sabonetes para utilização dos empregados o ano inteiro). E temos sempre muito gosto em promover os nossos vizinhos. Acreditamos nas sinergias e em trabalharmos juntos para um bem maior, para tornar esta zona dos Clérigos mais vibrante e viva.

### **Existe algum tipo de iniciativa cultural no vosso espaço?**

Sim, já tivemos lançamentos de livros (como o do geógrafo Álvaro Domingues “A Rua da Estrada”), apresentações públicas, concertos musicais. Temos a sorte de ter bastante espaço para esse fim, no nosso armazém do segundo andar.

### **A dinamização cultural foi algo tido em conta desde o início da concepção do espaço? Porquê?**

A dinamização cultural nunca foi um fim em si mas se há um produto que vendemos pode ser lançado aqui, um livro que vendemos e pode ser lançado aqui, ou um evento que sentimos se adequa à nossa filosofia, então faz todo o sentido.